

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP



ANA MARIA MORINI

“Emigrantes brasileiros qualificados no Canadá”

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÃO PAULO

2021

ANA MARIA MORINI

“Emigrantes brasileiros qualificados no Canadá”

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, área de concentração em Sociologia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Machado Bógus.

SÃO PAULO

2021

Emigrantes brasileiros qualificados no Canadá

Banca examinadora:

Prof. Dra. Lúcia Maria Machado Bógus (Orientadora)

Profa. Dra. Maura Pardini Bicudo Vêras / PUC-SP

Prof. Dr. Luis Felipe Aires Magalhães

Dedico esse trabalho primeiramente aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e deram a base de tudo que sou hoje. As saudades são grandes, mas as lembranças acalentam o coração.

Ao Herbert, amor da minha vida, grande incentivador, que não mediu esforços para que superasse as dificuldades e concluísse esse trabalho com êxito.

A todos os imigrantes que precisam superar inúmeras dificuldades para recomeçarem suas vidas em terras estrangeiras, e a todos aqueles que perderam suas vidas em travessias antes de conseguir chegar em seus destinos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da FUNDASP.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à querida orientadora, Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Machado Bógus, pelas ricas contribuições, pelo apoio e dedicação constante. Suas palavras motivadoras foram essenciais para o desenvolvimento e conclusão dessa pesquisa.

Agradeço aos professores da PUC-SP pelo compartilhamento de conhecimentos que foram essenciais para o desenvolvimento dessa pesquisa, especialmente à Maura Pardini Bicudo Vêras e ao Luis Felipe Aires Magalhães.

Agradeço aos amigos conhecidos nos bancos das salas de aulas, pelas conversas e dicas preciosas para o trabalho que continuaram nas telas dos computadores, condições impostas pela pandemia, mas que foram essenciais para o enfrentamento deste difícil momento que passamos.

Não poderia deixar de agradecer às amigas e professores do grupo de estudo Psicologia da Religião da USP, que foram as primeiras inspirações para me tornar uma pesquisadora.

Um especial agradecimento aos entrevistados que se dispuseram a dedicar uma parte de seu tempo e me ofereceram ricas contribuições para a construção desse trabalho.

E agradeço a todos os funcionários da PUC, sempre prestativos no suporte necessário para cumprir as exigências burocráticas do processo acadêmico.

RESUMO

Essa dissertação pretende colaborar com o debate sobre o fenômeno migratório, especialmente dos emigrantes brasileiros qualificados no Canadá. O objetivo principal da pesquisa é compreender a política imigratória canadense e analisar como o contexto migratório se revelou determinante na inserção no mercado de trabalho destes indivíduos. A literatura aponta que muitos imigrantes, embora possuindo formação técnica e profissional, não conseguem atuar dentro da área de sua qualificação. A hipótese que norteou essa pesquisa é que emigrantes brasileiros qualificados no Canadá encontram dificuldades para conseguirem trabalhos compatíveis com sua qualificação. No entanto, esses imigrantes encontram no país condições melhores das que possuíam no Brasil, tanto em relação à qualidade de vida quanto ao retorno financeiro. Foram realizadas entrevistas com 15 brasileiros qualificados que moram e trabalham no Canadá em que se buscou levantar dados básicos do perfil, como sexo, idade, naturalidade, formação acadêmica, as suas experiências profissionais no Brasil e no Canadá, as motivações e procedimentos feitos para a emigração. Trata-se, portanto, de uma pesquisa empírica, de caráter exploratório, onde foram utilizados métodos de levantamento bibliográfico, documental e de campo, que levaram à produção de dados qualitativos. Assim sendo, essa dissertação comprovou a hipótese levantada, ou seja, que os emigrantes brasileiros qualificados no Canadá encontram dificuldades para conseguirem trabalho compatível com sua qualificação.

Palavras-chave: Imigração qualificada; Migração internacional; Política migratória; Brasileiros no Canadá.

ABSTRACT

This dissertation intends to collaborate with the debate on the migratory phenomenon, especially of qualified Brazilian emigrants in Canada. The main objective of the research is to understand the Canadian immigration policy and analyze how the migratory context proved to be determinant in the insertion in the labor market of these individuals. The literature points out that many immigrants, despite having technical and professional training, are unable to work within their qualification area. Thus, the hypothesis that guided this research is that qualified Brazilian emigrants in Canada find it difficult to get jobs compatible with their qualifications. However, these immigrants find in the country better conditions than they had in Brazil, both in terms of quality of life and financial return. Interviews were carried out with 15 qualified Brazilians who live and work in Canada, which sought to raise basic profile data, such as gender, age, place of birth, academic background, their professional experiences in Brazil and Canada, the motivations and procedures made for emigration. It is, therefore, an empirical research, of an exploratory nature, where bibliographic, documental and field survey methods were used, which led to the production of qualitative data. Therefore, this dissertation confirmed the hypothesis raised, that is, that qualified Brazilian emigrants in Canada find it difficult to get a job compatible with their qualification.

Keywords: Skilled immigration; International migration; Migration Policy; Brazilians in Canada.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número e proporção da população do Canadá, nascida no estrangeiro.....	51
Gráfico 2 - Distribuição em percentagem da população nascida no estrangeiro, por local de nascimento, Canadá, de 1871 a 2011.....	53
Gráfico 3 - Concessão de Visto de Residente permanente pelo governo canadense, para imigrantes brasileiros, entre 2000 e 2020	59
Gráfico 4 - Faixas etárias dos respondentes	62
Gráfico 5 - Pós-graduação dos entrevistados	66
Gráfico 6 - Motivação / expulsão	78
Gráfico 7 - Trabalho dos entrevistados no Canadá, em relação à sua qualificação profissional	118
Gráfico 8 - Dificuldades e barreiras enfrentadas	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Legislações canadenses sobre a imigração de 1867 até 1967	54
Tabela 2 - Concessão de Visto Residente Permanente pelo Canadá para imigrantes brasileiros, entre 2000 e 2020	58
Tabela 3 - Perfil dos entrevistados	61
Tabela 4 - Áreas de formação dos entrevistados	65
Tabela 5 - Tipo de visto, cidade em que moram e intenção de retorno	93
Tabela 6 - Trabalho dos entrevistados no Canadá, em relação à sua qualificação profissional	117

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa do Canadá com províncias e territórios 95

Mapa 2 - Mapa canadense detalhado 96

Sumário

INTRODUÇÃO	2
Capítulo 1. O FENÔMENO MIGRATÓRIO.....	10
1.1 Modelo Microeconômico	17
1.2 Modelo Macroeconômico	20
1.3 A migração qualificada	23
1.4 A imigração no Brasil.....	35
1.5 Movimento de brasileiros para fora do Brasil.....	41
Capítulo 2. POLÍTICAS IMIGRATÓRIAS DO CANADÁ.....	45
2.1 História da formação do Canadá	46
2.2 Histórico das imigrações no Canadá	49
2.3 Política imigratória no Canadá	53
Capítulo 3. A inserção no mercado de trabalho dos emigrantes brasileiros qualificados no Canadá.....	60
3.1 O perfil dos entrevistados	61
3.2 Motivações para a emigração / fatores de expulsão	67
3.3 O processo imigratório dos entrevistados	78
3.4 Tipo de visto, cidade em que moram e desejo (ou não) de retorno.....	93
3.5 A jornada profissional dos entrevistados no Brasil e no Canadá	97
3.6 Dificuldades e barreiras relatadas pelos entrevistados	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS.....	127
ANEXO 1 – Roteiro das Entrevistas	132

INTRODUÇÃO

A globalização e os avanços das tecnologias de informação e comunicação têm provocado inúmeras transformações em todos os segmentos da sociedade. O mercado mais competitivo, tanto para as organizações como para as pessoas, demanda alterações no formato do trabalho e das carreiras profissionais.

Baeninger e Bógus (2018) apontam que a globalização impactou também os movimentos migratórios, provocando deslocamentos populacionais de uma maneira muito diferente das já observadas em épocas anteriores. Nesse contexto em que as mudanças no mercado profissional urbano e a reestruturação da produção nos países considerados emergentes têm diminuído as ofertas de trabalho, muitos trabalhadores mais vulneráveis e com pouca qualificação, se vêm forçadas a migrarem em busca de trabalho.

Diversos são os fatores que podem exercer pressão nas decisões de carreira de uma pessoa e alguns podem inclusive estimular uma mudança na trajetória de carreira. É o que ocorre com as pessoas que enfrentam o desafio de mudar de seu país de origem, impulsionados por conflitos armados ou desastres naturais ou mesmo por crise econômica, escassez de ofertas de empregos, desejo de morar em outro país que ofereçam oportunidades profissionais e qualidade de vida melhores do que aquelas encontradas no país de origem.

Como psicóloga, me interessa a relação do homem com seu trabalho e o estudo das carreiras profissionais. O tema migração sempre me sensibilizou, por ser neta de imigrantes italianos e presenciar o sofrimento que muitos imigrantes têm enfrentado em diversos pontos pelo mundo. Ao assistir a um simpósio sobre migração na PUC-SP, a professora Lucia Bógus, minha orientadora, expôs sobre o grande número de imigrantes qualificados, ou seja, com formações acadêmicas e especializações, que se deslocam de seus países por diversas razões, como por exemplo, por não encontrarem oportunidades de atuar dentro de suas qualificações em seus países, por não serem reconhecidos pelas suas competências profissionais, ou outros motivos de ordens pessoais. Esses fatores

foram determinantes na decisão de investigar como emigrantes qualificados se inserem no mercado de trabalho em um país diferente daquele em que nasceu, onde realizou sua formação acadêmica e desenvolveu sua carreira profissional até o momento do deslocamento.

Essa pesquisa buscou colaborar com o debate sobre o fenômeno migratório, em especial dos emigrantes brasileiros qualificados no Canadá, tendo como objetivo principal a compreensão e análise da política imigratória canadense e especialmente às que se referem à inserção do imigrante qualificado no mercado de trabalho. Ao longo desta dissertação procuraremos analisar dados adquiridos no levantamento bibliográfico e no trabalho de campo, como o contexto migratório se revelou determinante na inserção no mercado de trabalho destes indivíduos, nas oportunidades de atuação dentro ou fora da área de formação, se foram relatadas experiências de rebaixamento profissional e como elas impactaram a vida deles. Os objetivos específicos são os elencados abaixo:

- ✓ Ampliar o conhecimento sobre o tema das migrações internacionais através da realização de um levantamento bibliográfico com as principais teorias e autores da área;
- ✓ Ampliar o conhecimento sobre a migração de profissionais qualificados;
- ✓ Conhecer as principais motivações que levaram esses brasileiros a viver em outro país;
- ✓ Aprofundar o conhecimento sobre a política imigratória no Canadá;
- ✓ Compreender e analisar as principais diferenças entre as políticas imigratórias do Canadá anglófono e francófono.
- ✓ Conhecer e analisar o percurso de emigrantes brasileiros qualificados que vivem e trabalham no Canadá, inseridos em diferentes atividades profissionais e distintos graus de formação acadêmica.

O expressivo número de imigrantes qualificados nos diversos fluxos internacionais tem demandado estudos específicos como a criação do “Manual Canberra”, desenvolvido com a colaboração da Organization for Economic Co-operation and Development (OCDE), da EUROSTAT, da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e a Organização

Internacional do Trabalho (OIT) recomenda que, para um profissional ser classificado como qualificado, precisa possuir formação superior na área da Ciência e Tecnologia ou que seja capaz de exercer e/ou que esteja empregado em ocupações dessas áreas, mesmo sem a formação superior (DOMENICONI e BAENINGER, 2017).

A literatura aponta dificuldades encontradas pelos imigrantes para inserção no mercado de trabalho nos países de destino, tanto os qualificados quanto os sem qualificação profissional, apesar dos valores que esses profissionais acrescentam ao país acolhedor. Os trabalhadores com baixa ou nenhuma qualificação costumam trabalhar em atividades que os nacionais se recusam a exercer, enquanto os trabalhadores internacionais qualificados oferecem um diferencial competitivo na produção e gerenciamento de inovações tecnológicas, científicas e comerciais, conforme apontou Acciolly (2010).

A migração de carreira, assim como os movimentos migratórios internacionais, de uma maneira geral, é diretamente impactada pela reestruturação territorial planetária, que, por sua vez, está intrinsecamente relacionada à reestruturação econômica produtiva em escala global (PATARRA, 2005).

Muitos imigrantes, embora possuindo formação técnica e profissional, não conseguem atuar dentro da área de sua qualificação. Quintanilha e Segurado (2020), a partir de dados do relatório do OBMigra de 2018, mostram que, no Brasil, uma parte considerável dos imigrantes qualificados que ingressam no país trabalha em linha de produção, açougueiro e abatedor em frigoríficos, além de atividades precárias na construção civil, restaurantes e serviços de limpeza, bem aquém de suas especializações profissionais.

Guedes *et al.* (2018) relatam que, apesar das demandas em diversos países pela mão de obra de migrantes qualificados, muitos entraves legais, burocráticos e políticos à contratação deles, além de falhas entre as bases de dados e articulação entre importantes atores políticos, estão presentes nos percursos destes profissionais.

Algumas exceções são destacadas por Schwartzman e Schwartzman (2015), com a ressalva que, aqueles que conseguem se inserir no mercado de

trabalho formal dentro da área de sua formação ou experiência, são privilegiados, resultantes de uma política de imigração estratificada socialmente, com possíveis vínculos entre migrantes altamente qualificados, migrantes de classe alta e o estabelecimento de empresas estrangeiras no país.

Diante destas pontuações, a pesquisa pretender responder as seguintes perguntas:

- ✓ Quem são os emigrantes brasileiros qualificados no Canadá?
- ✓ Realizou migração interna no Brasil antes de ir para o Canadá?
- ✓ Qual a motivação (ou motivações) para o deslocamento?
- ✓ Qual o fator (ou fatores) de expulsão?
- ✓ Mudaram sozinhos?
- ✓ Se mudaram com alguém, quem é ou são essas pessoas?
- ✓ Receberam estímulo ou informações para a emigração de alguém que já vivia no país de destino? Se positivo, quem seria essa(s) pessoa(s)?
- ✓ Quais as dificuldades e barreiras encontradas no processo migratório e na adaptação no país de destino?
- ✓ Qual o percurso profissional desde a chegada ao país?
- ✓ A ocupação profissional no momento está compatível com sua qualificação?
- ✓ Quais as vantagens percebidas em viver e trabalhar no país escolhido, em comparação com o Brasil?
- ✓ Tem planos de retornar ao Brasil, ou de morar em outro país?

A hipótese que norteou essa pesquisa é que emigrantes brasileiros qualificados no Canadá encontram dificuldades para se colocarem profissionalmente em um trabalho compatível com sua qualificação. No entanto, esses imigrantes encontram no país em que vivem condições melhores que as encontradas no Brasil, tanto de qualidade de vida quanto de retorno financeiro. Outra hipótese é que esses emigrantes já realizaram movimentos migratórios dentro do Brasil em busca de oportunidades profissionais, antes do deslocamento para fora do país.

Com fins de analisar o fluxo emigratório de brasileiros qualificados para o Canadá e investigar se a colocação profissional no momento é compatível com sua qualificação, a presente pesquisa tem caráter exploratório. Foram utilizados métodos de pesquisa bibliográfica, documental e de campo, buscando contemplar aspectos qualitativos.

A entrevista é uma das mais importantes técnicas para coleta de dados em pesquisa social, segundo Gil (2019), em que uma relação social atípica entre duas pessoas que não se conhecem previamente conversam durante um determinado tempo, e é possível obter múltiplas informações, especialmente dados mais profundos sobre o comportamento humano. A entrevista é composta de perguntas previamente elaboradas em que os entrevistados podem responder de maneira livre, sem ter que escolher entre alternativas dadas.

No trabalho de campo foi escolhida uma amostra intencional de 15 brasileiros qualificados que moram e trabalham no Canadá em que buscou-se levantar, além dos dados básicos do perfil, como idade, naturalidade, formação acadêmica, as suas experiências profissionais no Brasil e no Canadá, as motivações e procedimentos feitos para a emigração. Utilizou-se para estabelecer o tamanho da amostra, a técnica da bola de neve em que os respondentes iniciais indicam outras pessoas que poderão integrar na amostra. O ponto de saturação é atingido quando as respostas começam a se repetir.

Como critério para participar da entrevista, os respondentes tinham que possuir nível de escolaridade superior completo, além de residir e trabalhar no Canadá por, no mínimo, dois anos. As entrevistas foram direcionadas no sentido de levantar dados sobre os perfis dos entrevistados, detalhes da formação acadêmica, experiência profissional no Brasil e no Canadá, processo emigratório, motivações para a decisão da emigração, dificuldades e benefícios encontrados, entre outros, que serão expostos detalhadamente no capítulo três. O roteiro das perguntas feitas nas entrevistas pode ser conferido no Anexo 1.

Devido à distância física entre pesquisador e entrevistados, as entrevistas foram intermediadas pela internet por meio de vídeo chamada pelo aplicativo Whatzapp, com gravação de áudio para consultas e esclarecimentos posteriores. Antes do início da entrevista, a pesquisadora se apresentou,

expondo os objetivos da pesquisa, explicou o Termo de Consentimento de Livre Esclarecido – TCLE - e solicitou que cada entrevistado verbalizasse sua concordância em participar, se estava sendo feito de forma voluntária, se preferia manter sua identidade em sigilo através do uso de um pseudônimo ou se permitia citar o nome verdadeiro.

Este trabalho seguiu todos os procedimentos éticos de pesquisa, com técnicas adequadas descritas na literatura e que não implicam em qualquer risco físico, psicológico, moral ou prejuízo aos indivíduos participantes. As entrevistas foram realizadas após o consentimento de cada respondente e da apresentação dos objetivos da pesquisa e duraram entre 30 e 90 minutos cada uma. Os resultados foram analisados com o auxílio de tabelas e gráficos para melhor visualização e interpretação das respostas e dos dados coletados.

É importante esclarecer que a pesquisa não contempla os “expatriados”, termo utilizado no mundo corporativo e que indicam uma posição mais confortável dos imigrantes. O expatriado deixa seu país para viver no exterior sob a tutela de uma empresa que se responsabiliza pelo processo emigratório, pela moradia, transporte, adaptação, segurança, facilitando a adaptação, mantendo um vínculo com o país de origem devido à ligação com a empresa que proporcionou essa mudança (RAMOS, 2017). A autora explica que o termo tem origem latina e se refere a alguém sem pátria, mas a conotação no mundo dos negócios é bem diferente daquela vivenciada por aqueles que tiveram que abandonar seu país na época da ditadura, por exemplo.

Para facilitar a compreensão da pesquisa, a dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro capítulo, “O fenômeno migratório” apresenta uma revisão bibliográfica das teorias sobre os fenômenos migratórios, tanto as clássicas quanto as contemporâneas, com a intenção de oferecer uma breve visão do tema pelo mundo e pelo Brasil e buscar ampliar o entendimento do fenômeno social da migração, os fatores de expulsão e as motivações que influenciam as decisões das mobilidades. Discorreremos brevemente sobre as imigrações no Brasil, assim como os movimentos de brasileiros para fora do Brasil. Para tal, nos amparamos em autores como Abdelmalek Sayad, Paul Singer, Saskia Sassen, Zigmunt Bauman, Charles Tilly, Neide Lopes Patarra, Lucia Maria Machado Bógus, Maura Pardini Bicudo Vêras, Rosana Baeninger,

Teresa Sales, Maxine Margolis, entre outros, que fornecem ricas contribuições sobre o tema e provocam profundas reflexões não apenas para pesquisadores, mas para todas as pessoas que se sentem tocadas de alguma forma pela situação dos imigrantes nas diferentes partes do mundo.

A modalidade migratória conhecida como migração qualificada será tratada neste capítulo com a intenção de conhecer suas especificidades, abordagens teóricas e dificuldades encontradas pelos profissionais para inserção no mercado de trabalho dentro da área de qualificação nos países de destino. Entre os autores consultados estão Charles Tilly, George Martine, Joice Domeniconi, Gilda Momo, Michael Joseph Piore, Jorge Martínez Pizarro e Adela Pellegrino.

O segundo capítulo, “Políticas Imigratórias do Canadá” traz um panorama histórico da formação do Canadá, incluindo os principais fluxos migratórios e as políticas imigratórias que explicitam como o país trata seus imigrantes. Os autores consultados foram Fernanda Bizzo, Marcus Vinícius Fraga, Lucia Maria M. Bógus, Alain G. Gagnon, Raffaele Iacovino, Franklin Goza e Rodrigo Ferrel Segá, além de dados estatísticos coletados no site Statistique Canada.

O terceiro capítulo, “A inserção no mercado de trabalho dos emigrantes brasileiros qualificados no Canadá”, traz o desenvolvimento da pesquisa com os dados levantados no trabalho de campo, trechos dos relatos dos entrevistados e análises desenvolvidas tendo por base as teorias consultadas.

As Considerações Finais trazem o diálogo obtido entre os resultados do trabalho de campo com a literatura consultada, apresentando as limitações encontradas no desenvolvimento da pesquisa e as sugestões para pesquisas futuras.

Pretende-se que os dados levantados neste trabalho possam servir como referências para o desenvolvimento e apoio de programas de acolhimento aos imigrantes, orientando os mesmos em atividades em que poderão suprir não apenas suas necessidades econômicas, mas também suas pretensões de desenvolvimento pessoal e profissional. Espera-se que a análise desses dados amplie também a compreensão da realidade de brasileiros qualificados que vivem no Canadá assim como, das questões brasileiras que expulsam a mão-

de-obra qualificada de brasileiros para o mercado internacional. Finalmente, acreditamos que este trabalho colabore com o conhecimento da posição que o Brasil ocupa na oferta e procura de mão-de-obra qualificada no contexto da migração internacional.

Capítulo 1. O FENÔMENO MIGRATÓRIO

Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser. E esse trabalho que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o “mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes. (SAYAD, 1998, p. 55).

A imigração é um “fato social completo” estudado no campo das ciências sociais e recebe a contribuição de diversas disciplinas, entre elas a história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia e psicologia social (SAYAD, 1998). O autor observa que o fenômeno migratório ao longo da história se confunde com a história do sistema econômico, seguindo as lógicas dos determinismos econômicos e as categorias de nosso entendimento político, social, econômico, cultural, moral, político (nacional e nacionalista) e mental.

Corroborando com a visão de Sayad, Singer (2002) entende as imigrações internas estando intimamente relacionadas com seus momentos históricos e derivam dos processos globais de mudanças. Assim, o autor sugere que os estudos desses fenômenos sociais devem ter como ponto de partida os momentos históricos que fazem sentido aos fluxos migratórios de determinado país. As migrações internas na Grã-Bretanha decorrentes da Revolução Industrial, assim como as migrações dos povos germânicos que derrubaram o Império Romano e os ameríndios no período pré-colombiano, são exemplos citados por Singer (2002). O autor acrescenta que as migrações observadas do campo para a cidade em países em processo de desenvolvimento industrial estão condicionadas a esse processo de industrialização.

Singer (2002) distingue três tipos distintos de industrialização: o resultante da Revolução Industrial que deu origem ao sistema econômico dos países capitalistas desenvolvidos; a industrialização dos países de economia centralmente planejada da União Soviética, Países da Europa Oriental, Ásia e Cuba e a industrialização em moldes capitalistas desenvolvidos em países que foram colônias europeias na América Latina, Ásia e África. A partir destas modalidades o autor sugere investigar até que ponto os processos de industrialização condicionam os fluxos migratórios.

A industrialização de uma cidade provoca transformações de seus espaços em busca de atender às novas demandas e necessidades além de uma profunda alteração na divisão social do trabalho (SINGER, 2002). Busca-se o aproveitamento de uma infraestrutura como serviços de água, energia, transportes entre outros através de uma aglomeração dos espaços da atividade industrial. As cidades vizinhas investem em produção de mercadorias para atender ao funcionamento das indústrias que, por sua vez, economizarão com transportes além de proporcionar trabalho para a população do entorno que também passará a ser consumidora de bens e serviços locais.

O avanço tecnológico na agricultura aumenta a produtividade ao mesmo tempo em que reduz o número de funcionários que, por sua vez, buscarão nas cidades industrializadas oportunidades de trabalho, caracterizando assim as migrações internas com fluxo do campo para a cidade, mas que também podem ser observadas nas migrações internacionais. Assim, Singer (2002) ilustra que a urbanização, ou seja, a aglomeração espacial das atividades nas cidades industrializadas provoca a mobilidade das pessoas para onde estão os empregos, resultando em uma redistribuição espacial da população para se adaptar ao rearranjo espacial das atividades econômicas.

Desta maneira, o modelo de industrialização dos países capitalista é responsável pela criação das desigualdades regionais que impulsionam as migrações internas semelhantemente aos fluxos migratórios internacionais entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos (SINGER, 2002). O “êxodo rural”, um fenômeno observado dentro dos territórios nacionais em que a população rural se movimenta para a cidade em consequência do esgotamento das reservas locais e as necessidades das cidades decorrentes do processo capitalista promove a desvalorização de um lado e a urbanização e industrialização do outro (SAYAD, 2000).

Com o esgotamento da migração chamada de vizinhança, Sayad (2000) explica que o fenômeno se expande para a escala denominada de “a economia mundo”, onde as mesmas causas produzem os mesmos efeitos, ou seja, a busca do trabalho dentro do contexto da economia capitalista que cresce, sendo constatada como a única economia existente.

Como um processo contíguo, o êxodo rural passou as fronteiras sob a forma de emigrações e imigrações além dos limites dos países. Assim, Sayad (2000) aponta que o duplo fenômeno da emigração e imigração pode ser explicado a partir das condições econômicas dos países envolvidos, ou seja, a emigração é maior nos países que são pobres em ofertas de trabalho assalariado, contudo há excesso de mão-de-obra. Já a imigração se dá em países com muitas ofertas de empregos, porém, com escassez de mão-de-obra. Assim, Sayad (2000) demonstra que a desigualdade de desenvolvimento entre esses países define a relação de dominação de acordo com o tipo de transferência, ou seja, os dominantes possuem ofertas de emprego que os dominados precisam para sua mão-de-obra.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Level, Silva e Magalhães (2020) chamam atenção quanto às desigualdades existentes nos sistemas de integração entre as economias dos países no contexto da globalização, que criam e reproduzem fatores de expulsão de milhares de pessoas de suas terras, obrigando-as a migrarem para sobreviverem e, contraditoriamente, impõem rigorosos mecanismos de controle das fronteiras, dificultando a entrada de pessoas não desejadas.

A partir da década de 1970 o padrão de produção sofreu uma reestruturação radical, passando a seguir o sistema de “acumulação flexível” que impactou tanto os processos de trabalho e o mercado de trabalho, como os produtos e os padrões de consumo, sendo responsável diretamente pela precariedade do trabalho, tendo em vista o grande número de desempregados (HARVEY, 2008). Desta maneira, os migrantes são os que mais sofrem com essa precarização do trabalho, pois, são forçados a ocupar posições abaixo de seu nível de qualificação uma vez que não possuem cidadania e encontram-se nos estratos mais baixos da pirâmide social, e representam para o mercado “...uma força de trabalho disponível, barata e provisória, que pode ser dispensada quando convém.” (LEVEL, SILVA E MAGALHÃES, 2020, p. 124).

Neste cenário e com as facilidades de mobilidade e comunicação, o fenômeno migratório tornou-se mais intensivo e evidente (LEVEL, SILVA e MAGALHÃES, 2020) gerando a necessidade de ampliação e aprofundamento de seus estudos, uma vez que passa a ser transnacional (BAENINGER, 2013)

seguindo os rumos das transformações do capital e trazendo novas modalidades de deslocamento, novas motivações e novas características. Ressaltando a necessidade de estudos sobre as migrações internacionais diante desta nova realidade, Baeninger (2018) afirma:

“...é preciso ampliar o entendimento das migrações internacionais atuais, onde a “crise migratória origem-destino” compõe parte de um movimento mais amplo de mobilidades transnacionais, com variadas origens, etapas, passagens e destinos provisórios ou permanentes em uma mesma trajetória imigrante.” (p.136).

Giddens e Sutton (2017) apontam que a globalização se inspira em ideias de Marx quando debatia sobre as tendências expansionistas do capitalismo e de Durkheim sobre a disseminação geográfica da divisão do trabalho, embora o termo “globalização” só começasse a ser utilizado após 1961 e, em economia, em 1980. Os autores apresentam uma *definição prática* para globalização: “Diversos processos pelos quais populações humanas geograficamente dispersas são levadas ao contato mais próximo e imediato entre si, criando uma comunidade única ou sociedade global.” (p.17).

As dificuldades impostas aos imigrantes com as políticas de fechamento das fronteiras na Europa ao mesmo tempo em que a procura por imigração é maior, alimenta o comércio ilegal de pessoas, explica Sassen (2002), pois, precisam realizar travessias perigosas, muitas vezes resultando em mortes. Compartilhando a mesma opinião, Martine (2005), mostra as inconsistências e discrepâncias que costumam ser empregadas nos discursos e o que ocorre na prática, ou seja, o capital financeiro e o comércio fluem livremente, enquanto a mão-de-obra sofre muitas limitações. Assim, o autor acrescenta que o liberalismo determina as regras econômicas que a globalização seguirá, porém, predomina uma seletividade exercida pelos países que criam dificuldades e morosidade no cumprimento de suas promessas.

A economia se tornou mundial derrubando as fronteiras para o capital, mas não para os seres humanos, afirma López Cifuentes (2008), defendendo a tese que os fluxos massivos de migrações forçadas são resultados da marginalização de uma parte da população, que seriam os excluídos (BAUMAN, 1999) que buscam um lugar para combater a fome e a miséria a que estão

sujeitos em seu país, forçando-os a enfrentar muitas barreiras para entrar nas nações mais desenvolvidas.

É necessário questionar o discurso liberal de que as migrações são um fenômeno histórico natural e não medir esforços no sentido de investigar as forças invisíveis que provocam o deslocamento da classe trabalhadora (QUINTANILHA e SEGURADO, 2020). As autoras convidam à reflexão “sobre o caráter não emergencial mas racionalizado e permanente das forças que produzem e se alimentam das expulsões e dos deslocamentos na contemporaneidade.” (p. 113). Essa proposta colabora com o debate sobre o impacto da nova divisão internacional do trabalho provocada pelas mudanças na política neoliberal que busca ter sempre disponível uma massa de trabalhadores temporários, sem liberdade, sem família e sem direito permanente, e vêem nas pessoas dos imigrantes o perfil adequado para tal.

Apesar de sempre ter sido precário, o trabalho imigrante tinha certa estabilidade, observam Vêras e Villen (2020), porém, com a imposição da flexibilidade na economia globalizada, adquire, além da precariedade, a característica da provisoriedade dos contratos de trabalho como também dos vistos que geralmente lhe são concedidos. As autoras acrescentam que as políticas migratórias no período neoliberal são mais restritivas para os imigrantes não-qualificados, privilegiando, de certa forma, a entrada de imigrantes qualificados-especializados em alguns setores específicos.

Para Sassen (2002) a mesma infraestrutura técnico institucional que deu origem aos movimentos globais de capitais e mercadorias, de serviços, de empresários transnacionais e de profissionais liberais, é responsável pelo aumento das migrações e ao tráfico ilegal de pessoas. A autora aponta que a globalização econômica neoliberal pode ser culpada, pelo menos em parte, pelo aumento da dívida pública e empobrecimento de países do hemisfério sul decorrentes do fechamento de muitos setores econômicos e consequente diminuição de ofertas de emprego, levando ao surgimento de novos fluxos migratórios. A autora acrescenta que muitas empresas e famílias se dispõem a contratar mão-de-obra imigrante, porém, os entraves legais estimulam o tráfico ilegal de pessoas para contornar essa situação.

A manutenção do controle de entradas nos países não pode ser indiferente às violências e mortes de pessoas na mão de serviços clandestinos de imigração, Sassen (2002) alerta. Grande parte dos imigrantes não-qualificados e refugiados, por serem submetidos a políticas mais restritivas de imigração, são empurrados para uma situação indocumentada, reforçam Vêras e Villen (2020), ficando mais expostos a riscos, abusos, explorações e expulsões, sem acesso a políticas públicas como saúde e moradia e sem direitos trabalhistas.

Sassen (2002) e Martine (2005) sustentam que temos mais a ganhar do que a perder ao acolher imigrantes e refugiados, citando o exemplo dos empresários londrinos que são formados por 17% de integrantes de comunidades étnicas. Compartilhando a mesma linha de raciocínio, Sennett (2006) reforça o quanto podemos ganhar ao aceitar o imigrante e aprender com seu modo de pensar e resolver problemas, aspectos culturais, sem contar que eles vão aos países desenvolvidos fazer os trabalhos que os nativos não querem fazer.

Sennett (2008) convida a uma reflexão sobre as consequências no caráter das pessoas, uma vez que a globalização trouxe o novo capitalismo e seu conceito de flexibilidade que impacta diretamente o significado do trabalho e da carreira dos trabalhadores. O capitalismo flexível não permite o estabelecimento de metas a longo prazo, em que alguns sacrifícios são feitos em prol de um benefício futuro e alimentam um nível de insegurança e ansiedade que podem prejudicar a saúde emocional do trabalhador, o autor adverte. Bauman (2005) contribui com o debate ao mostrar que a globalização produz “refugo humano”, ou seja, pessoas consideradas redundantes, que não se beneficiam dos avanços da vida moderna e nem conseguem um espaço para suas vidas.

Zygmunt Bauman (1999) desenvolveu um estudo profundo da globalização em suas diversas vertentes, seus impactos na economia, nas estruturas sociais e como percebemos o tempo e o espaço através das novas tecnologias, analisando de forma crítica que é muito benéfica para poucos e deixa de fora dois terços da população mundial. A frase do autor: “Para alguns, ‘globalização’ é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a

causa da nossa infelicidade.” (1999, p.7), reflete esse impasse que veio aumentar ainda mais a distância entre as classes sociais.

Os mercados financeiros globais impõem suas leis e preceitos ao planeta, segundo Bauman (1999), enfraquecendo o Estado, que não deve interferir na economia sob risco de ser punido pelos mercados mundiais, restando apenas o poder da repressão, um serviço de segurança para as megaempresas. E para legitimar a autoridade que lhe resta, o Estado alimenta os temores de ameaças à segurança pessoal de seus indivíduos com conspirações terroristas e investe em tecnologias, trancando os imigrantes e refugiados em acampamentos, tudo em nome da segurança (BAUMAN, 2005).

A globalização facilita a movimentação de alguns, por exemplo, os vistos de entrada têm sido abolidos, e dificulta o movimento de outros, ao controlar os passaportes, explica o autor. As pessoas da classe “alta” sentem-se satisfeitas ao poder viajar de acordo com seus desejos, enquanto os da “baixa” muitas vezes são expulsos de onde gostariam de ficar, não tendo para onde ir e onde conseguem chegar, não são desejados, tão pouco autorizados a ficarem (BAUMAN, 1999).

Desta maneira, Bauman (1999) faz uma distinção entre “turista”, ou seja, aquele que escolheu deixar o conforto da sua casa por considerar mais racional, ou ser seduzido por uma vida hedonística; e tem o “vagabundo” que está se movendo por ter sido expulso e não por opção, é o refugio de um mundo que se dedica aos “turistas”. Villen (2018) comprova essa tese ao demonstrar que os imigrantes qualificados conseguem ingressar no país e no mercado de trabalho com facilidades não permitidas aos imigrantes pobres, sem qualificações, e muito menos aos refugiados.

Baeninger (2018) acrescenta no debate das migrações internacionais do século XXI que estamos presenciando cada vez mais novos percursos dos movimentos migratórios, geralmente não observados em épocas anteriores, como o que ocorre entre os países do Sul Global, denominado de Sul-Sul. Assim, a autora acrescenta que “as restrições impostas pelos países do Norte para a entrada e permanência de migrantes internacionais, consistem em importante

elemento na reconfiguração das migrações e seus destinos no mundo hoje” (p. 13).

A metodologia da pesquisa de estudos migratórios também precisou de inovações para entender a nova dinâmica migratória decorrente da compressão do espaço-tempo imposta pela globalização, assinalam Vettorassi e Dias (2017). A noção de migração como um deslocamento de um espaço A para um espaço B já não abrange mais a totalidade envolvida nos processos migratórios, explicam os autores, uma vez que não lidam com as negociações, os espaços sociais e os sujeitos envolvidos na mobilidade entre esses dois pontos.

Pudemos conferir as abordagens que têm sido empregadas na busca de compreensão dos movimentos migratórios nos tempos atuais, no contexto da globalização. A literatura aponta a não existência de uma “Teoria Geral das Migrações”, mas alguns autores clássicos defendem que os movimentos migratórios podem ser caracterizados e explicados segundo o Modelo Microeconômico e o Modelo Macroeconômico. Quando o estudo se dá a partir da ótica do indivíduo, seria a abordagem micro, enquanto a abordagem macro entende os movimentos migratórios com sendo condicionados por fatores histórico-estruturais, sob a ótica dos grupos sociais, portanto.

Como a evolução dos estudos sobre migrações foge ao objetivo deste trabalho, apenas para fins de conhecimento, falaremos brevemente sobre cada uma destas abordagens nos próximos tópicos, lembrando as palavras de Almeida e Baeninger (2013, p.1) ao tratar a migração como objeto de pesquisa e as teorias relacionadas, que as mesmas devem ser “...examinadas considerando o debate teórico que reconhece os limites explicativos das abordagens clássicas e apontam para perspectivas analíticas que permitem certos avanços.”

1.1 Modelo Microeconômico

Um autor considerado “clássico” e que foi referência para muitos cientistas sociais, foi Ravenstein (PEIXOTO, 2004), que atuou como geógrafo e cartógrafo inglês na virada do século XIX para o século XX. Duas publicações de Ravenstein sobre “leis das migrações”, em 1885 e 1889, abordavam os fluxos internos e internacionais, hoje consideradas primárias, a partir do primeiro

recenseamento britânico de 1881 e depois incluindo os países europeus e norte-americanos, baseando-se em dedução teórica empírica. No entanto, Peixoto (2004, p.5) aponta que as análises feitas pelo geógrafo podem ser reconhecidas em muitas metodologias aplicadas posteriormente, assim como o estudo de vários temas e conceitos (classificação de migrantes de acordo com a temporalidade e a distância, migrações por etapas, regiões de atração e repulsão etc.).

Os modelos de atração e repulsão, também conhecidos como *push-pull*, ou seja, consideram que o principal motivo de uma migração vem do desejo do indivíduo em melhorar sua condição econômica, são claramente reconhecidos nos estudos de Ravenstein, conforme Peixoto (2004, p. 5) nos ilustra a seguir:

A filiação paradigmática destes modelos é, como se sabe, clara. Eles consideram que, no centro dos processos migratórios, se encontra a decisão de um agente racional que, na posse de informação sobre as características relativas das regiões A e B, e de dados contextuais respeitantes à sua situação individual e grupal, se decide pela permanência ou pela migração. De um certo ponto de vista, a existência de regiões (ou países) com características econômicas desiguais pode ser lido de uma forma mais “estrutural”. A aceção que encontramos nestes modelos - e em Ravenstein - é, no entanto, típica de uma leitura econômica neoclássica da realidade. Os fatores e as “variáveis intervenientes” apenas atuam como precursores da decisão de um agente racionalmente motivado.

Os volumes crescentes de trabalhadores europeus que se dirigem aos países do Novo Mundo, especialmente os Estados Unidos, impulsionados pelo crescimento populacional e pelas crises econômicas na Europa no início do século XX, foram determinantes para que o tema migração fosse estudado pelos sociólogos americanos (SASAKI e ASSIS, 2000). As autoras mostram que a presença dos imigrantes nos Estados Unidos gerou debates intensos diante das possíveis consequências para a sociedade, e, os autores Thomas e Znaniecki foram os pioneiros, já em 1918, a publicarem textos que viriam influenciar futuros estudos sobre migração. Esses dois autores, através de uma dimensão sociológica, analisaram a integração de cerca de dois milhões de camponeses poloneses imigrados da Europa Oriental nas cidades norte-americanas entre 1880 e 1910 (PEIXOTO, 2004).

Autores da Escola de Chicago, influenciados por Thomas e Znaniecki, estudaram a sociologia urbana e a sociologia do desvio, analisando os processos

de adaptação, aculturação e assimilação dos imigrantes nas cidades americanas (SASAKI e ASSIS, 2000), assim como Park, que, em 1915, escreveu sobre a integração e conflitos urbanos decorrentes das migrações (PEIXOTO, 2004).

A Teoria Microeconômica Neoclássica percebe os indivíduos como seres racionais, que ordenam hierarquicamente suas preferências e calculam racionalmente suas alternativas em busca de maximizar a utilidade de suas escolhas (SANTOS *et al.*, 2010). O migrante, por esta perspectiva, possui informações sobre as diferenças financeiras entre sua região e outros lugares, e decide migrar quando o cálculo dos custos e benefícios da decisão lhe proporcionará um retorno positivo, segundo os autores.

Dentro da perspectiva micro, se destaca a Teoria do Capital Humano, tendo Gary Becker como um dos teóricos principais, que defende que os indivíduos executam uma análise racional dos custos e benefícios de suas várias atividades e hábitos, onde incluem os investimentos em sua educação formal, formação e treinamento profissional que acreditam lhe proporcionarão melhores benefícios futuros, em termos de rendimentos financeiros (SANTOS *et al.*, 2010). Por esta perspectiva, indivíduo que decide migrar, faz seus cálculos de acordo com os princípios desta teoria.

Segundo Becker (1993, *apud* SANTOS *et al.*, 2010), estas teorias econômicas demonstram que, assim que chega no país de destino, o imigrante deverá receber menos que um nativo, uma vez que lhe faltam algumas habilidades, em especial o domínio do idioma local. Se o imigrante percebe que poderá melhorar de condição, investirá no capital humano na expectativa de recuperar o investimento dentro de um determinado período. Estas teorias não consideram que as decisões do imigrante podem sofrer influências relacionadas ao seu grupo social, uma vez que fazem parte de estruturas sociais e socioeconômica, assim como de grupos étnicos, redes sociais (SASAKI e ASSIS, 2000).

Ainda na perspectiva micro, temos a Teoria do Ciclo de Vida e da Trajetória Social, que consideram em seus estudos a influência dos diferentes momentos da vida, tanto individual quanto familiar, como explana Peixoto (2004, p.17):

Uma perspectiva mais diretamente sociológica do estudo micro das migrações apresenta uma natureza, sobretudo, biográfica. Neste caso, as principais variáveis estudadas são a influência do ciclo de vida (individual e familiar) - entrada na vida adulta, casamento, nascimento dos filhos, divórcios, reforma etc. - e da trajetória de mobilidade social - incluindo carreira profissional - sobre os percursos territoriais. É possível que se continue a admitir, como na perspectiva anterior, uma “racionalidade” do agente humano. O facto de se abordarem variáveis com que a perspectiva económica não está habituada a lidar; de se entrar em domínios onde a racionalidade instrumental se funde explicitamente com a motivada por valores ou com comportamentos afetivos e tradicionais; e de ser necessária uma interligação entre a perspectiva individual e realidades coletivas (família, organização ou grupo/classe social, que podem mesmo constituir uma nova unidade de análise) - justificam a ascendência mais “sociológica” desta pista de análise.

Os estudos destas perspectivas destacaram que a mobilidade residencial era maior entre os adultos e famílias jovens, em decorrência dos casamentos, chegada dos filhos, mudanças relacionadas ao trabalho, e diminui com o envelhecimento (PEIXOTO, 2004).

A perspectiva da trajetória social, ou mobilidade social e profissional, segundo Peixoto (2004), estuda a realização de um percurso do indivíduo em diferentes posições sociais, seus interesses em trilhar um caminho ascendente na vida e no trabalho. O autor acrescenta que, ao subir os degraus hierárquicos de uma carreira organizacional, o indivíduo busca retorno financeiro, prestígio e poder, status que pode implicar em mudança residencial, tanto para uma casa maior, ou mesmo para uma localização em zona residencial de maior prestígio, induzindo à migração.

É importante destacar que, nas carreiras organizacionais, geralmente são as organizações e instituições que decidem sobre os mapas migratórios e não os indivíduos, apesar de participarem, são os interesses organizacionais, ou seja, estratégias macrossociológicas que atuam prioritariamente nas mobilidades dos profissionais (PEIXOTO, 2004). Almeida e Baeninger (2013) advertem que as abordagens microestruturais no estudo das migrações não podem desconsiderar a dimensão macroestrutural para que o estudo seja mais completo.

1.2 Modelo Macroeconômico

Este modelo serviu de referência para as teorias macrossociológicas que privilegiam a influência de fatores relacionados ao grupo ou estruturantes às

decisões migratórias dos indivíduos (PEIXOTO, 2004). Segundo o autor, as escolas estrutural-funcionalista com raiz durkheimiana e as teorias marxistas e neomarxistas defendem a atuação de forças sociais estruturadoras nas ações individuais. Os autores marxistas que estudam migrações costumam designar essas correntes como histórico estruturais.

A Teoria do Mercado de Trabalho Segmentado (PIORE, 1972) se sustenta na existência de dois estratos do mercado de trabalho: o primário e o secundário, fazendo com que trabalhadores nativos e imigrantes se complementem, pois os dois grupos de trabalhadores atendem às diferentes oportunidades de cada segmento. Os setores de trabalho precários, de baixa renda, que atrai uma mão de obra específica, geralmente imigrantes de países menos desenvolvidos que buscam nos países desenvolvidos oportunidades de melhorar seu padrão de vida, uma vez que a maioria dos nacionais se recusa a atuar nesses setores (SASAKI e ASSIS, 2000).

Por outro lado, Portes (1981, *apud* PEIXOTO, 2004) coloca que os migrantes também são atraídos para o mercado primário, entrando nos países legalmente, para trabalhos qualificados e oferecem “reforço” à força de trabalho do país de destino. Já ao mercado secundário, o acesso geralmente se dá de forma temporária ou ilegal, o recrutamento é direcionado às origens étnicas e não em qualificações, sem perspectivas de mobilidade e pressiona a baixa dos salários dos locais.

As Teorias das Estruturas Espaciais desenvolvem análises a partir da variável espaço procurando entender os fatores que levam às desigualdades de desenvolvimento dos territórios e como a distribuição territorial conduzirá, em consequência, os movimentos migratórios (PEIXOTO, 2004). O autor acrescenta que as teorias de inspiração marxista buscam estabelecer uma interligação entre estruturas espaciais e relações sociais ao estudar a organização espacial do capitalismo.

O estudo das migrações internacionais através das Teorias do sistema-mundo de Wallerstein (PEIXOTO, 2004) inspirou diversos autores, entre eles Petras (1981, *apud* PEIXOTO, 2004) que defende que o capitalismo moderno criou um “mercado de trabalho global”, impulsionando a maioria dos movimentos

migratórios internacionais. Essa autora atribui a principal causa destas mobilidades pelas “zonas salariais” diferenciadas, que criam excedentes de mão de obra de baixos salários nas periferias e necessidade de profissionais de altos salários nos países mais desenvolvidos. Assim sendo, são as forças estruturais da economia mundial que provocam essas diferenças de desenvolvimento e provocam as migrações.

As empresas transnacionais da economia mundial atual instaladas em países menos desenvolvidos têm provocado novos fluxos migratórios e a necessidade de estudos para sua compreensão. Estas empresas se caracterizam por criar polos de gestão internacional de suas atividades, sendo que suas áreas produtivas e administrativas localizam geograficamente afastadas (MASSEY, 1984, *apud* PEIXOTO, 2004). Esses polos provocam as migrações tanto de profissionais qualificados para posições de gestão internacional, quanto de trabalhadores sem qualificação para as atividades de apoio à atividade principal, muitas vezes, na economia informal (SASSEN, 2002).

Para a teoria dos Sistemas Migratórios, a migração surge em contextos históricos particulares e desenvolve uma dinâmica interna que funciona como um sistema (PEIXOTO, 2004), resultante da interação de vários elementos, como por exemplo, alguns países ou regiões que alimentam fluxos entre si e acabam criando uma interdependência.

A teoria das Redes Migratórias pontua que os migrantes não agem isoladamente nem na decisão da mobilidade, na emigração e nem na adaptação no local de destino, mas sim, contam com o suporte de amigos, conterrâneos, parentes para fornecer informações, auxiliar financeiramente no custo do deslocamento e da acomodação no país de destino (PEIXOTO, 2004). Desta maneira, o crescimento das redes reduz os custos e os riscos dos movimentos migratórios até que eles se tornam independentes das motivações originais (SANTOS *et al.*, 2010) e, uma vez estabelecidas, elas podem indicar tendências de fluxos migratórios (SASAKI e ASSIS, 2000).

As redes são relevantes para a influência do comportamento de novos migrantes potenciais, conforme mostra Truzzi (2008), ao defender a importância

do conhecimento delas para o entendimento de migrações, tanto históricas como contemporâneas, como sendo um processo social, o que podemos conferir igualmente no trabalho de Momo (2014), por exemplo, ao verificar a importância das redes na imigração de profissionais qualificados ao Brasil.

Quando os estudos migratórios identificam redes, os migrantes estudados ganham lugar de voz e são vistos como sujeitos ativos, tanto nos locais de destino quanto nos locais de partida, conforme nos mostram Vettorassi e Dias (2017), rebatendo a visão geográfica e quantitativa defendida nos estudos da teoria sociológica dos anos 1970 e da sociologia do trabalho no Brasil, que passavam uma noção de desordem e falta de planejamento nos movimentos migratórios.

1.3 A migração qualificada

O trabalho imigrante ganha diferentes significados de acordo com o momento histórico e econômico em que está inserido, o que pode ser claramente observado quando comparamos dois períodos distintos, como o compreendido entre os anos 1950 e 1970 em que Sayad (1998) estudou a imigração em massa de argelinos para a França em uma economia aquecida e carente de mão-de-obra e que dependia da força de trabalho dos imigrantes, diferente do que ocorria nos períodos de crises e recessões posteriores aos anos 1970, quando os Estados fechavam as fronteiras para proteger seus nacionais da concorrência de trabalho com os estrangeiros (VÉRAS e VILLEN, 2020).

No contexto que vivemos de globalização e avanços tecnológicos, os recursos humanos qualificados têm seu papel de destaque para o enfrentamento destes avanços, para a promoção da inovação e de pesquisas científicas, para o compartilhamento do conhecimento e processamento de informação, e garantir a competitividade no mercado global (PELLEGRINO e PIZARRO, 2001). Desta maneira, os autores mostram que a migração qualificada vem atender às demandas dos países desenvolvidos, ao mesmo tempo em que os países em desenvolvimento formam os profissionais, porém, não conseguem absorver de maneira eficaz essa força de trabalho.

No entanto, ao estudar a migração qualificada, nos deparamos com lacunas teóricas, pois são escassos os estudos que permitem a quantificação e

caracterização para especificar os fenômenos, aponta Pellegrino (2001), demonstrando que os pesquisadores recorrem a dados em estatísticas de estoque dos censos dos governos, que fornecem uma fotografia de um momento, porém não analisam a dinâmica da mobilidade.

A incorporação laboral dos imigrantes qualificados nos países que têm tradição em ser receptores, costuma frequentemente ser realizada em posições inferiores ao seu grau de especialização, sua formação acadêmica e experiência profissional, tendo rebaixado não apenas seu *status* laboral, como também, o social (CAVALCANTI, 2015). Em sua grande maioria, os imigrantes costumam ter formação técnica e profissional superior às exigidas em suas atividades profissionais atuais, ocorrendo, portanto, segundo os autores, uma inconsistência de *status* que faz com que dentistas, médicos, engenheiros trabalhem na construção, indústria pesada, abatedouros de frangos e carnes, ou serviços domésticos, por exemplo.

Sayad (2001) explica que o imigrante, apesar de ter formação técnica, será considerado socialmente como um profissional sem qualificação, pois, para o país receptor, sua existência começa no dia em que pisa em suas terras, não reconhecendo a bagagem cultural e experiência profissional trazidas do país de origem. O autor sugere que esta situação poderia ser uma forma de etnocentrismo, ou seja, só é conhecido e entendido o que se tem interesse em conhecer e reconhecer.

As modalidades migratórias podem ser classificadas a partir das motivações que as originaram, distinguindo as migrações forçadas que resultam de violências ou repressões políticas e as migrações econômicas ou trabalhistas, onde as pessoas buscam em outros países melhores condições econômicas e oportunidades profissionais (PELLEGRINO, 2001). Uma segunda classificação se relaciona ao tempo de duração da estadia, assim os movimentos são definitivos quando não existe intenção de retorno ao país de origem ou podem ser temporários ou sazonais, com duração variável de estadias.

Charles Tilly (1976, pp. 5-10) também apresenta uma classificação parecida dos tipos de mobilidade tendo por base a distância e a extensão da ruptura e estabelece quatro padrões de migração:

1. Local = indivíduo ou família muda dentro de um mercado contíguo geograficamente familiar, pequena distância e rompimento com o local de origem;
2. Circular = mobilidade a um destino bem definido de tempo;
3. Em cadeia = mobilidade de conjunto de indivíduos de um lugar para outro por meio de arranjos sociais em que as pessoas no destino fornecem ajuda, informação e incentivo aos novos migrantes, produzindo grandes fluxos e grupos duráveis no destino, de uma mesma origem.
4. De Carreira = pessoas ou famílias que se deslocam, mais ou menos definitivamente, em resposta a oportunidade de mudança de posição dentro ou entre grandes organizações. Não baseia nos laços sociais da pessoa, mas sim na lógica da grande estrutura (cientistas, técnico, militares, padres e burocratas).

Tilly (1976) esclarece que os tipos migratórios se sobrepõem, mas costumam manter algumas diferenças nas características e padrões geográficos e que os quatro tipos não esgotam as distinções, que só podem ser confirmadas pelas histórias de vida, relatos de intenções e relações sociais no momento dos movimentos. Como seus estudos centram-se nas migrações europeias, o autor conclui o artigo com a afirmação que “a história da migração europeia é a história da vida social europeia” (p.32).

A migração de carreira, assim como os movimentos migratórios internacionais, de uma maneira geral, é diretamente impactada pela reestruturação territorial planetária, que, por sua vez, está intrinsecamente relacionada à reestruturação econômica produtiva em escala global (PATARRA, 2005).

Após o final da Segunda Guerra Mundial, período entre 1950 e 1960, época em que ocorria também a descolonização da África, Ásia e Caribe, a perda de profissionais qualificados para a emigração adquire significativa preocupação, sendo refletida nos estudos acadêmicos e debates nas organizações internacionais (PELLEGRINO, 2001). Um encontro ocorrido em Lausanne em 1967 debateu os impactos do *brain drain*, ou seja, fuga de cérebros, o que,

segundo a autora, mobilizou também órgãos internacionais como a Organização das Nações Unidas e a Organização Internacional para as Migrações para definir políticas que minimizassem os impactos causados pela migração qualificada.

Tanto países centrais como países em desenvolvimento reconhecem a importância dos recursos humanos qualificados, levando países tradicionalmente fechados à imigração abrirem suas fronteiras aos migrantes qualificados para atender à demanda por profissionais em determinadas especialidades (PELEGRINO e PIZARRO, 2001). Nem sempre esses profissionais são contratados por longo período, mas apenas para atender demandas sazonais de empresas transnacionais que possuem sedes em diversos países o que, segundo os autores, implica em deslocamentos contínuos de determinados profissionais que obtêm vistos específicos para suas atividades. Essas relações de trabalho flexíveis, muitas vezes sendo usadas como forma de burlar a legislação trabalhista nacional, costuma provocar sentimentos de injustiças pelos especialistas locais, pois percebem tais contratações como concorrência desleal.

Desta maneira, alguns países com histórico de receberem imigrantes como os Estados Unidos, Canadá, Austrália e Japão têm direcionado suas políticas imigratórias à contratação de profissionais altamente qualificados, selecionando de acordo com o perfil educacional e profissional que atendem suas demandas (PELEGRINO, 2001). O envelhecimento da população nesses países, segundo a autora, é um dos responsáveis pela carência de formação de profissionais, não atendendo à demanda dos setores altamente especializados.

Na década de 1960 foram registrados os primeiros sinais de migração qualificada extrarregional nos países da América Latina, segundo Pellegrino e Pizarro (2001), destacando que os fluxos migratórios predominantes ocorriam no sentido sul-norte, sugerindo que os países em desenvolvimento estavam subsidiando os países desenvolvidos ao transferir seus profissionais qualificados na expressão amplamente utilizada como “êxodo intelectual” ou “fuga de cérebros”, estimulando debates sobre as consequências deste tipo de mobilidade. Os autores citam a discussão entre vários pensadores, incluindo Castells, sobre a globalização econômica formar um mercado global de

trabalhadores qualificados e suas consequências sobre salários e desempregos nos países em desenvolvimento.

Na década de 1970 foram registrados movimentos migratórios entre países vizinhos, na América Latina, com destaque para a Venezuela que tinha mais empregos para a produção de petróleo do que sua própria população ativa (PELLEGRINO, 2001). Segundo a autora, o governo venezuelano e as empresas praticavam uma política de estímulo à imigração seletiva, ou seja, priorizando a atração de profissionais qualificados.

Na década de 1980 diminuíram as migrações regionais, principalmente para Argentina e Venezuela, destinatários tradicionais da migração laboral na região, e aumentaram os fluxos para países desenvolvidos, principalmente para os Estados Unidos e para Canadá, Europa, Austrália e Japão, sendo denominada pela CEPAL como “a década perdida para o desenvolvimento” (PELLEGRINO, 2001). De fato, os países que perdem seus recursos qualificados ficam prejudicados quanto ao seu desenvolvimento, o que, segundo a autora, justifica a substituição dos debates sobre fuga de cérebros por propostas de estímulo à circulação e às trocas cerebrais, ou seja, os migrantes se tornariam elos entre redes locais e redes globais de desenvolvimento científico e tecnológico, facilitando trocas de novos conhecimentos e tecnologias. É importante observar, segundo a autora, que não emigram profissionais desempregados ou excedentes no mercado de trabalho local, mas sim aqueles com melhores qualificações.

Entre 1980 e 1990 as migrações de profissionais qualificados entre os países latino-americanos aumentaram em um ritmo bem abaixo da década anterior e do que a migração internacional em geral, principalmente para os Estados Unidos, seguidos dos colombianos na Venezuela e uruguaios, chilenos e paraguaios na Argentina.

Retornando ao aspecto positivo desta modalidade de migração, Pellegrino (2001) nos explica que o país de origem pode ser beneficiado pelo estímulo ao seu desenvolvimento científico e econômico proporcionado pela cooperação à distância, ou através de transferências periódicas de seus emigrantes. Assim sendo, a autora utiliza o conceito de diáspora para indicar a formação de uma

comunidade no estrangeiro com pessoas que não pretendem retornar ao país de origem, mas que querem estreitar relações para desenvolver um sentimento de pertença nacional ou comunitária e podem se envolver conjuntamente em projetos em prol do país de origem.

Os acadêmicos da América Latina neste período, em sua maioria marxistas, contestavam os neoclássicos que defendiam que a emigração era uma escolha dos migrantes e um mecanismo de equilíbrio entre a oferta e demanda de mão de obra, explica Pellegrino (2001). Desta maneira, pensadores de orientações marxistas e da teoria da dependência analisavam a emigração de pessoas altamente qualificadas a partir do conceito de imperialismo e sua relação com os países subordinados ou na divisão do mundo entre centro e periferia, refletindo um desequilíbrio de poder entre as nações desenvolvidas e subdesenvolvidas, dificultando mais ainda a superação das desigualdades entre eles.

Muitos latino-americanos, inclusive os pertencentes às elites e com alto nível de formação, emigraram por não concordarem com os regimes militares repressivos que se estabeleceram em diversos países da América Latina na década de 1970 (PELLEGRINO, 2001). A volta da democracia na Argentina e Uruguai em meados dos anos 1980 estimulou estudos sobre o estoque de residentes no exterior, incluindo qualificados, que subsidiaram políticas para estimular o retorno deles.

Uma porta de entrada em países desenvolvidos é através da realização de cursos superiores e de pós-graduação, sendo que uma grande parte destes estudantes têm intenção de permanecer no país após a conclusão dos estudos (PELLEGRINO, 2001). A autora demonstra que nos anos de 1998 e 1999 latino-americanos representavam 11% dos estudantes estrangeiros nos Estados Unidos, enquanto 58% são da Ásia.

Guedes et al. (2018) relatam a existência de entraves legais, burocráticos e políticos à contratação de imigrantes qualificados, além de falhas entre as bases de dados e articulação entre importantes atores políticos. Schwartzman e Schwartzman (2015) acrescentam que os imigrantes que conseguem se inserir no mercado de trabalho formal são privilegiados, produtos de uma política de

imigração estratificada socialmente, com possíveis vínculos entre migrantes altamente qualificados, migrantes de classe alta e o estabelecimento de empresas estrangeiras no país.

Acciolly (2010) aponta que os trabalhadores internacionais qualificados foram ganhando reconhecimento pelos governos e empresas por representarem um diferencial competitivo na produção e gerenciamento de inovações tecnológicas, científicas e comerciais.

Tendo em vista que nosso objeto de estudo são os migrantes qualificados, partimos do pressuposto que são indivíduos que, de alguma forma, escolheram a migração para desenvolverem suas carreiras, enquanto os não qualificados e os refugiados, geralmente, precisam trabalhar naquilo que lhe é oferecido, uma vez que as oportunidades são mais escassas. Desta maneira, Bógus e Fabiano (2015) afirmam:

Os migrantes internacionais vivem fora de seus países de origem mas, ao contrário dos refugiados, escolhem viver no exterior por motivos econômicos ou de ordem individual, e não para salvar suas vidas ou garantir a liberdade de direitos, ainda que muitos tenham sido obrigados a migrar por estarem em condições precárias (p. 135).

Assim, os migrantes internacionais qualificados enfrentam os desafios de uma mudança de país por acreditarem que ampliarão suas chances de crescimento pessoal e profissional, de ampliar sua rede de relacionamentos profissionais (networking), de adquirir experiência internacional e melhores oportunidades e condições de trabalho, dentro da área de sua formação e experiência, do que as oferecidas em seu país de origem (MOMO, 2014).

Segundo o “Manual Canberra” que foi desenvolvido com a colaboração da Organization for Economic Co-operation and Development (OCDE), da EUROSTAT, da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) para um profissional ser classificado como qualificado, ele necessita possuir formação superior na área da Ciência e Tecnologia ou que seja capaz de exercer e/ou que esteja empregado em ocupações dessas áreas, mesmo sem a formação superior (DOMENICONI e BAENINGER, 2017).

Desta forma, o profissional qualificado deve possuir “conhecimento para trabalhar na geração, no avanço, na difusão e na aplicação do conhecimento científico e técnico por meio de formação acadêmica ou experiência de trabalho” (GUEDES *et al.*, 2018). Os autores acrescentam que os estudantes são reconhecidos como imigrantes qualificados por serem veículos de conhecimento, além de causarem um forte impacto na economia do país receptor com suas despesas acadêmicas e custo de vida (MOMO, 2014). Os estudantes estrangeiros também representam uma possível futura mão-de-obra altamente qualificada, a autora acrescenta, se permanecerem no país que estudaram e atuarem em empresas onde aplicarão os conhecimentos adquiridos, gerando aumento de produtividade para a nação acolhedora.

Na migração de profissional qualificado, a pessoa se motiva em buscar um local onde o mercado de trabalho lhe permita atuar dentro de sua área de formação e experiência e que promova o retorno dos investimentos nesta formação, ou seja, colabore com a construção do capital humano (KÖU *et al.*, 2015).

O aumento dos fluxos migratórios qualificados levou à criação do Acordo Geral de Comércio de Serviços vinculado à Organização Mundial do Comércio – OMC (PIZARRO, 2005) que regulamentou em 1995 a formação de um “mercado global de recursos humanos qualificados” (VÉRAS e VILLEN, 2020). Para Guedes *et al.* (2018) esse acordo demonstra a importância da migração qualificada na questão do desenvolvimento científico, tecnológico e econômico, tanto dos países que receberão esses imigrantes, quanto nos países de origem, por conta das remessas.

Interessados em levantar a proporção da migração qualificada na década de 1990, Carrington e Detragiache (1998; 1999, *apud* PELLEGRINO, 2001) pesquisaram dados de 61 países que somam 70% da população do mundo em desenvolvimento e levantaram que nos Estados Unidos uma parcela significativa dos migrantes da Ásia e da África possuíam curso superior completo (75% dos hindus, 53% dos coreanos e 50% dos chineses). Já imigrantes do Egito, Gana e África do Sul mais de 60% têm formação superior, segundo os autores, que também constataram que esses imigrantes possuem nível escolar superior ao da média da população dos países de origem.

Para as Nações Unidas, a migração internacional pode ser de curta duração, ou seja, quando um indivíduo muda para um país por um período de três meses a um ano, ou de longa duração, se esse período for maior que um ano (VIDEIRA, 2013). O autor esclarece que o conceito de imigrante qualificado é estudado também sobre o aspecto temporal, onde são observadas alterações estruturais de migrações permanentes para temporárias, assim como de longa duração para curtas durações, embora uma maioria deste perfil se insira em migrações mais ou menos prolongadas. Guedes et al. (2018) entendem que os fluxos de imigrantes qualificados estão cada vez mais diversificados e de curta duração, dentro do contexto de um mercado de trabalho internacional com um perfil lógico-produtivista.

A migração internacional fornece uma grande quantidade de recursos humanos qualificados que já tiveram os custos de educação e formação arcados pelos países de origens, observa Martine (2005), e esses pagam mais impostos do que recebem em termos de seguridade social. Acciolly (2010) aponta uma tendência mundial de contratação e recrutamento de imigrantes qualificados, e o Brasil segue essa tendência, pois, esses profissionais já se inserem no mercado de trabalho com o preparo necessário para exercer determinadas funções, sem necessidade de formação e treinamento no país.

O envelhecimento da população dos países desenvolvidos impacta os custos com a previdência e a oferta de mão-de-obra, problemas que podem ser minimizados com a entrada de imigrantes jovens, argumentos que Martine (2005) recorre para sensibilizar os países e suas populações na facilitação e recepção adequada de imigrantes. Schwartzman e Schwartzman (2015) acrescentam que no Brasil já pode ser observado este problema, uma vez que a taxa de fecundidade de cerca de 1,8 filhos por mulher é inferior à taxa de reposição da população, portanto, se as políticas migratórias facilitarem a entrada de estrangeiros altamente qualificados no mercado formal não impactariam significativamente nas oportunidades profissionais dos brasileiros qualificados. Os autores apontam que a movimentação de pessoas tanto para fora como para dentro do país, apesar de ter registrado um aumento nos últimos anos, ainda é baixa, comparada a épocas anteriores e a outros países com nível parecido de desenvolvimento.

Um país que abre suas fronteiras para imigrantes qualificados pode atingir mais facilmente a alta produtividade através da colaboração desses profissionais no desenvolvimento de habilidades institucionais e organizacionais, além do compartilhamento de novos conhecimentos (SCHWARTZMAN e SCHWARTZMAN, 2015). Por outro lado, os autores observam que esses imigrantes qualificados, se ficassem em seus países, retribuiriam o investimento que receberam em educação e aplicariam seus conhecimentos para o desenvolvimento da economia local, além da prestação de serviços à população.

Pellegrino (2001), Schwartzman e Schwartzman (2015) demonstram que além das remessas, os países de emigração podem se beneficiar com a aplicação no país, dos conhecimentos e know-how adquiridos, com o retorno de seus talentos, razão pela qual o termo “fuga de cérebros” tem sido substituído por “circulação de cérebros”. A literatura adota uma terminologia para diferenciar os diferentes fluxos migratórios de profissionais qualificados e os impactos que causam em seus países de origem e de destino (COENTRO, 2011, p. 19-21)). Os termos são os seguintes: *brain drain*, *brain gain*, *brain waste* e *brain circulation/exchange*.

- *Brain drain*, ou “drenagem de cérebros”, se relaciona à emigração de pessoal altamente qualificado de um país que investiu em sua formação e não será beneficiado nem em termos de remessas financeiras ou transferências de tecnologias. Países em desenvolvimento são impactados negativamente pelas perdas de capacidade produtiva, capacidade de inovação e debilitação científica.
- *Brain gain*, ou, “ganho de cérebros”, se refere quando a migração causa efeitos positivos para o país de origem, pelas remessas financeiras e aplicações de conhecimentos em um possível retorno e, para o país de destino, que usufrui dos talentos e habilidades do migrante qualificado.
- *Brain waste*, ou, “desperdício de cérebros” ocorre quando o imigrante não consegue colocação de acordo com sua formação no país de destino, assim, os dois países não se beneficiam de seu conhecimento técnico ou teórico.

- *Brain circulation*, ou, “circulação de cérebros”, quando a migração beneficia o país de origem e de destino através de construção de redes sociais que fornecem estruturas para a mobilidade e para as características da vida dos migrantes que são vistos como estratégicos para a disseminação de informações, beneficiando o desenvolvimento do país de origem também.

Em tempos de globalização e avanços tecnológicos, principalmente dos meios de comunicação que permitem trocas importantes sem mobilidades físicas, Williams (2000, *apud* PELLEGRINO e PIZARRO, 2001) inclui uma nova terminologia, *Brain exchange*, em que os países em desenvolvimento poderiam reter seus especialistas se puderem acessar bancos de dados internacionais além de relacionarem com colegas estrangeiros de forma eletrônica imediata. É importante nos atentarmos que a modalidade de trabalho online implica em migração de competências e não de pessoas, sendo que a migração física, prevista na literatura tradicional sobre migração, implica na migração de pessoas e de competências.

Ao falar sobre os determinantes da migração qualificada, Pellegrino e Pizarro (2001) apontam a necessidade de analisar os cenários e estratégias dos países desenvolvidos e dos países em desenvolvimento. Os primeiros buscam atração de mão de obra qualificada internacional baseados em estimativas de necessidades e disponibilidades futuras, considerando três fatores principais, ou seja, o demográfico, a demanda tecnológica e o cultural.

O fator democrático se revela pelo envelhecimento das populações dos países desenvolvidos e diminuição da entrada de jovens no mercado de trabalho, buscando nas pessoas dos imigrantes o preenchimento destas lacunas. A demanda tecnológica requer profissionais que trabalhem com computador, assim como aqueles que atuam na área científica. Os jovens dos países desenvolvidos não têm se motivado a ingressar na área tecnológica e científica, pois as dificuldades dessas carreiras não compensam as vantagens em comparação com especializações de menores demandas (PELLEGRINO e PIZARRO, 2001).

Os países de origem, por sua vez, formam profissionais qualificados, porém, como a concretização de setores avançados nem sempre é possível devido às realidades econômicas e culturais, além de instabilidades políticas que limitam os recursos, não permitem a absorção desta força de trabalho que acaba sendo atraída pelos países centrais que oferecem melhores salários e condições de trabalho (PELLEGRINO e PIZARRO, 2001).

Ao relacionar os determinantes da emigração de profissionais qualificados latino-americanos, Pellegrino e Pizarro (2001) lembram que uma parcela da elite cultural saiu dos países que passavam por regimes militares autoritários por serem oposição ao governo. Desta maneira, os autores sustentam que os fatores que pesavam na decisão de mobilidade de acadêmicos e pesquisadores se relacionavam não apenas às diferenças salariais, mas também à disponibilidade de infraestrutura para o trabalho e ao reconhecimento, tanto do governo quanto da população, do valor das profissões de pesquisa e desenvolvimento. As promoções, reconhecimentos e acessos aos empregos baseados no mérito profissional e não por fatores de favorecimento (como políticos, por exemplo) também encorajaram a permanência ou não no país de origem.

As redes representam um papel de fundamental importância na migração qualificada, pois possibilitam a cooperação entre migrantes e residentes nos países de origem, fundamentais para a sobrevivência e manutenção dos fluxos migratórios, além de amortecerem seus custos e manter vínculos com o país de origem (PELLEGRINO e PIZARRO, 2001). A Internet é uma ferramenta que facilita o networking entre emigrantes e residentes no país de origem e ajudou na consolidação de diversas redes latino-americanas, segundo os autores, que, por sua vez, têm tido diferentes níveis de sucesso, de acordo com as instabilidades das políticas que ameaçam projetos de longo prazo, incluindo projetos de pesquisa, transferência de tecnologia e programas de treinamento entre comunidades científicas.

O retorno de emigrantes qualificados pode trazer novos conhecimentos, habilidades e, por vezes, capital para investir nos países de origem, o que motivou a realização de programas de retorno em países da América Latina, com apoio da IOM, sendo que alguns tiveram sucesso, enquanto outros, foram avaliados negativamente, caso dos migrantes que voltam e não encontram um

campo adequado para colocar em prática os conhecimentos adquiridos, sendo forçados a abandonar a especialização e optarem por outras atividades (PELLEGRINO e PIZARRO, 2001).

Para Sayad (2000) a noção do retorno é um sonho e desejo de praticamente todos os imigrantes, que os levam a sentir nostalgia e saudade da terra. O autor explica que um dos paradoxos da imigração é que “o emigrante está ausente onde está presente e presente onde está ausente” (p. 20), em uma experiência não apenas subjetiva e individual, mas também da pessoa como um ser político dentro de um mundo político, carregada de elementos de sua visão do mundo político e social. A lógica da noção do retorno presente nos imigrantes repousa em sua eterna condição de estrangeiro e, portanto, uma situação de provisoriedade, conforme demonstra a seguir:

Toda presença estrangeira, presença não-nacional dentro da nação, é pensada como presença necessariamente provisória, mesmo quando esse provisório possa ser indefinido, possa prolongar-se indefinidamente, criando, desta forma, uma presença estrangeira permanentemente provisória, ou em outros termos, uma presença durável, mas vivida por todos de maneira provisória, adequada aos olhos de todos por intenso sentimento de provisório (SAYAD, 2000, p. 20-21):

O trabalho é a razão que justifica a presença do emigrante no estrangeiro e carrega, segundo Sayad (2000), toda a inteligência do fenômeno migratório, trazendo compreensão e tolerância aos diversos pontos de vista (intelectual, ético, econômico, cultural e político). Assim sendo, o autor sustenta que o fenômeno da migração, trabalhando com o duplo fato de ausência e presença de indivíduos que são emigrantes e imigrantes ao mesmo tempo, faz com que essas denominações possuam lógicas e efeitos, e, um dos efeitos é a condição civil de “estrangeiro” que carrega um significado implícito de retorno.

1.4 A imigração no Brasil

Vamos tentar traçar um breve panorama sobre os diferentes fluxos migratórios que fazem parte da história do Brasil, incluindo a imigração qualificada, mas antes, abordaremos os esforços no sentido de oferecer proteção aos refugiados que buscam abrigo em nosso território. Importante destacar que, em comparação com outros países, o Brasil receba um número pequeno de refugiados (BÓGUS e FABIANO, 2015). Os autores destacam que,

desde 1960 o Brasil vem trabalhando nesta direção e, em 1997 aprovou a Lei 9.474/97, Lei Nacional de Refúgio, que reconhece e garante direitos específicos a essas pessoas. Quintanilha e Segurado (2020), ao debater sobre o tema dos refugiados no Brasil, apontam os seguintes dados:

O número acumulado de refugiados reconhecidos pelo Estado brasileiro até o final de 2017 era de 10.145 (dos quais 25% são mulheres), majoritariamente da Síria, República Democrática do Congo, Colômbia, Palestina (Acnur, 2018). Desse total, apenas 5.134 continuam com registro ativo no país, sendo que 52% moram em São Paulo, 17% no Rio de Janeiro e 8% no Paraná. Os sírios representam 35% da população refugiada com registro ativo no Brasil. (p.98).

O Brasil aprovou uma nova Lei de Migração – LDM – a Lei nº 13.445 de 24 de maio de 2017 que se aplica a imigrantes e refugiados no Brasil e aos emigrantes brasileiros no exterior (QUINTANILHA e SEGURADO, 2020), substituindo o Estatuto do Estrangeiro (Lei nº 6.815/1980). As autoras reconhecem que a nova lei é uma conquista da sociedade por reconhecer juridicamente os migrantes como “sujeito de direitos” mas acreditam que, na prática, ela estrutura a política migratória a partir do paradigma do controle e não dos direitos humanos, uma vez que foi promulgada pelo presidente interino Michel Temer com mais de vinte vetos de artigos importantes sobre garantia de direitos. Entre os artigos vetados, Guedes *et al.* (2018, p.1) destacam: “a previsão de anistia para quem entrou no Brasil até julho de 2016, concessão de autorização de residência para fins de reunião familiar, a livre circulação de povos indígenas e populações tradicionais em terras ocupadas por seus ancestrais”.

Os portugueses foram os primeiros a imigrarem ao Brasil na colonização com o objetivo de apropriação militar e econômica da terra, implantação da lavoura que foi propulsora do tráfico de escravos, um movimento migratório forçado, que perdurou por três séculos, trazendo quatro milhões de africanos para trabalharem na terra (PATARRA e FERNANDES, 2011). Após a segunda metade do século XIX ocorre uma mudança radical no tipo de migração com a chegada de imigrantes europeus que vieram trabalhar na lavoura do café, conforme Patarra e Baeninger (1995, p. 79) explicam:

Desde modo, passou-se de um tipo de movimento migratório, ou seja, a imigração africana forçada, característico de determinada etapa do

desenvolvimento econômico para a migração da força-de-trabalho livre de origem europeia.

Nas primeiras décadas do século XIX vieram os alemães, italianos e outros em direção ao sul do país, em um projeto de colonização agrícola que visava a proteção e povoamento da terra e, em meados do mesmo século, os imigrantes se dividem entre a cafeicultura do oeste Paulista além de obras de infraestrutura urbana e construção de rodovias (PATARRA e FERNANDES, 2011).

Entre 1870 e 1930 cerca de 40 milhões de europeus vieram suprir a falta de mão-de-obra por ocasião da abolição da escravidão e da expansão da produção cafeeira, que foi afetada pela crise mundial de 1929, levando o Brasil a tomar medidas restritivas à imigração no final de 1930, com aplicação de cotas nas Constituições de 1934 e de 1937, segundo Patarra e Fernandes (2011). Para atender algumas demandas de trabalho pela falta de vinda de imigrantes, os autores explicam que começa uma migração interna, de acordo com as necessidades dos locais.

É interessante observar que, embora os primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil para substituir a mão-de-obra escrava na agricultura eram em sua maioria pobres, alguns tinham dinheiro, recursos familiares, know-how, ligações com atividades econômicas no exterior e formaram uma elite imigrante, que muito colaborou com o desenvolvimento do país (SCHWARTZMAN e SCHWARTZMAN, 2015). Os autores citam como exemplos os imigrantes italianos Matarazzo e Romi, os judeus Klabin e os Lafer, além de pesquisadores e engenheiros que criaram os primeiros institutos de pesquisa no Brasil, como Gustav Brieger, Fritz Feigel, Bernard Gross ou Gleb Wataghin. A fundação Rockefeller auxiliou na implantação das primeiras unidades de saúde pública e no aprimoramento dos médicos, trazendo especialistas estrangeiros e enviando os nacionais para estudarem nos Estados Unidos e os imigrantes alemães, italianos e japoneses investiram na criação de diversas instituições de ensino superior, em especial nos estados do sul do país.

Os conflitos na Europa e no Ocidente que culminaram na Segunda Guerra Mundial interromperam os fluxos migratórios para o Brasil, e, a falta de imigração na segunda metade do século XX até meados dos anos 1980, levaram Patarra

e Fernandes (2011) a questionar a imagem do país como receptor de imigrantes. No entanto, Patarra (2005) acrescenta que o Brasil se beneficiou ao receber imigrantes altamente qualificados com a “invasão de cérebros”, uma referência às pessoas que fugiam dos regimes autoritários dos países vizinhos nos anos 1970, assim como de europeus que fugiam da Segunda Guerra Mundial.

Nos anos 1980, mesmo período em que as mídias enfatizavam o aumento da saída de brasileiros para viverem no exterior, eram destacadas notícias sobre nossos vizinhos sul-americanos pobres, principalmente bolivianos, vindo ao Brasil em busca de melhor qualidade de vida, apesar da condição de “ilegais” (PATARRA, 2005). Estes fatos nos mostram que os movimentos internacionais contemporâneos no Brasil são compostos por modalidades distintas e específicas, assim como também o são os grupos sociais.

As privatizações das empresas e serviços públicos, a abertura comercial e a garantia do direito intelectual dos estrangeiros são fatores que inseriram o Brasil no circuito produtivo global, pois, as empresas estrangeiras que compraram as estatais brasileiras trouxeram, em sua maioria, trabalhadores estrangeiros para os cargos de comando, portanto, trabalhadores qualificados (ACCIOLY, 2010). O governo brasileiro, segundo a autora, estimulou a entrada de diretores, gerentes, engenheiros, estatísticos e técnicos, iniciando assim, a política de atração de mão de obra qualificada no país.

Enquanto os fluxos imigratórios para o Brasil no século XIX e princípio do século XX provinham do hemisfério norte, Bógus e Fabiano (2015) mostram que atualmente a maioria dos imigrantes são oriundos do hemisfério sul, como os haitianos, bolivianos, senegaleses, congolese, entre outros, e são profissionais pouco qualificados ou com dificuldades de comprovação, além da dificuldade do idioma. O Brasil tem um histórico de fluxos transfronteiriços, uma vez que faz fronteira terrestre com dez países, sendo o da fronteira sul do país com o Paraguai, o que mais se destacou no passado (GUEDES et al, 2018) e, atualmente, a fronteira norte tem apresentado novas mobilidades. Os autores ilustram que os haitianos, senegaleses e bengalis chegam no Acre pela Amazônia Boliviana, principalmente após 2010, enquanto os venezuelanos, desde 2015, tem entrado em Roraima, pela fronteira com a Venezuela.

A dinâmica da imigração venezuelana para o Brasil na atualidade sofreu transformações e se insere nos “três movimentos importantes no âmbito das migrações internacionais contemporâneas: as migrações Sul-Sul, as migrações transnacionais de refúgio e as migrações transnacionais fronteiriças” (BAENINGER, 2018, p. 135). Segundo a autora, as maiores dificuldades impostas aos imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos e na Europa, fizeram do Brasil uma alternativa viável para esses imigrantes, principalmente pela possibilidade de imigração documentada.

Guedes et al. (2018) acrescentam que o setor público, através de programas como o Ciência sem Fronteiras e o Mais Médicos, também trouxe para o Brasil imigrantes altamente qualificados. Ao analisar a literatura sobre imigração qualificada no Brasil, os autores concluem que, após a ditadura militar, a política migratória brasileira busca promover a imigração qualificada, apesar de restrições de sua lei de imigração em relação aos trabalhadores estrangeiros.

Estudos sobre fluxos migratórios para o Brasil nas primeiras décadas do século XXI, especialmente a migração qualificada Sul-Sul, mostram que houve um significativo aumento nos vínculos de trabalho de imigrantes qualificados vindos dos países do Sul (DOMENICONI, 2018), indicando que o Brasil está cada vez mais inserido nas rotas da migração internacional Sul-Sul, especialmente dos imigrantes mais qualificados. As estratégias traçadas por países da América do Sul membros do MERCOSUL para aumentar o desenvolvimento econômico dinamizou e provocou avanços nas políticas sociais de amparo àqueles que se deslocam entre os países do bloco (PATARRA, 2005).

Os imigrantes trabalhadores do conhecimento de nacionalidades latino-americanas, caribenhas, argentina, boliviana e chilena para o Brasil, representam uma parcela considerável destes fluxos migratórios (DOMENICONI, 2018) demandando a adoção de medidas entre os países em favor de uma mobilidade mais segura e a regulamentação do trabalho do imigrante no Brasil.

A crise econômica iniciada em 2007 nos Estados Unidos, que refletiu na Europa e Japão, mesmo período de desenvolvimento econômico e social

brasileiro e reposicionamento geopolítico, impactou os movimentos migratórios no Brasil que passaram a combina emigração, imigração de fluxos diversificados e retorno de emigrados (CAVALCANTI, 2015). Essa crise econômica foi fator determinante para que profissionais qualificados buscassem em países emergentes oportunidades que lhes proporcionassem melhores condições de vida e de trabalho (MOMO e BÓGUS, 2014).

O Brasil atraiu profissionais altamente qualificados, configurando os novos fluxos migratórios no início do século XXI, uma vez que a estabilidade econômica e investimentos em setores como infraestrutura, petróleo e gás, demandavam mão-de-obra altamente qualificada, como engenheiros, economistas e supervisores, com predominância do sexo masculino e portugueses (MOMO e BÓGUS, 2014).

A partir de dados levantados do Ministério do Trabalho e Emprego em 2010, Coentro (2011) mostra que, em 2006, 25,5 mil estrangeiros tiveram autorização para trabalhar no Brasil e, em 2009, esse número elevou para 43 mil, sendo que destes, 59% com formação educacional superior. A autora confirma que o maior interesse dos imigrantes qualificados no país é um reflexo da crise econômica mundial, mas, por outro lado, demonstra a carência de mão-de-obra qualificada nacional, embora esse quadro esteja se transformando com o aumento de brasileiros com nível escolar superior e com pós-graduação, a partir de 2001.

O Brasil recebeu muitos imigrantes venezuelanos qualificados entre 2000 e 2016, em sua maioria com visto de trabalho, segundo dados do Sistema Nacional de Cadastro e Registro, perfazendo um total de 9.723, sendo que 5.095 residindo em São Paulo e 2.438 no Rio de Janeiro (BAENINGER, 2018). Após 2016, a autora explica que o acirramento da crise econômica na Venezuela impulsionou a vinda para o Brasil de imigrantes da classe média, sendo seguidos posteriormente pelos mais pobres, formando uma migração transnacional de refúgio, com pedidos de solicitação de reconhecimento de refúgio, entrando pela fronteira com Roraima.

A crise que afetou o mercado de mão-de-obra brasileiro, a partir de 2015, impactou diretamente as oportunidades de trabalho para os migrantes

qualificados, com nível de ensino superior ou mais, segundo Guedes et al. (2018).

Muitos imigrantes, embora possuindo formação técnica e profissional, não conseguem atuar dentro da área de sua qualificação e isso também é observado no Brasil, conforme apontam Quintanilha e Segurado (2020), citando dados do relatório do OBMigra de 2018, revelam que uma parte significativa dos imigrantes que ingressam no país trabalha em linha de produção, açougueiro e abatedor em frigoríficos, além de atividades precárias na construção civil, restaurantes e serviços de limpeza.

Entre 2011 e 2013, o mercado de trabalho formal brasileiro viu crescer em 50,9% o número de trabalhadores imigrantes, sendo os haitianos em maior número, passaram de 814 em 2011 para 14.579 em 2013, superando os portugueses (CAVALCANTI, 2015).

Citando os dados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE, Vêras (2020) aponta que 25% dos estrangeiros residentes na cidade de São Paulo eram latino-americanos, enfatizando que na última década esse número sofreu transformações assim como as modalidades, como por exemplo, o tipo de visto concedido, os tipos de fluxos, e a inclusão de refugiados e expatriados.

1.5 Movimento de brasileiros para fora do Brasil

Apesar da imagem de país receptor por seu histórico de imigrações iniciada com os portugueses no período da colonização, o Brasil apresentou um significativo aumento na emigração, a partir dos anos 1980, para os países desenvolvidos da América, Europa e Japão (PATARRA, 2005), até voltar a ser destino de grande número de imigrantes de países limítrofes e de países do Hemisfério Norte, no início de 2012 e de países em desenvolvimento (PATARRA e FERNANDES, 2011). No final da década de 1960 e nos anos 1970, conforme observa Margolis (2013), em decorrência do regime militar, inúmeros professores universitários, políticos, músicos e artistas permaneceram exilados em terras estrangeiras.

O início de uma nova fase nos deslocamentos de sua população pode ser observado no Brasil, a partir da década de 1980, com um número expressivo de

brasileiros residindo no exterior, como os Estados Unidos, Japão, alguns países da Europa e Paraguai (PATARRA e FERNANDES, 2011). Para os autores, esse fato chama a atenção da imprensa e de pesquisadores, o que impulsionam o aumento da emigração de brasileiros para os Estados Unidos, principalmente em 2004, época em que era exibida no Brasil uma novela que tratava do tema (PATARRA, 2005).

Segundo Margolis (2013), as emigrações de brasileiros a partir de 1980 ocorriam por motivos econômicos e não mais políticos como as que ocorreram após o golpe militar de 1964. A autora demonstra que:

Por volta de 1990, cerca de 1,3 milhão de brasileiros “sumiram” do censo demográfico nacional, presumindo-se que tenham ido morar fora do Brasil, e em 2009 mais de 3 milhões estavam residindo no exterior. Estabeleceram-se em 112 países, com população variando de aproximadamente 1,2 milhão nos Estados Unidos, 200 mil no Paraguai e quantidade semelhante no Japão a apenas 60 no Vietnã e 32 na Etiópia. (p. 9).

Patarra (2005) acrescenta que no período entre 1996 e 2003 os Estados Unidos era o destino de 40% do total das emigrações de brasileiros, sendo em sua maioria composta por jovens, de classe média, eram ilegais e exerciam trabalhos não qualificados que lhes proporcionavam um retorno financeiro maior do que teriam no Brasil. Segundo a autora, a formação de redes fortalecia e aumentava o fluxo, com estratégias, como a compra de “pacote” para irem pelas fronteiras do México.

A Europa, por razões históricas e culturais, passa a ser a escolha de algumas mulheres que são iludidas e acabam se envolvendo com prostituição, atividades domésticas e uma minoria formada por jogadores de futebol (PATARRA, 2005). O primeiro fluxo importante para a Europa foi Portugal, na última década do século XX, mantendo-se estabilizado até o final da primeira década de 2000 (PATARRA e FERNANDES, 2011). Segundo os autores, a Espanha também se destaca como destino para muitos brasileiros, inclusive através de reemigração dos que estavam em Portugal ou Itália, sendo notado um expressivo número de mulheres, predominantemente para trabalhar no setor de serviços, sob precárias condições.

Os brasileiros que residiam nos Estados Unidos, Europa e Japão no ano de 2008 enviaram uma soma aproximada de 7,4 bilhões de dólares para seus

familiares, o que representava 1% do Produto Interno Bruto, mas impactaram sensivelmente algumas cidades como é o caso de Governador Valadares, interior de Minas Gerais, que tem uma boa parte de sua população residindo no exterior (MARGOLIS, 2013). A autora acrescenta que até as ruas da cidade sofreram influências dessa emigração com a construção de novas casas, prédios e uso de nomes norte-americanos em alguns estabelecimentos comerciais.

O aumento da emigração de brasileiros a partir da década de 1980 ocorre, segundo Margolis (2013), em um cenário de queda do nível de consumo das classes média e média baixa, decorrentes da estagnação econômica e hiperinflação, além das frustradas expectativas de melhoras após o período da ditadura militar entre 1964 e 1985. O fracasso do plano econômico do governo de Fernando Collor de Mello e o escândalo que reduziu seu mandato (1990 a 1992) derrubaram as esperanças e trouxeram mais decepções com a classe política e falta de perspectivas de melhora das condições econômicas dos brasileiros, que viam na emigração uma opção para o desemprego e o subemprego, além das expectativas de obterem salários mais altos, mesmo em trabalhos não qualificados (MARGOLIS, 2013).

A facilidade que descendentes de italianos conseguem passaportes europeus, fez da Itália um destino escolhido por muitos brasileiros, como observam Patarra e Fernandes (2011), os quais incluem Reino Unido e Irlanda como um destino que tem aumentado consideravelmente.

O Japão, que trouxe muitos cidadãos para o Brasil no início do século XX, hoje recebe seus descendentes jovens que procuram melhores condições econômicas, além de serem atraídos por traços culturais e étnicos, também contam com uma rede de parentesco, segundo Patarra (2005). O Paraguai é o segundo maior recebedor de brasileiros por fazer fronteira com o Brasil, onde existem atividades agrícolas, hidroelétrica, ao mesmo tempo é uma área de conflito decorrentes de contrabandos e narcotráfico (PATARRA, 2005).

É interessante observar que o Brasil e a Angola são dois países que foram colonizados de maneiras distintas por Portugal (PATARRA e FERNANDES, 2011) e mantêm relações diplomáticas e culturais, com constantes fluxos migratórios de Angola para o Brasil a partir de 1970, com significativas

transformações de acordo com o momento histórico em que ocorreram (AYDOS, 2010). O Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência da Angola em 1975 e, a partir de 1980 os dois países estabeleceram diversas parcerias nas áreas técnicas e culturais, como é o caso da exploração de petróleo angolano pela Petrobrás e extração de diamantes pela Odebrecht (PATARRA e FERNANDES, 2011; AYDOS, 2010).

Dessa maneira, muitos profissionais qualificados brasileiros foram trabalhar em Angola com salários e benefícios atraentes, estimulando a criação de uma ponte aérea entre Luanda e Rio de Janeiro, o que, por sua vez, segundo Aydos (2010) se tornou a principal forma de entrada de imigrantes angolanos no Brasil na década de 1990. A autora concorda que as relações entre os dois países se estreitaram a partir de 2002 com o fim da guerra civil e maior participação de empresas brasileiras em solo angolano através da construção civil, comércio, indústria e telecomunicações.

O censo de 2010 incluiu o quesito sobre emigração internacional em seu questionário básico, com a intenção de facilitar as projeções populacionais e pela necessidade de ter uma estimativa do número de brasileiros morando no exterior, e conhecer os perfis de acordo com sexo, ano de nascimento, ano da última partida e país de residência atual do emigrante (CAMPOS, 2011). A posse dessas informações é de grande valor para planejamento de políticas públicas para atender e apoiar esses brasileiros além de realização de estudos para estimar o estoque da emigração internacional. A pergunta incluída no questionário básico do censo de 2010 foi elaborada da seguinte maneira:

“ALGUMA PESSOA QUE MORAVA COM VOCÊ(S) ESTAVA MORANDO EM OUTRO PAÍS EM 31 DE JULHO DE 2010?” (CAMPOS, 2011, p. 86).

A inclusão desta questão é muito importante, embora não seja possível identificar os casos de mudança de todos que moravam na residência e, em casos de emigrantes indocumentados, a família pode omitir a informação por receio de prejudicá-los.

Capítulo 2. POLÍTICAS IMIGRATÓRIAS DO CANADÁ

A diversidade não é apenas uma política social sólida. A diversidade é o motor da invenção – gera criatividade que enriquece o mundo. Podemos abraçar a diversidade e as novas ideias que surgem a partir dela, ao mesmo tempo em que promovemos uma identidade compartilhada e valores compartilhados em comunidades seguras e estáveis que funcionam. (Justin Trudeau, primeiro-ministro do Canadá, durante discurso no fórum econômico mundial em Davos, 2016).¹

O Canadá entra na rota dos emigrantes brasileiros no final dos anos 80 quando é visto como uma etapa para aqueles que pretendiam entrar nos Estados Unidos, mas eram barrados pelas restrições burocráticas (GOZA, 1999). Dois fatores chamaram a atenção do autor para estudar esse fluxo de brasileiros para o Canadá: a obrigatoriedade de visto para eles a partir de 1987 e a grande proporção desses imigrantes que entravam como refugiados, após 1987.

A globalização ampliou os comércios ultramarinos, reduzindo a necessidade de desenvolvimento de um grande mercado interno, influenciando o Canadá a modificar sua política de imigração, o que foi feito através da maior atração de imigrantes qualificados e aqueles que exercem funções que apresentam escassez de mão de obra no país (FRAGA e BÓGUS, 2014).

Antes de abordarmos a emigração dos brasileiros qualificados no Canadá vamos discorrer brevemente sobre a história da formação do país, procurando ilustrar os diferentes fluxos de imigração no decorrer do tempo, as políticas imigratórias e como elas impactam a entrada, a integração dos emigrantes brasileiros qualificados e sua inserção no mercado de trabalho.

O Canadá tem grande parte de sua população formada por imigrantes, segundo dados do próprio governo que apontam que 20% dos canadenses nasceram em outros países. O país tem o histórico de ter sido colonizado e, até os anos 1970, os imigrantes, em grande maioria, eram europeus, diferentemente dos dias atuais, onde a grande maioria tem origem nos países asiáticos (BIZZO, 2019). A autora aponta que a imagem do Canadá de ser uma nação multicultural e aberta às diferentes raças, etnias, cores, religiões e nacionalidades, atrai

¹ <https://www.istoedinheiro.com.br/confira-10-frases-inspiradoras-do-forum-economico-mundial-de-davos/> Acesso em 13 junho 2021.

milhares de pessoas, porém, a realidade mostra a existência de frequentes conflitos relacionados à integração e identidade.

Após a Segunda Guerra Mundial, entre 1945 e 1960, os países desenvolvidos tiveram um aumento considerável de sua população, a conhecida geração *baby boomer*, e o Canadá aumentou o número de nascimento em 18% acima do esperado, e esta geração está gerando custos para a previdência, com suas aposentadorias (FRAGA, 2013), que não estão sendo compensadas, pois, o país tem apresentado baixas taxas de natalidade e diminuição do desenvolvimento demográfico, e tem na imigração o principal motor de crescimento populacional.

A atração dos imigrantes qualificados ao Canadá representa uma economia ao país, uma vez que não tiveram os custos de sua formação arcados por ele, além de serem elementos importantes para relações econômicas com seu país de origem e oferecem capital e/ou empreendedorismo, nos casos dos que pretendem estabelecer-se (FRAGA, 2013).

Algumas críticas apontam que a política de imigração do Canadá é seletiva, tendo início com a implantação de um sistema de pontos que busca o recrutamento de mão de obra qualificada a partir de 1967 e pretendemos apontar como foi desenvolvida e estruturada essa forma de avaliação dos imigrantes.

2.1 História da formação do Canadá

Os britânicos conquistaram a Nova França, atual província de Quebec, após a Guerra dos Sete Anos, em que foi selado o Tratado de Paris, que levou à Proclamação Real em 1763 e elaboração da primeira constituição civil dos francófonos sob o poder da coroa britânica. Na Guerra dos Sete Anos (1756 a 1763), durante o reinado de Luís XV, a França, Áustria, Saxônia, Rússia, Suécia e Espanha perderam para Inglaterra, Portugal, Prússia e Hannover (FRAGA, 2013).

Alguns habitantes da Nova França resistiam à coroa britânica e estavam ligados politicamente à corte francesa e, a Inglaterra, se depara com uma nação de idioma diferente, que tinha receio de perder suas tradições e cultura, principalmente a fé católica, suas instituições e suas leis, e tenta tirar seus

direitos (FRAGA, 2013). No entanto, o autor acrescenta que o Ato de Quebec assinado por autoridades inglesas em 1774 reuniu esforços no sentido de evitar ações em prol da independência dos quebequenses. O Ato de Quebec propõe um conselho legislativo composto por membros nomeados por Londres, com a aplicação de leis francesas nas cortes inferiores e utilização do idioma francês para indivíduos francófonos, além de permitir que franco-canadenses fossem advogados e juízes e permissão de hábitos e costumes das minorias.

O Ato Constitucional de 1791 institui a divisão em Canadá Alto e Canadá Baixo, com dois parlamentos e um governador nomeado pela corte, representando uma tentativa de impor uma supremacia anglo-canadense sobre os franco-canadenses (FRAGA, 2013). Em 1840 essa imposição é retirada e Lorde Durham² estabelece a denominação de Canadá do Leste (francófono) e Canadá do Oeste (anglófono) e acreditava que o crescimento da população inglesa e uma união legislativa desestimularia o separatismo pelos franco-canadenses. A nova legislatura é redigida em inglês, estabelecendo que o parlamento seria formado pelo mesmo número de representantes anglo e franco-canadenses (BIZZO, 2019).

Surgem assim as disputas entre federalistas (maioria francófonos) e centralizadores. Os federalistas defendiam que seria a melhor maneira de obterem uma organização política, continuando a dualidade e, os centralizadores buscavam a centralidade em um governo federal para garantir a união. A união dos dois grupos foi possível como necessidade de proteger as relações comerciais exteriores (BIZZO, 2019). Desta maneira, o federalismo no Canadá foi determinante para acomodar a diversidade de nacionalidades e para a superação da crise econômica dos anos 1930, através da centralização da política econômica e execução em todo o país do novo acordo gerido pelo poder federal (FRAGA, 2013).

Segundo Gagnon e Iacovino (2007), o federalismo estadunidense e o alemão foram criados com o objetivo de limitar excessos do poder executivo, no entanto, no Canadá, ele foi criado para acomodar a diversidade de nacionalidades e desestimular o separatismo almejado pelos quebequenses,

² Durham foi governador-geral entre 1838 e 1839, tornando o Canadá um país de duas maiorias.

uma vez que a construção de um país fundado no dualismo cultural, francês e inglês, dificilmente seria respeitada.

A Confederação de 1867 marca a fundação jurídica do Estado Canadense, embora muitos pesquisadores e estudiosos discutam sobre a legitimidade desta fundação. Gagnon e Iacovino (2007) não acreditam que um governo central consiga falar legitimamente por todos os canadenses, e apresentam a seguinte sugestão:

Para que a multinacional canadense floresça, propomos dois desenvolvimentos que precisam ocorrer. Primeiro, deve-se entender que Quebec é uma sociedade constituída - uma cultura societária - para usar a designação familiar. Em segundo lugar, e relacionado ao primeiro, a cidadania de Quebec deve ter permissão para se desenvolver independentemente das medidas canadenses que servem apenas para minar seu desenvolvimento. (GAGNON e IACOVINO, 2007, p. 349, tradução nossa).

Desta maneira, Quebec não pode ser visto como uma mera unidade administrativa subordinada a um governo central, mas sim uma nação política dentro de um estado multinacional, que teve um importante papel na fundação do Estado canadense, possuindo suas próprias instituições representativas, tradições jurídicas e reivindicações sobre a cidadania (GAGNON e IACOVINO, 2007).

A demonstração da não aceitação dos franceses de serem governados pela coroa britânica sempre ocorreu de maneira cordial, de forma a evitar conflitos e preservar a paz e, até os dias atuais, anglófonos e francófonos convivem apesar de suas diferenças.

Nos anos 1980 foi elaborada uma nova Constituição para o Canadá com o acordo de Meech Lake, mas Quebec recusou-se a assinar por não ter suas reivindicações atendidas, sendo criada a Comissão sobre a Política e o Futuro de Quebec que levou ao rompimento com a federação e realização de plebiscitos sobre a separação política (não econômica) do Canadá (FRAGA e BÓGUS, 2014). Os plebiscitos revelaram uma divisão na população sobre querer ou não um rompimento, até que em 1995 um plebiscito decidiu pela não separação de Quebec do Canadá, apesar de ter sido por uma margem muito estreita.

Diante da possibilidade de rompimento, em 1991 o governo federal e o de Quebec tinham selado um acordo dando autoridades para que Quebec elaborasse as próprias políticas migratórias baseadas no fortalecimento e disseminação do uso do francês (FRAGA e BÓGUS, 2014), pois, a preservação deste simbolizava o fortalecimento de uma identidade cultural quebequense.

A constituição de um Canadá multinacional sustentada por um governo federal forte foi elaborada durante o mandato do 15º primeiro-ministro, Pierre Elliott Trudeau, nos períodos de abril de 1968 a junho de 1979 e março de 1980 a junho de 1984 (FRAGA e BÓGUS, 2014). Os autores destacam a importância deste líder para a união e fortalecimento do país:

De sua base em Montreal, Trudeau assumiu o controle do Partido Liberal em 1968 e tornou-se um líder carismático. Os cientistas políticos canadenses percebem que ele teve perspicácia política para preservar a unidade nacional ante o separatismo de Québec. Trudeau trabalhava com a noção de que uma sociedade justa deveria se basear em direitos iguais por todo o Canadá, igualdade de forças entre as províncias e no bilinguismo institucional. Ele estabeleceu a Carta dos Direitos e Liberdades, que definiu o Canadá como um país multicultural sobre um quadro bilíngue. Não surpreende que hoje observamos uma mudança significativa dos locais fornecedores de imigrantes para o Canadá e Québec (FRAGA e BÓGUS, 2014, p. 12).

O Canadá é uma monarquia constitucional independente politicamente, porém, submetida ao poder da coroa britânica, sendo governado por um Primeiro Ministro eleito democraticamente por sua população. Tem uma forma federalista de gestão, com três níveis de poder: federal, provincial (territorial) e municipal (BIZZO, 2019), sendo que as províncias respondem às questões de educação, saúde e regulamentações viárias; os municípios respondem pelo transporte público, fornecimento de água, gestão policial e terra; ao governo federal cabem questões como defesa nacional, taxas, sistemas bancários e monetários, sistema criminal, segurança dos trabalhos e leis e direitos dos aborígenes.

2.2 Histórico das imigrações no Canadá

A partir da Confederação em 1867, estatísticas³ apontam a entrada de mais de 17 milhões de imigrantes ao Canadá, com variações significativas dos países de origem. Essas variações podem ser atribuídas tanto às mudanças na

³ Disponível em: <https://www150.statcan.gc.ca/n1/pub/11-630-x/11-630-x2016006-eng.htm> acesso em 27 fev. 2021.

política de imigração, quanto à situação econômica do Canadá, além de outros fatores relacionados à imigração internacional. No final dos anos 1800 entravam em torno de 6.300 até 133.00 imigrantes por ano, e, em 1913, quando o Canadá promoveu a colonização do Canadá Ocidental, mais de 400.000 imigrantes chegaram ao país. Entre a Primeira Guerra Mundial, a Grande Depressão de 1930 e a Segunda Guerra Mundial, esses índices caíram drasticamente, voltando a aumentar após a recuperação da paz e da economia canadense.

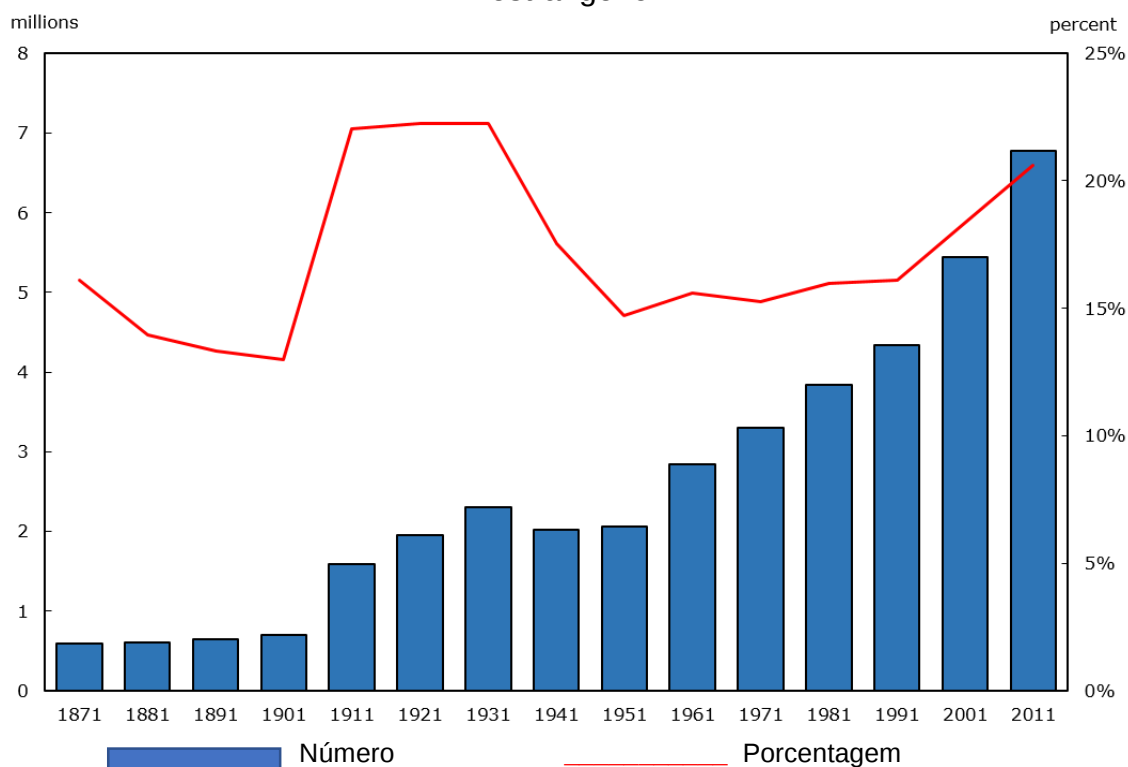
Nos períodos de crises políticas e humanitárias, o Canadá recebeu muitos refugiados, como nos anos de 1956 e 1957 cerca de 37.000 húngaros e, nas décadas de 1970 e 1980, os ugandeses, chilenos, vietnamitas, cambojanos e laosianos chegaram ao país. A partir do início da década de 1990, o Canadá registrou uma média de 235.000 novos imigrantes por ano.

Muitos imigrantes se estabelecem no Canadá, porém, outros mudam para um terceiro país ou ainda voltam para seu país de origem, fazendo com que o Censo da População considere esses fatores, além da possibilidade de falecimento de alguns imigrantes, para estimar o número de pessoas vivendo no país em um determinado período, e analisar o impacto da imigração na demografia.

Desta maneira, o Censo de 1871 apontou que 16,1% da população canadense nasceu fora do Canadá, apresentando uma queda desta porcentagem no Censo de 1901 para 13,0%. O Censo de 1931 revelou que quase 2,3 milhões de pessoas eram nascidas no exterior, ou seja, 22,2% da população do Canadá. Esses índices sofreram considerável queda no período da Grande Depressão e na Segunda Guerra Mundial, e em decorrência de aumento da emigração, até que, a partir da década de 1950, tem sido observado constante aumento do número de imigrantes no Canadá. Em 2011 foi registrado que 20,6% da população canadense havia nascido no exterior, maior proporção desde o Censo de 1931. O Gráfico⁴ 1 aponta essas variações no período de 1871 a 2011.

⁴ Disponível em: <https://www150.statcan.gc.ca/n1/pub/11-630-x/11-630-x2016006-eng.htm> acesso em 27 fev. 2021.

Gráfico 1 – Número e proporção da população do Canadá, nascida no estrangeiro



Fonte: Statistics Canada, censos da população. Pesquisa Nacional de Domicílios, 2011.

Os países de origem dos imigrantes que chegaram ao Canadá também sofreram mudanças marcantes no período de 150 anos. O Censo de 1871 indicou que quase meio milhão de pessoas provinham das Ilhas Britânicas, representando 83,6% do total de estrangeiros, seguindo dos Estados Unidos, com 10,9%, Alemanha, 4,1% e França com apenas 0,5%. A partir do final dos anos 1800 foi notado aumento de imigrantes de outros países europeus, com variações de fluxos que permitiram identificar três ondas principais. Na primeira onda, dirigiram-se para o Canadá grupos de pessoas da Europa Oriental, como os russos, poloneses e ucranianos, da Europa Ocidental e da Escandinávia.

Uma segunda onda no período da década de 1950 até a década de 1970, após a Segunda Guerra Mundial, além de um considerável número de imigrantes das Ilhas Britânicas, o Canadá recebeu muitos estrangeiros vindos da Europa Ocidental, como a Alemanha e Holanda e do Sul da Europa, como a Itália, Grécia, Iugoslávia e Portugal. O Censo de 1971 apontou que 28,3% dos imigrantes vinham do Reino Unido e outros 51,4%, de outros países europeus.

A terceira onda foi composta por imigrantes vindos da Europa Oriental, como a Rússia e países que faziam parte da União Soviética, Polônia e Romênia, durante o período de 1980 e 1990, impulsionados pelas mudanças políticas como a queda do Muro de Berlim e a dissolução da União Soviética.

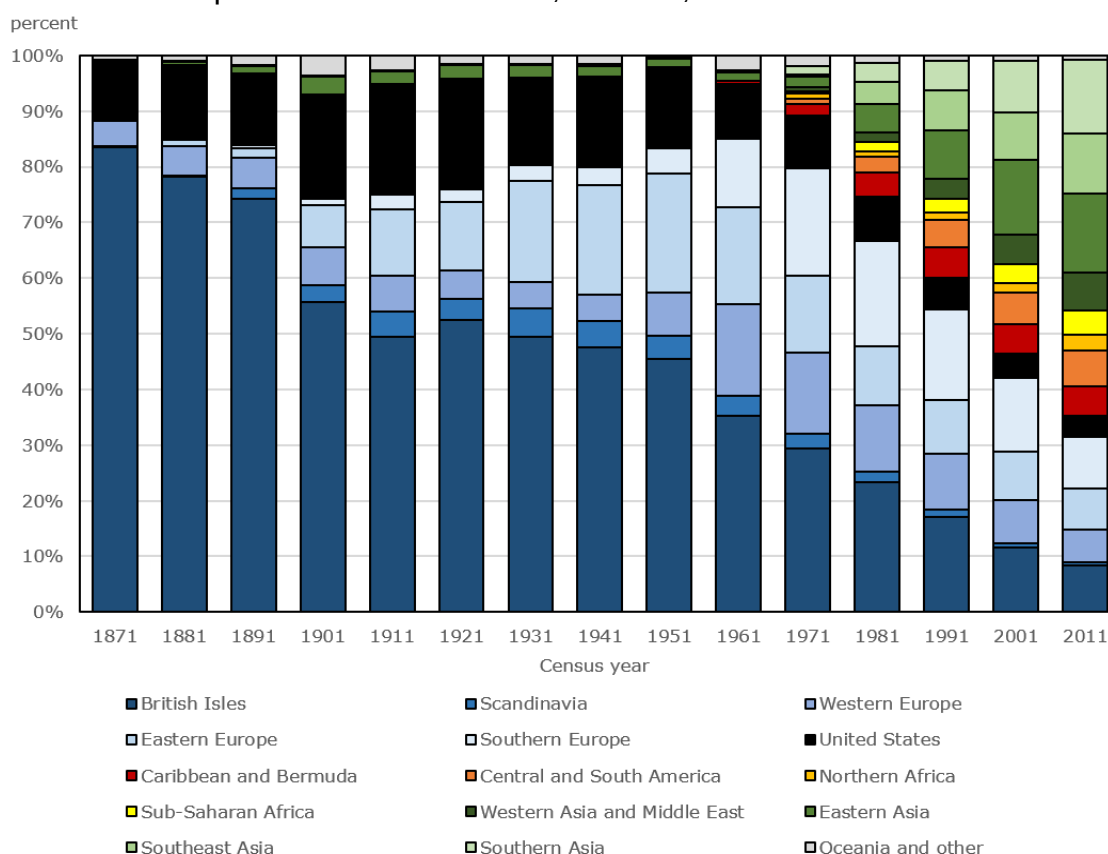
Mudanças na política imigratória canadense somadas a eventos mundiais atraíram, após a década de 1960, imigrantes asiáticos, em especial chineses e japoneses, além de estrangeiros de outras regiões do planeta. A Pesquisa Nacional de Domicílios⁵ de 2011 revelou que o Reino Unido não é mais o país com maior número de nascimento dos estrangeiros que vivem no Canadá, e sim a Ásia, incluindo o Oriente Médio. Desta maneira, podemos perceber a importância dos imigrantes no crescimento demográfico canadense, além da contribuição na diversidade étnica, linguística e religiosa de sua população.

O Gráfico 2⁶ ilustra a variação, em termos de porcentagem de estrangeiros, de acordo com o país em que nasceram, no período de 1871 e 2011.

⁵ *Enquête nationale auprès des ménages, 2011*

⁶ Disponível em: <https://www150.statcan.gc.ca/n1/pub/11-630-x/11-630-x2016006-eng.htm> acesso em 27 fev. 2021

Gráfico 2 – Distribuição em porcentagem da população nascida no estrangeiro, por local de nascimento, Canadá, de 1871 a 2011



Fonte: Statistics Canada, censos da população, de 1871 a 2001. Pesquisa Nacional de Domicílios

2.3 Política imigratória no Canadá

A imigração sempre representou para o Canadá uma estratégia de promoção de crescimento econômico e demográfico, assim, conforme apontam Fraga e Bógus (2014), as políticas de imigração sofreram mudanças significativas no decorrer de sua história.

Desta maneira, antes de abordarmos a lei de imigração que é aplicada atualmente, vamos ilustrar de forma resumida, através da Tabela 1, os caminhos percorridos pelo governo do Canadá para regulamentar a entrada de imigrantes em suas terras, no período de 1867 a 1967, ou seja, cem anos, na maioria das vezes impondo restrições e admitindo aqueles que colaborariam com o crescimento econômico do país.

Tabela 1 - Legislações canadenses sobre a imigração de 1867 até 1967

Ano	Legislação	Principais características
1867	<i>Immigration Act</i>	Estimular o desenvolvimento do oeste, organizar e inspecionar o estado de saúde dos imigrantes, impedindo a entrada de doentes.
1885	<i>Chinese Immigration Act</i>	Cobrança de 50 dólares canadenses para cada chinês que entrasse, como forma de restringir imigrantes de acordo com sua origem étnica.
1888	Segundo <i>Immigration Act</i>	Ampliou as categorias de imigrantes indesejados e formalizou a deportação, dando amplo poder ao governo nas decisões sobre imigração.
1908	Acordo Canadá e Japão	Limitou em 400 imigrantes a entrada de japoneses/ano.
1908	<i>Continuous Journey</i>	Impediu a entrada de imigrantes que não podiam realizar a viagem de forma completa a partir de seu país, caso dos indianos.
1910	<i>Immigration Act</i>	Deu mais poder ao governo na admissão e deportação de imigrantes, restringindo de forma subjetiva a entrada de imigrantes.
1914	<i>Naturalization Act</i>	Condições para a naturalização: morar por cinco anos no Canadá, ter bom conhecimento da língua inglesa ou francesa e ter uma boa conduta moral.
1919	Emenda ao <i>Immigration Act</i> (pós guerra)	Baniu a entrada de imigrantes de nações inimigas e deu poder ao <i>governor-in-council</i> de proibir a entrada de imigrantes de qualquer nacionalidade, raça, ocupação ou classe em razão de “seus costumes, hábitos e modo de vida peculiares assim como seus métodos de deter propriedade.
1922	<i>Empire Settlement Act</i> , Acordo entre o governo britânico e países do império	Facilitou a entrada de 165.000 imigrantes britânicos (agricultores, fazendeiros e jovens imigrantes).
1923	<i>Chinese Immigration Act</i>	Restringiu mais as condições para a entrada de Chineses, permitindo apenas representantes oficiais, comerciantes e chineses nascidos no Canadá.
1925	<i>Canadian Pacific Railway</i> e a <i>Canadian National Railway</i> (cancelado em 1930)	Controlavam o recrutamento e estabelecimento de agricultores europeus e de imigrantes de países “não preferidos” o que permitiu a entrada massiva de imigrantes provenientes da Europa central.
1930		Só poderiam entrar americanos e britânicos com capital para o sustento pessoal e agricultores com condições de autossuficiência e as esposas e filhos de residentes no Canadá.
1947	<i>Canadian Citizenship Act</i>	Permitiu que os residentes canadenses obtivessem sua cidadania independente do seu país de origem.
1952	Novo <i>Immigration Act</i>	colocou no papel práticas já existentes e ampliou o poder no <i>governor-in-council</i> e do ministério para decisões arbitrárias sobre admissão e deportação de imigrantes.
1962	<i>Order-in-Council</i>	A discriminação racial evidente foi retirada e as qualificações eram o principal critério. Cidadãos canadenses e residentes permanentes podiam patrocinar a imigração de familiares.
1966	<i>White Paper on Immigration</i>	Reforçou o recrutamento de imigrantes qualificados e os controles na imigração patrocinada para evitar um influxo de trabalhadores não qualificados.
1967	<i>Order-in-Council</i>	Estabeleceu critérios para a avaliação através do sistema de pontos, eram admitidos se atingissem 50 pontos ou mais.

Fonte: Elaborada pela autora, a partir de dados de Bizzo, 2019, p. 26-30.

O sistema de pontuação atual utilizado na admissão de imigrantes no Canadá teve início em 1967, em que era realizada uma avaliação a partir da educação, habilidades ocupacionais, possibilidade de emprego, idade, proficiência em inglês ou francês e características pessoais (BIZZO, 2019),

sendo necessário atingir ao menos 50 pontos de um total de 100 para ser admitido, não importando a nacionalidade, raça ou etnia.

A política multiculturalista implantada pelo primeiro-ministro Pierre Trudeau em 1971 buscava preservar a liberdade cultural e reconhecer as contribuições culturais dos diferentes grupos étnicos, oferecendo apoio aos indivíduos na superação das barreiras discriminatórias e incentivar trocas interculturais e na aprendizagem do francês e inglês (BIZZO, 2019). Esse modelo político, apesar da denominação multiculturalismo, foi elaborado a partir das duas principais culturas do Canadá, a anglófona e a francófona e precisou de décadas para a compreensão de uma sociedade multicultural como uma sociedade plural. (SEGA, 2013).

Em 1976 ocorre a última importante modificação na legislação canadense de imigração, através de outro *Immigration Act*, que teve sua importância por representar uma legislação progressista em que definia com transparência os seus objetivos e constituiu os refugiados como uma classe diferente de imigrantes, além de impor que o governo federal deveria consultar outros níveis de governo na gestão e planificação sobre a imigração (BIZZO, 2019). Em 1988 a política multiculturalista foi regularizada pelo *Canadian Multiculturalism Act* com a intenção de proteger a herança cultural de todas as etnias e raças da sociedade canadense, além de reduzir a discriminação e estimular os programas multiculturais (BIZZO, 2019).

Assim como a política multiculturalista do Canadá possibilitou a Quebec implementar sua própria política de imigração (FRAGA, 2013), a parte anglófona oferece a cidadania àqueles imigrantes que são aprovados no processo de seletividade, aumentando as chances de estabilização e na tentativa de desestimular um retorno em massa dos selecionados (SEGA, 2013). A política de seletividade atende ao interesse do Estado em controlar e administrar a mão de obra qualificada que entra no país, assim, escolhem aqueles imigrantes que atendem um determinado perfil, pois não é qualquer pessoa qualificada e nem qualquer imigrante que interessa ao país.

Esse critério seletivo de imigração toma por base uma tabela, a *National Occupational Classification*, o NOC (Classificação Ocupacional Nacional)

elaborada pelo governo canadense para classificar os níveis de qualificação da mão de obra, dos quais Segal (2013, p. 68) aponta os principais pontos:

Resumidamente, independente da profissão, os níveis de habilidade vão de “0” (zero) e “A” até nível “D”, ou seja, são classificados em quatro níveis. Esses níveis de habilidade, ou qualificação (*skill level*), são determinados pela duração e tipo da educação e treinamento necessário para realizar a determinada ocupação. É levada em consideração, também, a experiência necessária mínima para exercer a profissão, assim como a complexibilidade e responsabilidades dessas profissões em relação às outras.

Segal (2013) nos mostra que os níveis de habilidade (*skill level*) são confrontados com outros dez tipos de habilidades ou ocupações denominadas de *skill type*, que são os tipos de trabalhos, as áreas de atuação, como negócios, saúde, artes, educação etc. A combinação do nível de habilidade do imigrante com o tipo de profissão gera um número que será usado para a classificação das profissões, e será decisório na permissão ou não da imigração. O sistema canadense, como podemos perceber, valoriza a imigração econômica e une esforços em direção à uma boa integração ao mercado de trabalho, sendo uma estratégia para melhora dos resultados econômicos ao país (FRAGA, 2018).

Desta maneira, o Canadá conseguiu demonstrar uma gestão exemplar da política de imigração, além da diversidade étnica crescente no país, presença maior de imigrantes com níveis altos de escolaridade e obtendo o apoio da opinião pública, sendo internacionalmente reconhecida como um exemplo de sucesso (FRAGA, 2018).

A partir de 2015 passou a vigorar o programa de imigração federal, o *Entry Express*, incorporou o antigo Programa Federal de Trabalhador Qualificado que exigia do candidato uma soma de 67 pontos ou mais (de 100), o que permitia, após o envio dos documentos para o consulado ou pela internet, receber o *PR Card*, visto de residência permanente, se fosse aprovado, ainda do Brasil, como aconteceu com alguns participantes de nossa entrevista. Essa mudança ficou nítida nos relatos de nossos entrevistados que emigraram antes e após 2015, conforme veremos no próximo capítulo.

O *Entry Express* tem uma pontuação máxima em 1.200 pontos, porém, a pontuação mínima está sujeita a mudanças sazonais, de acordo com a demanda e, para ser aprovado, pode atingir, em média, de 400 a 450 pontos (SEGA,

2020). O Canadá valoriza a imigração de casais jovens, com filhos ou intenção de formar família e permanecer no país, então, quando um casal se candidata a imigrar, um entra como aplicante⁷ principal, faz o cadastro *online* e, alguns fatores serão considerados na pontuação. Esses fatores, que, segundo Segal (2020), são conhecidos como “fatores de capital humano” e “fatores adicionais acadêmicos, profissionais ou familiares”, são: proficiência na língua inglesa e/ou francesa, nível de educação formal, experiência de trabalho, idade, oferta de emprego, e adaptabilidade (p. 71).

Quanto mais qualificado o candidato for, ou seja, além de graduação, possuir especialização, mestrado, doutorado, e quanto melhor seu desempenho nos testes de proficiência, melhor será a pontuação. A idade também pesa na pontuação, geralmente entre 29 e 35, a pontuação é melhor, vai caindo até os 46 anos, mas Segal (2020) observa que pode variar de acordo com o programa, a província e as necessidades da época. O autor acrescenta o fator adaptabilidade que influi na pontuação, como ser casado, o nível de proficiência em inglês e francês do cônjuge, um deles ou os dois terem estudado ou trabalhado no Canadá, ter familiar com visto de residente permanente no país.

Trabalhar em uma empresa canadense ajuda bastante na pontuação, assim, muitos casais migram, um com visto de estudante, matriculando em um *college*⁸ ou uma faculdade e ainda podendo trabalhar 20 horas semanais e, o outro, com visto de trabalho, que pode trabalhar 40 horas semanais. Depois de um tempo, entram com o pedido de residência permanente, que dá todos os direitos de cidadão, exceto votar e ser votado, o que é conseguido com a cidadania. Essa estratégia foi feita por quase todos os participantes da nossa pesquisa, e eles explicam que a decisão para ver quem vai trabalhar ou estudar, vai depender de quem tem o idioma mais fluente, que facilita para arrumar melhores empregos, ou o tipo de profissão, que seja mais valorizada, mais procurada no país.

Os relatos de nossos entrevistados demonstram que pesquisaram e estudaram bem sobre a política imigratória canadense, buscaram diversas

⁷ *Aplicante* é uma derivação da palavra inglesa *applicant* e tem relação com aquele(a) que se candidata ou *aplica* para se tornar um(a) imigrante qualificado(a) (SEGA, 2020).

⁸ Equivalente a um curso técnico, que prepara para alguma profissão.

fontes, informações de conhecidos e o que puderam absorver da internet, mas a Paula, uma de nossas respondentes que trabalha com imigrantes em uma ONG em Montreal, fez esse sensível relato sobre alguns brasileiros que ela atendeu:

A gente recebe muito brasileiro que “tá”... fugindo do Brasil, e aí que é engraçado, porque, quem sai do Brasil com essa fuga, com raiva, chega aqui achando que é um paraíso.. não se adaptam, se decepcionam, não estão preparados e demoram um pouco, assim...eles vão achar um trabalho, eles vão, não sei o que, mas você sente que no falar... que eles não pesquisaram sobre o país, sabe, sobre os códigos de vida daqui...

A Tabela 2 e o Gráfico 3 mostram o número de concessão de visto de residente permanente pelo governo canadense para brasileiros, entre os anos de 2000 e 2020.

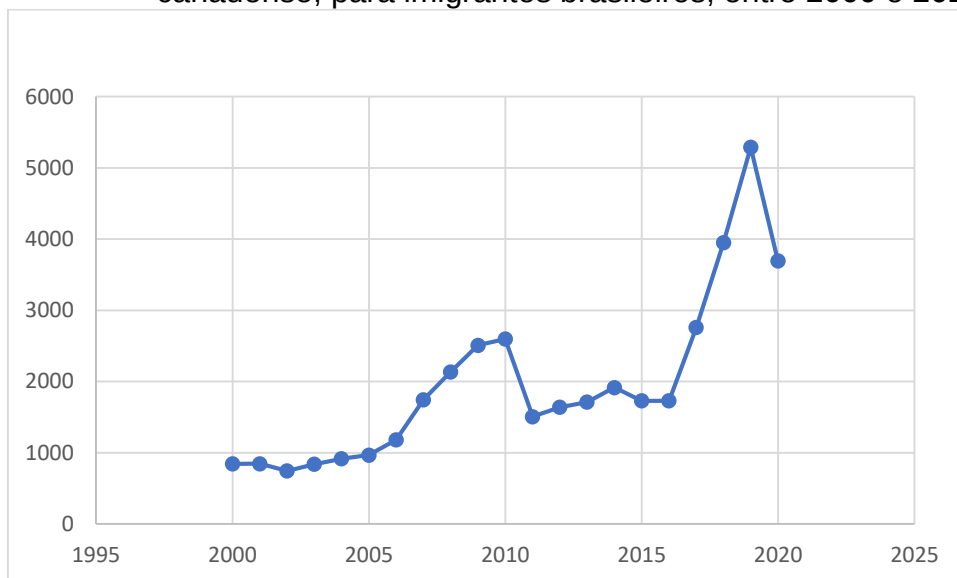
Tabela 2 - Concessão de Visto Residente Permanente pelo Canadá para imigrantes brasileiros, entre 2000 e 2020

ANO	Visto de Residente Permanente
2000	844
2001	847
2002	745
2003	839
2004	917
2005	969
2006	1181
2007	1745
2008	2137
2009	2510
2010	2598
2011	1508
2012	1641
2013	1712
2014	1916
2015	1730
2016	1730
2017	2760
2018	3950
2019	5290
2020	3695

Fonte: elaborada pela autora a partir de dados do site Open Canadá⁹

⁹ <https://open.canada.ca/> Acesso em 06 junho 2021.

Gráfico 3 - Concessão de Visto de Residente permanente pelo governo canadense, para imigrantes brasileiros, entre 2000 e 2020.



Fonte: elaborada pela autora a partir de dados do site Open Canadá.

É importante observar que os dados apresentados na Tabela 2 e no Gráfico 3 não abrangem a totalidade de brasileiros que moram no Canadá, e sim aqueles que já obtiveram o visto de residente permanente, não incluindo aqueles que estão com visto de estudante, de trabalho e os indocumentados e que poderão solicitar a residência permanente, se cumprirem os requisitos necessários. No entanto, esses dados registram o aumento do número de brasileiros com intenção de permanecer no país. Nos três primeiros meses de 2021 foram concedidos 2075 vistos de residente permanente para imigrantes brasileiros.

Capítulo 3. A inserção no mercado de trabalho dos emigrantes brasileiros qualificados no Canadá

Vida de imigrante é difícil? É difícil, porque você larga tudo para trás, não é? Aqui eu tive que começar tudo do zero. Então, se você vai trabalhar em uma empresa, você tem que ser provar de novo. (Luciana, em entrevista à pesquisa).

Para atingir os objetivos da pesquisa, foram realizadas quinze entrevistas com emigrantes brasileiros qualificados no Canadá, através de uma amostragem bola de neve que é uma modalidade em que os respondentes iniciais indicam outras pessoas que poderão participar da pesquisa (GIL, 2019). Os dados levantados com a participação destes quinze entrevistados ajudam a compreender o perfil dos emigrantes brasileiros qualificados no Canadá, porém, não podem ser considerados como sendo um censo demográfico dos brasileiros qualificados que vivem e trabalham no Canadá. Por questões práticas, algumas vezes chamamos esses indivíduos de amostra, mas esclarecemos que eles não fazem parte de uma amostra representativa desta população.

As entrevistas seguiram um roteiro básico, onde as pessoas tinham abertura para explanar sobre suas trajetórias profissionais, após fornecerem dados sobre seu perfil, como idade, sexo, naturalidade, estado civil, com quem emigraram e com quem vivem no Canadá, além de motivações que influenciaram a decisão da mudança de país, como foi o processo emigratório, maiores dificuldades encontradas e outros assuntos pertinentes à sua experiência no país.

Conforme exposto anteriormente, as entrevistas não puderam ser realizadas pessoalmente, foram intermediadas pela internet através de chamada de vídeo do aplicativo Whatzapp e tiveram o áudio gravado para consultas e esclarecimentos posteriores. Foram realizadas entre fevereiro e abril de 2021, com período de duração variando entre 30 minutos e 1 hora e 10 minutos. No início de cada entrevista, a pesquisadora se apresentou, solicitou permissão para gravação do áudio e expôs os objetivos da pesquisa e o Termo de Consentimento de Livre Esclarecido – TCLE – sendo que todos entrevistados verbalizaram sua concordância em participar, de forma voluntária, e permitiram a utilização de seus próprios nomes na dissertação.

3.1 O perfil dos entrevistados

Das quinze pessoas entrevistadas, doze (80%) eram mulheres, três homens (20%). Quanto ao estado civil declarado, treze são casadas (86,66%), duas estão em uma união estável (13,33%), sendo que uma destas é a Fernanda, a única que ainda não tem filhos, a única a emigrar sozinha, uma das que está há menos tempo no país (três anos e dois meses) e a mais jovem da amostra. Antes de emigrar, a Fernanda namorava um canadense que conheceu na França e hoje moram juntos em Montreal. A Paula, é uma das que está há mais tempo no Canadá, mudou com o namorado, treze anos atrás, com quem vive até hoje e tiveram os dois filhos no país, que hoje estão com quatro e seis anos de idade, mas como não se casaram legalmente, ela não o chama de marido. Desta maneira, 93,33% dos entrevistados possuem filhos e, destes, apenas o Claudio não mora mais com o filho.

Lembrando que as entrevistas foram realizadas entre fevereiro e abril de 2021 e, o tempo que cada respondente mora no Canadá, foi considerado em relação à data da entrevista. Na Tabela 3 podemos verificar esses dados para termos uma visão mais geral das pessoas que participaram da nossa pesquisa.

Tabela 3 - Perfil dos entrevistados

Nome	Ano da Emigração	Tempo Canadá	Sexo	Idade	Estado	Estado Civil	Filhos
Claudio	2008	13 a.	M	66	RJ	Casado	1
Paula	2008	13 a.	F	39	SP	União Est.	2
Sílvia	2008	12a.10m.	F	47	RS	Casada	2
Marcelia	2013	8 a.	F	44	SE	Casada	2
Daniele	2015	5a. 4m.	F	45	RJ	Casada	2
João	2015	5a. 8m.	M	42	PR	Casado	2
Danielle	2015	5 a.	F	38	SP	Casada	2
Heloísa	2017	4 a.	F	41	SP	Casada	2
Eduardo	2017	4 a.	M	44	SC	Casado	2
Rachel	2017	4a. 6m.	F	42	PE	Casada	2
Luciana	2017	4 a.	F	47	SP	Casada	2
Ariadne	2017	3a. 9m.	F	35	SP	Casada	1
Carla	2018	3 a. 3m.	F	46	RS	Casada	2
Fernanda	2018	3a. 2m.	F	29	SP	União Est.	0
Erica	2018	3 a.	F	43	RJ	Casada	2

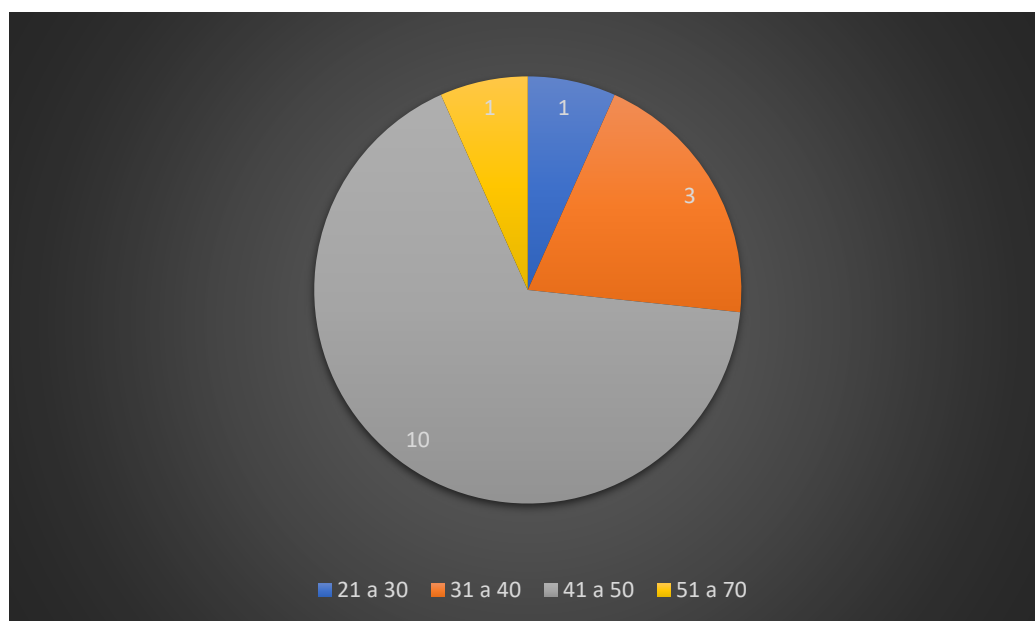
Fonte: elaborada pela pesquisadora, a partir dos dados das entrevistas.

Dos respondentes que se declararam casados, a Sílvia emigrou apenas com o marido, pois, não sabia que estava grávida, tendo os dois filhos, atualmente com doze e oito anos de idade, nascidos em solo canadense. O

Claudio, por sinal, o mais velho da amostra e que está há mais tempo no Canadá, treze anos, começou o processo de emigração no Brasil, mas mudou sozinho para finalizar o processo no país, pois achou que estava demorando mais do que o esperado. Assim que foi regularizado, a esposa e o filho foram se juntar a ele, porém, atualmente mora só com a esposa em Winnipeg, pois o filho concluiu a Universidade no Canadá e trabalha em Montreal. As outras doze pessoas, ou seja, 80% do total, declararam ter emigrado com o(a) cônjuge e filhos, sendo que apenas uma, a Ariadne tem uma única filha, e as demais possuem dois filhos, com idades variando entre quatro e dezenove anos.

Observando as idades de cada entrevistado na Tabela 3 e dividindo em faixas etárias, temos uma pessoa que tem entre 21 e 30 anos (6,66%), três entre 31 e 40 anos (20%) e dez, a grande maioria (66,66%) encontra-se entre 41 e 50 anos e um entre 51 a 70 (6,66%). Essas faixas etárias estão representadas no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Faixas etárias dos respondentes



Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir dos dados levantados nas entrevistas.

Em relação à cidade em que nasceram, temos três respondentes do Rio de Janeiro (capital) (20%), três de São Paulo (capital) (20%), três do interior de São Paulo (São José do Rio Preto, Indaiatuba e Rio Claro) (20%), um de Florianópolis (capital de Santa Catarina) (6,66%), um de Recife (capital de

Pernambuco) (6,66%), um de Aracajú (capital de Sergipe) (6,66%), um do interior do Paraná (Londrina) (6,66%) e dois do interior do Rio Grande do Sul (Boqueirão do Leão e Marau) (13,33%). Podemos perceber que nove nasceram em capitais de Estado, representando 60% do total de entrevistados, sendo que a Heloísa nasceu em São José do Rio Preto, SP e mudou para Florianópolis após o casamento, pois o marido era de lá. O João, que nasceu em Londrina, morou em Curitiba até emigrar e a Silvia, que nasceu em Boqueirão do Leão, morava em Porto Alegre até a mudança para o Canadá.

Os profissionais qualificados muitas vezes realizam migrações internas, ou seja, se deslocam para cidades maiores em busca de oportunidades de crescimento profissional, não disponíveis na cidade em que moram. Dez entrevistados, ou seja, 66,66% relataram mudanças de cidade em função de sua carreira dentro do Brasil, até chegarem à decisão da emigração. Um caso bastante ilustrativo foi da Erica, administradora de empresas que, ao concluir a faculdade em sua cidade, Rio de Janeiro, optou em trabalhar em uma empresa que tinha sede em São Paulo, na esperança de um dia mudar para a capital paulista. Ao questionar sobre o motivo de querer sair de sua cidade natal, ela respondeu da seguinte maneira:

Na época que me formei em Administração na PUC-RJ, passei em programas de trainees da Michelin, da L'Oréal e da Brahma, na época...e o da Brahma era o único que me tirava do Rio de Janeiro. Então, eu acabei...eu queria sair do Rio, eu acabei escolhendo a Brahma e depois de seis meses que entrei no programa de trainee, me transferiram para São Paulo e daí eu fiquei em São Paulo. Eu fiquei mudando de emprego em São Paulo e continuei em São Paulo...Eu achava o Rio pequeno...(risos) eu achava que o Rio era uma coisa assim, muito emprego público, né? Ou, eu que tinha feito administração, era muito assim, só as empresas de petróleo, que tinha no Rio, e telefonia, né, eu acho que fechava muito pouco o cerco para mim, né, e daí, em São Paulo, eu abria o leque, né? Para tudo quanto era empresa, a sede era em São Paulo, então...para mim, eu era muito ambiciosa, eu era muito competitiva, então para mim, São Paulo me atraía mais.

Uma situação interessante foi narrada pela Danielle que morava em São Paulo, capital, porém, o primeiro emprego ao se formar em Nutrição foi em Campinas, que também é uma grande cidade, mas onde não gostaria de morar. Acabou aceitando o desafio e permaneceu na cidade por 6 meses, até ser transferida para São Paulo, perto da família e do noivo. Ela narrou essa migração interna temporária, da seguinte maneira:

Quando eu me formei, eu tive um pouco de dificuldade para encontrar meu primeiro emprego, então, eu consegui um emprego em Campinas, então eu fiquei aproximadamente seis meses em Campinas, até eu conseguir uma vaga para ser transferida para São Paulo, pela mesma empresa. Queria ir para São Paulo por causa da família e eu estava para casar, também, não é? Estava com casamento até marcado...

Além de migrar internamente, é muito comum os imigrantes qualificados terem algum tipo de experiência fora de seu país de origem, antes da decisão de morar no estrangeiro. Nós temos, entre nossos entrevistados, alguns casos de experiências de intercâmbio, viagens para o exterior e fatos que alimentam o sonho de morar e trabalhar em outro país. O Claudio morou seis anos nos Estados Unidos, onde cursou a graduação e trabalhou. A Fernanda estudou na França e em Portugal. O João fez dois mestrados na Holanda, em 2007 e 2014. A Erica morou um ano e meio na Inglaterra, acompanhando o marido que foi trabalhar lá. A Daniele fez muitas viagens internacionais em seus empregos em empresas multinacionais e em um órgão do governo britânico. A Carla sempre gostou muito de viajar com o marido para o exterior e, antes de emigrar, passou um mês no Canadá para ver se acostuariam. A Danielle passou três meses em um intercâmbio para aprender inglês nos EUA, onde costuma visitar a irmã que mora lá. A Luciana morou um ano nos Estados Unidos, onde concluiu o *High School*. A Marcélia passou um mês na Espanha com o marido que fazia o mestrado lá, o que, segundo ela, despertou o desejo de viver em outro país. A Rachel morou e estudou inglês por um ano e dois meses nos Estados Unidos, e sua declaração expressa como uma experiência no exterior pode influenciar o desejo de viver em outro país:

Eu acho que, quando você tem a experiência de morar fora, fica sempre aquela pulguinha na sua orelha de que muitas coisas que não funcionam no Brasil e você não aceita...

Quanto ao Estado de origem, seis entrevistados são de São Paulo (40%), três do Rio de Janeiro (20%), dois do Rio Grande do Sul (13,33%), e, de Santa Catarina, Pernambuco, Paraná e Sergipe, um representante de cada, representando 6,66%.

Como um dos critérios para participar da pesquisa era possuir curso superior completo, para facilitar a visualização das formações dos entrevistados, colocamos na Tabela 4 o total de formados nas áreas acadêmicas, discriminando as formações e quantidade de profissionais em cada uma delas.

Se somarmos, teremos um total de 17 formações acadêmicas, porque dois respondentes declararam terem feito duas faculdades. A Carla fez Letras, em 1998, porém não chegou a atuar na área e formou-se em Fisioterapia, em 2001, profissão que exerceu até sua mudança para o Canadá. E o Cláudio também fez duas faculdades, sendo a primeira de *Electrical Engineering Technology*¹⁰ na Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, onde formou-se em 1982. Voltou ao Brasil, morou e trabalhou na empresa da família, em São Paulo e depois em Teresópolis, onde fez bacharelado em Ciências da Computação.

Tabela 4 – Áreas de formação dos entrevistados

ÁREA ACADÊMICA		TOTAL
Ciências da Computação		3
• Ciências da Computação	2	
• Tecnologia e Processamento de Dados	1	
Engenharias		1
• Engenharia Elétrica	1	
Ciências da Saúde		3
• Fisioterapia	1	
• Nutrição	1	
• Biomedicina	1	
Ciências Agrárias		1
• Veterinária	1	
Ciências Sociais e Aplicadas		5
• Direito	2	
• Ciências Econômicas	1	
• Administração de Empresas	1	
• Publicidade e Propaganda	1	
Ciências Humanas		2
• Geografia	1	
• Relações Internacionais	1	
Linguística		2
• Letras (Português-Inglês)	2	

Fonte: elaborada pela pesquisadora, a partir das respostas nas entrevistas.

Quatro entrevistados, ou seja, 26,66% do total da nossa amostra, responderam não terem feito nenhuma pós-graduação, cinco (33,33%) fizeram algum tipo de especialização, dois (13,33%) têm mestrado incompleto, quatro (26,66%) concluíram o mestrado e uma (6,66%) fez doutorado completo. No Gráfico 5 é possível visualizar os dados levantados nos relatos dos entrevistados e perceber que a amostra selecionada para o estudo é super qualificada, ou seja,

¹⁰ Tecnologia de Engenharia Elétrica.

são profissionais que investiram muito em seu conhecimento para aplicar na carreira.

Um dos respondentes, o advogado João, fez dois mestrados em Direito na Holanda, um em 2007 e um em 2014, onde morou com a esposa e a filha durante o período do curso (um ano) e, assim que concluiu, mudaram para o Canadá, para se juntar à enteada que já estava morando e cursando faculdade no país. No momento em que participou da pesquisa, disse que estava estudando Direito Canadense, já tinha concluído a primeira etapa das aulas e agora precisava passar por um estágio de 9 meses em período integral, ou o dobro de tempo em meio período para se qualificar. Os estágios são obrigatórios e remunerados, mas tem mais oportunidades para canadenses do que para estrangeiros.

Sobre os dois que declararam possuir mestrado incompleto, temos o Claudio, engenheiro elétrico que fez o mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas não chegou a defender, pois mudou-se para o Canadá e o Eduardo, formado em Ciências da Computação, que estava cursando mestrado em sua área quando participou desta pesquisa, e disse que pretende dar aulas após a aposentadoria no Canadá. O curso estava sendo feito online, na Universidade Indiana em parceria com uma universidade inglesa, de Liverpool.

Gráfico 5 – Pós-graduação dos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora, a partir dos dados dos entrevistados.

A Fernanda, formada em Relações Internacionais, fez mestrado em Ciências Sociais na PUC-SP, tendo concluído quando já morava no Canadá. O tema que estudou foi sobre imigrantes no Canadá e atualmente, atua em uma ONG em Montreal que acolhe imigrantes e refugiados.

A fisioterapeuta Carla fez especialização em Ortopedia e Traumatologia e mestrado em Bioquímica Toxicológica, com ênfase em Dor (em 2007) e, posteriormente, fez outra especialização em Fisioterapia Aquática em São Paulo e em 2009 começou a trabalhar na Universidade em Santa Maria – RS como professora substituta, ficando 2 anos até entrar em uma universidade particular, Universidade Franciscana, onde ficou por 9 anos. Ela declarou que o campo em Fisioterapia em Santa Maria era muito bom e ficou mais conhecido após um tratamento que o ex-jogador Ronaldinho fez. Na universidade dava aulas e fazia atendimentos na clínica da escola, através dos estágios supervisionados aos alunos.

A Marcelia, formada em Biomedicina, fez mestrado e doutorado em Ciências Médicas pela Universidade Federal de Sergipe. Após ser contratada pela Universidade Federal como professora substituta na área de análises clínicas, entrou no programa de mestrado da própria Universidade e, como a pesquisa foi considerada muito boa, fez o doutorado, defendendo em 2011, e desenvolveu muitas pesquisas, tendo inúmeros artigos científicos publicados, inclusive em inglês.

3.2 Motivações para a emigração / fatores de expulsão

Diante dos argumentos de Sassen (2002) sobre a globalização econômica neoliberal ser a principal responsável pelo fechamento de setores econômicos tradicionais em todo o hemisfério sul, que diminuem oportunidades de empregos e estimulam a emigração para países do norte global, caso que se encaixam os nossos pesquisados, buscamos identificar nas palavras dos entrevistados, fatores que funcionaram como motivadores para mudarem para o Canadá, ou mesmo, fatores de expulsão do Brasil. Tentamos estudar se existiu uma relação entre a decisão de emigrar e o momento em que o Brasil passava, através do levantamento de notícias sobre a economia do país no período da emigração.

Iniciando por aqueles que emigraram há mais tempo, os três que chegaram no Canadá em 2008 e representam 20% da amostra, um em 2013 (6,66%), três em 2015 (20%), cinco (33,33%) em 2017 e três (20,00%) em 2018, ou seja, somando esses dois últimos, temos 53,33%, um pouco mais da metade emigraram praticamente no mesmo período. Em um primeiro momento, vamos relacionar as motivações apontadas pelos entrevistados em cada ano.

Assim, no ano de 2008 temos o Claudio, a Silvia e a Paula. O Claudio, 66 anos, engenheiro eletricitista, relatou que estava descontente com a situação do Brasil, que a economia estava sempre muito instável, que sempre achava que as coisas iriam melhorar, mas não tinha mais esperanças e uma sobrinha que morava no Canadá sugeriu que mudasse para lá, achou interessante e começou a pesquisar e decidiu pela emigração.

A Silvia, 47 anos, economista, que morava em Porto Alegre, disse que a iniciativa para a emigração partiu do marido, que desejava ter uma experiência diferente, queria passar um tempo no Canadá para ver se acostuariam. A motivação principal foi a violência, pois a atividade do marido exigia que trabalhasse em grandes centros, que são mais violentos que cidades do interior. Relatou que tinham que pagar segurança que acompanhavam cada vez que saiam do prédio, aí resolveram que seria melhor mudar de país. Entraram com o processo de imigração para Montreal que durou três anos, mas conseguiram a residência permanente e mudaram em maio de 2008. Durante esses três anos de espera, estudaram francês e os dois estavam em empregos bons, mas decidiram sair para a mudança. Estava grávida sem saber, quando viajaram e os dois filhos nasceram no Canadá.

A Paula, 39 anos, professora de Geografia, de Rio Claro e o namorado, que atualmente é seu companheiro, souberam por um amigo que o governo de Quebec faria uma divulgação sobre processo imigratório através de uma palestra em Campinas. Eles foram assistir, acharam o sistema interessante e começaram a preparar o processo, pois já tinham o desejo de morar fora por um período de uns dois anos, mas imaginaram a Austrália por ter o clima mais parecido com o brasileiro. Ficaram encantados com as informações, os preços pareciam ser acessíveis, os benefícios oferecidos, o Canadá procurava por mão-de-obra, não exigiam domínio do idioma francês (já era fluente no inglês), e, se fossem

selecionados, aplicando do Brasil, já entrariam com visto de residente permanente, com direitos iguais aos canadenses, exceto o de votar. Após a palestra, iniciaram o processo migratório e, em 9 meses, tiveram o visto aprovado. A maior motivação foi que melhorariam o inglês, aprenderiam o francês e queriam emigrar com direitos para poderem ficar tranquilos, por um ano, máximo dois anos. Comentou que saíram do Brasil em uma época em que a economia estava indo bem, os amigos e famílias achavam que estavam fazendo uma má escolha, mas decidiram ir pelo desafio de morar fora. O companheiro estava bem empregado na área da computação, mas ela, apesar de estar trabalhando, o salário era baixo, e explica que na sua área de Geografia, as oportunidades eram mais limitadas. Não quer mais voltar pela situação econômica e violência que o Brasil se encontra.

Uma revista de profissionais de Administração de Empresas¹¹ apontou alguns fatos sobre a situação econômica do Brasil no ano de 2008, a partir da leitura de diversas fontes da imprensa brasileira e entre outros, os seguintes pontos:

A mais forte crise econômica mundial desde a depressão da década de 1930 encontrou a economia brasileira bem-preparada...

As empresas aumentaram seu quadro de 2,3 para 2,7 milhões de empregados, 16,5% a mais do que em 2007. Até setembro, quase todas as frentes de negócio registraram crescimento. No último trimestre do ano, a economia freou bruscamente, e o PIB ficou negativo em 3,6%%.

Apesar de ter a liderança mundial na exportação dos principais produtos agrícolas, com receitas próximas a US\$ 400 bilhões desde 1998, o Brasil não consegue industrializar os produtos básicos que exporta, o que reduz a receita de vendas e barra investimentos e a criação de empregos de melhor qualidade.

De uma maneira geral, o Brasil não tinha sido afetado com a crise econômica mundial que teve os Estados Unidos como epicentro, com reflexos nos países europeus, mas, mesmo assim, alguns setores pareciam mais fragilizados.

No ano de 2013 a Marcelia, 44 anos, biomédica de Aracaju, mudou para o Canadá, pois achava que poderia obter mais qualidade de vida para ela e sua família. Nos contou que ela e o marido trabalhavam muito, chegou a ter três

¹¹ <https://administradores.com.br/artigos/economia-brasileira-dezembro-de-2008> Acesso em 11 maio de 2021.

empregos ao mesmo tempo para oferecerem um padrão bom para os filhos, então, segundo suas palavras, precisava “terceirizar os serviços de casa e de cuidado com os filhos e tinha o equivalente a uma empresa”. Explicou que ficava muito pouco em casa, tinha que pagar uma empregada para cuidar das tarefas da casa, uma babá para acompanhar as crianças e um motorista para transporte delas para escola e outros compromissos. Pediu demissão da Universidade porque abriu concurso para efetivação de professores, mas não para a área de sua formação, e o salário como professora substituta era bem abaixo de professor contratado. Se fosse contratada pela Universidade, poderia deixar os outros empregos, pois o salário compensaria. Seu depoimento ilustra a situação em que se encontravam no Brasil e a motivação do casal em emigrar para o Canadá:

A gente tinha uma vida financeiramente boa, mas era muito sacrificante, em termos de... de vida mesmo, do dia a dia, não é? Do cotidiano, do trabalho. A gente ficava com dois ou três celulares, cada um de um emprego, o dele (marido) não podia parar. Naquela época não tinha aquela coisa de chip, então tinha um celular de cada... (o marido trabalhava na área da saúde também) e saúde é aquela coisa que funciona realmente 365 dias, independente de feriado.. Então, a gente não tinha uma qualidade de vida boa, não. A gente tinha assim, uma estabilidade financeira, mas... dinheiro está longe de ter qualidade de vida... a gente não tinha uma vida boa familiar, porque a gente quase não se encontra. Meus filhos estão mais preferindo ficar com a babá e o motorista do que comigo e com você (conversa que teve com o marido), o que que a gente está fazendo da nossa vida?...Vamos botar um plano (emigrar para o Canadá).

A Marcelia realmente não reclamou da parte financeira, de falta de emprego, mas sim, que os salários eram baixos, razão pela qual o casal precisava ter vários empregos para ganharem mais, porém, os custos eram altos. A Revista Veja¹² revelou que a situação econômica do país estava em um momento positivo, conforme podemos conferir na matéria abaixo:

O PIB brasileiro (a soma de todas as riquezas produzidas pelo país) foi de 4,8 trilhões em 2012. Em 2013, o PIB totalizou 5,3 trilhões. O PIB per capita, por sua vez, foi de 24.121 reais em 2012, o o que representou uma alta de 1% em relação a 2011. Em 2013, o PIB per capita ficou em 26.445 reais, aumento de 2,1% em comparação com 2012.

¹² <https://veja.abril.com.br/economia/crescimento-do-brasil-em-2012-e-2013-foi-maior-do-que-o-que-se-sabia-diz-ibge/> Acesso em 12 maio 2021.

Três entrevistados relataram que mudaram em 2015 para o Canadá, o João, a Daniele e a Danielle S. O João, advogado, 42 anos, de Curitiba, atuava como consultor para empresas, de maneira autônoma, sendo que ainda hoje, do Canadá, atende alguns clientes regulares brasileiros. Isto ajudou bastante a terem recursos financeiros no Canadá enquanto não trabalhava e pode investir na carreira, nos estudos. Nutria um desejo antigo de morar fora do Brasil, pois acreditava que a situação econômica e a corrupção feriam seus valores e não estava contente, não tinha confiança, sempre uma “sensação de ser passado para trás”. Decidiu fazer o segundo mestrado na Holanda e de lá, foi atraído pelos relatos da enteada que estava no Canadá, realizando o processo migratório e mudaram assim que concluiu o mestrado, no ano de 2015.

Daniele, 45 anos, do Rio de Janeiro, mudou com o marido e dois filhos para o Canadá em 2015. Ela explica que não exerceu propriamente atividades profissionais na área de sua formação, Publicidade e Propaganda, mas sim em assessoria de imprensa, tendo crescido muito nesta carreira, conforme veremos no tópico das jornadas profissionais dos entrevistados. Em maio de 2015 seu marido perdeu o emprego e, não conseguindo uma posição condizente com sua qualificação e salário que recebia, decidiram que seria melhor arriscar uma nova vida no Canadá do que o marido aceitar um cargo muito abaixo de suas qualificações e remuneração. Como ela era autônoma, poderia trabalhar a distância. A segurança foi um fator determinante também, para a decisão de emigrarem e considera que fizeram bem, conforme declara a seguir:

...as crianças estão super adaptadas, estamos felizes, ... a certeza de que a gente tomou a melhor decisão para nossa família...além daquilo (desemprego do marido), a segurança no Rio, já era uma coisa que incomodava muito. A gente começou a perceber que a gente estava se fechando em uma bolha, a gente não queria mais sair do bairro, porque tinha que cruzar um túnel, tinha que atravessar uma... a linha amarela. Então, assim, a segurança foi uma coisa que falou muito alto e, as oportunidades, não é? A oportunidade de dar para nossos filhos uma vida mais tranquila, uma vida melhor, com mais acesso e, mais qualidade de vida.

A outra Danielle, 38 anos, de São Paulo, nutricionista passou pela mesma experiência que a Daniele, ou seja, em 2014 seu marido foi demitido de uma empresa em que trabalhou durante 17 anos. A instabilidade no Brasil foi um dos fatores que influenciaram na decisão de emigrarem para o Canadá. O marido

ficou quase um ano desempregado e, inspirados em um casal de amigos que estava emigrando, iniciaram os procedimentos e concluíram razoavelmente rápido e mudaram em 2015. A Danielle pediu demissão do trabalho de meio período em uma escola particular, como nutricionista, em que orientava as refeições oferecidas. Não estava satisfeita com a atividade, pois achava que o retorno financeiro era muito baixo pela responsabilidade e que a profissão de Nutricionista não tem o devido reconhecimento no Brasil, além do excesso de profissionais que faz decair o valor dos salários. A qualidade de vida e segurança também pesaram na decisão:

A nossa casa fica a dois quarteirões da escola, então eles (filhos, 10 e 12 anos) andam, eles vão e voltam sozinhos. Meu marido trabalhava de casa, até recentemente, mês passado, aí ele trocou de emprego e agora eles (filhos) estão ficando sozinhos... de manhã, todos saem juntos. De tarde, eles (filhos) saem da escola às três, e eu saio do trabalho às quatro... eu estou há cinco minutos daqui. Então, eles ficam uma hora, uma hora e meia sozinhos... A gente sente falta da família, mas a gente sabe que a vida que temos aqui é impossível de ter no Brasil... A liberdade das crianças de poderem andar até a escola... Ontem à tarde, por volta das 4 horas, pegaram a bola de basquete, atravessaram a rua sozinhos, foram até a escola e ficaram jogando basquete até às 7 horas da tarde. No Brasil eu nunca ia deixar meu filho de 10 anos de idade, ir sozinho para um lugar, ficar jogando bola.

A imprensa reportou que o Brasil realmente passava por um período econômico crítico entre 2014 e 2015, ano em que os maridos da Daniele e da Danielle S. perderam seus empregos e encontraram dificuldades em se recolocarem no mercado de trabalho em posições compatíveis com as que tinham anteriormente. Para ilustrar essa situação, reproduzimos uma notícia veiculada pela BBC News - Brasil¹³:

Segundo dados divulgados nesta terça-feira pelo IBGE, de julho a setembro o PIB do país se retraiu 1,7% frente ao segundo trimestre do ano e 4,5% frente ao mesmo período de 2014. Na comparação interanual trata-se da pior queda desde o início da série histórica do instituto, em 1996...

Nos últimos 12 meses, pelo menos 825 mil pessoas perderam seus postos de trabalho segundo o IBGE. Os investimentos se paralisaram e a renda dos trabalhadores caiu.

Em 2017 cinco profissionais qualificados da nossa amostra emigraram para o Canadá: o casal Heloísa e Eduardo, a Ariadne, a Rachel e a Luciana. A

¹³ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151201_pib_terceirotri2015_ru Acesso em 12 maio 2021.

Heloísa, 41 anos, que morava em Florianópolis, formada em Letras Português-Inglês disse que a motivação para a mudança veio de um sonho antigo que o casal tinha em morar no Canadá, e, sem saber as razões, tiveram o visto negado por duas vezes em 2005. Quando o marido vendeu sua empresa na área de computação em 2014, resolveram tentar novamente e deu certo.

O marido da Heloísa, Eduardo, 44 anos, formado em Ciências da Computação, vendeu sua empresa em Florianópolis e decidiu reativar os planos de mudar com a família para o Canadá em 2017. Para ele, o fator segurança foi determinante na mudança de país. Diz que paga em torno de 30 a 35% de imposto sobre o salário, mas não tem o gasto que tinha no Brasil com educação para as crianças, com saúde, e revela que agora sentem que têm segurança. Para ele, a saúde no Brasil é melhor, apesar de falta planejamento, que ficou visível na pandemia. Por outro lado, a esposa está com um problema na coluna e terá que esperar por um ano para a consulta com especialista.

A Ariadne, de Indaiatuba, 35 anos, casada, uma filha, formada em Direito, mudou para o Canadá em junho de 2017. O marido fez intercâmbio em 2005 e gostou muito, então tinham esse desejo. Logo após o casamento, entre 2011 e 2012, deram entrada no processo por Quebec, por acharem que seria mais fácil, porém, o processo demorou 5 anos para ser aprovado, e conseguiram o visto de residente permanente, mudando logo a seguir, com a filha bem novinha.

A veterinária Rachel, 42 anos, que morava em Recife, também revelou que tinha um desejo de morar fora do país e conheceu seu marido quando moraram na Flórida, Estados Unidos, em 2001. Foram lá para aprender inglês e ficaram por um ano e dois meses, sendo que ela tinha trancado a faculdade e ele era recém-formado. Ele era de São Paulo e, quando voltaram ao Brasil, mudou para Recife, onde casaram e construíram uma família, com dois filhos. Ela acredita que, quando a pessoa tem a experiência de morar fora, permanece um desejo de voltar, e, alguns motivos, como a instabilidade financeira do país, risco de desemprego e a questão da segurança, fizeram com que decidissem emigrar para o Canadá. Ela expressou sua motivação de emigrar da seguinte maneira:

Eu acho que, quando você tem a experiência de morar fora, fica sempre aquela pulguinha na sua orelha de que muitas coisas que não

funcionam no Brasil e você não aceita e, principalmente o que pesou na nossa decisão, é a instabilidade financeira, que fazia sempre pensar: e se ele (marido) for demitido? O que que faremos? Ele tinha um chefe que dizia para ele assim: a gente tem que trocar o telhado antes da chuva. E isso ficou muito na cabeça dele, tinham medo por terem filho pequeno, enfim...então, a questão financeira, a instabilidade financeira e a questão da segurança fizeram decidir em emigrar.

A Luciana tem 47 anos, casada, dois filhos, nasceu em São Paulo, formada em Tecnologia e Processamento de Dados pelo Mackenzie e pós-graduada lato senso em Análise de Sistema, teve uma carreira muito bem-sucedida, mas, em 2005 foi morar em Santana de Parnaíba, condomínio em Aldeia da Serra e resolveu deixar o emprego para se dedicar aos negócios da família. Relatou que a crise no Brasil fez com que não conseguissem mais investimentos para tocar as obras que o marido construía para vender e, mais ou menos nessa época, decidiram “tentar a vida aqui no Canadá”. Isto foi em 2015, começou a providenciar seu processo de emigração e mudaram em 2017. Ela faz um relato interessante sobre fatores que a incomodavam e que também foram determinantes na decisão de mudar:

Não pensava em morar fora do Brasil, eu adoro o Brasil, eu amo o Brasil, minha família, meus amigos, o jeito do brasileiro ser e, eu nunca tive essa vontade, só que, morando no eixo Alphaville-Aldeia da Serra, eu via umas coisas assim muito fúteis, sabe, que não estavam compatíveis com meus valores, então... eu não queria que meus filhos estudassem em uma escola onde furar fila era uma coisa bacana, entendeu? ...eu queria que eles vivessem em um lugar onde houvesse igualdade de direitos, que eles não fossem julgados pelo carro que eles tinham, pelo tênis que eles estavam indo na escola, pelo tipo de computador que eles levavam, porque na sala de meus filhos, eles falavam que era *cool* só quem tinha McBook. Quem tinha um computador Microsoft normal, não era, entendeu? Era pobre, sabe? Então essas coisas passaram a me incomodar muito. Outro fator que está mais importando agora, para permanecerem no Canadá, é a questão da segurança, porque eu tenho dois adolescentes (16 e 19 anos) e eles saem para rua e eu, fico assim: preocupação zero. Não tem aquela preocupação de você estar parada em um farol, sabe, aquela tensão para ver se vai vir um assaltante... (aqui) eu consigo andar na rua com a minha aliança, meus brincos, entendeu?

O Portal ADVFN¹⁴ que acompanha os índices da Bolsa de Valores de São Paulo, divulgou os índices econômicos brasileiros de 2017 que justificam o sentimento de instabilidade que nossos entrevistados relataram em seus depoimentos, conforme podemos conferir abaixo:

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu 1,0% em 2017, na primeira alta após dois anos consecutivos de retração. Os dados

¹⁴ <https://br.advfn.com/indicadores/pib/brasil> Acesso em 12 maio 2021.

divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que, em valores correntes, o PIB em 2017 foi de R\$ 6,6 trilhões. Esse resultado significa que a economia brasileira começou a se recuperar em 2017, mas ainda não conseguiu repor as perdas da atividade econômica na crise. Em 2016 e 2015, o PIB recuou 3,5% sobre o ano anterior, na maior recessão da história recente do país.... O grande impulsionador do PIB de 2017 foi o agronegócio, que avançou 13% em 2017, puxado pela safra recorde.

No ano de 2018 três indivíduos de nossa amostra emigraram para o Canadá, ou seja, e são: a Fernanda, a Erica e a Carla. A Fernanda, 29 anos, de São Paulo, formada em Relações Internacionais e mestre em Ciências Sociais, vive uma união estável com um canadense. Disse que tinha um propósito de morar e trabalhar em outro país, razão de ter escolhido o curso de relações internacionais. Aos 16 anos fez intercâmbio em Paris, França, e, mais tarde, fez um semestre de sua graduação na Universidade de Coimbra, Portugal. Estava bem empregada no Brasil, mas decidiu ir para o Canadá para ficar mais perto do namorado que conheceu em um treinamento na embaixada francesa em Paris. Emigrou sozinha e já com emprego arrumado em Montreal e acrescentou que o Brasil não está em um bom momento, e essa é mais uma razão para querer ficar no Canadá.

A Erica, carioca, 43 anos, formada em Administração de Empresas, mudou para São Paulo pouco depois de se formar, onde desenvolveu uma carreira de executiva, ocupando cargos de muita responsabilidade em empresas de grande porte; casou-se, teve dois filhos e, em 2017, pouco depois de conseguir uma promoção no emprego, o marido propôs mudarem para o Canadá, inspirado no amigo que estava emigrando. Não achou interessante em um primeiro momento, mas, um aborrecimento no trabalho uma semana depois a fez mudar de ideia e entrar com o processo, mudando no início de 2018. O desejo de ter uma vida mais simples, com melhor qualidade e sem as cobranças de *status* que sentia no Brasil. Ela compartilhou na entrevista as reflexões que influenciaram na decisão de emigrar para o Canadá:

Foi engraçado (a decisão de emigrar), foi uma sensação de, me tira daqui, eu quero fugir, sabe? Foi uma sensação meio de escapismo, sabe? Tipo, me tira dessa realidade, eu não aguento mais.. eu querendo sair do Brasil. Aí, em cinco meses eu apliquei para a escola, fui aprovada na prova de inglês, apliquei meu visto e saiu meu visto (ela como estudante e o marido, trabalho)... Assim, a motivação de vir.. A motivação de vir eram duas, na realidade, eu acho que era assim: um pouco da vontade de querer mudar de vida e procurar uma vida mais simples, sabe? Eu acho que o Brasil, cara, te cobra muito *status*,

sabe? Ao seu redor, pelo menos no ambiente que a gente vivia. Era uma coisa assim: eu morava em um condomínio em que todas as vizinhas usavam um biquini que uma das vizinhas vendia. Aquilo me incomodava, sabe? Era um ambiente onde parecia que as pessoas não se apoiavam, era competição o tempo inteiro. E aquilo começou a...eu vivendo em um ambiente de trabalho competitivo, numa pegada profissional de 20 anos, super estressante, onde eu tive cargos de gerente e diretoria muito nova. Então, para mim, Ana, eu já tinha chegado lá, entendeu? Eu não me via mais.. eu não queria estar no lugar no meu chefe, entendeu? Porque o preço a se pagar é muito alto. Eu não estava a fim de pagar. E daí eu acho que misturou também um pouco com a situação de eu ter meus pais dentro da minha casa, no Brasil, entendeu? Onde eles me ajudavam a cuidar dos meus filhos, e assim, eu não via os meus filhos, sabe? Eu não via os meus filhos, eu só trabalhava, e daí eu precisei, ... era um sentimento de que eu precisava tomar as rédeas da minha vida, entendeu? E da vida da minha família. E eu achei que a oportunidade de eu estar fora do Brasil, sozinha, só a gente, me daria essa condição. Os filhos tinham 8 e 5 anos na época... e assim, daí foi, como é que eu vou dizer, a motivação foi um pouco essa, sabe, de querer ter uma vida mais simples, viver com menos, sabe, e ter melhor qualidade de vida, poder morar em um lugar civilizado, onde as coisas são... onde as pessoas te valorizam pelo que você é, com menos discriminação, então, eu acho que assim... eu acho que nesse caso a gente acertou o país, porque eu acho que o Canadá é muito bom nisso... eu acho que a gente acertou.

Também em 2018 a fisioterapeuta Carla, 46 anos, gaúcha, emigrou para o Canadá com a família. Nutriam a vontade de mudar para o Canadá desde 2008, mas como o filho tinha problemas respiratórios e foi contratada por uma universidade, decidiram adiar os planos. Tinham desejo de morar no exterior, para ter uma experiência de vida e proporcionar ela aos filhos e sempre gostaram muito de viajar, achavam que seria interessante viver em outro país. Em janeiro de 2017 alugaram um apartamento em Vancouver e ficaram um mês, como experiência, e concluíram que todos gostaram e se adaptaram muito bem. Ao voltar para o Brasil, fizeram o processo imigratório por Quebec, pois queria morar em Montreal, próximo ao cunhado, e mudaram em janeiro de 2018. Como os dois estavam bem colocados profissionalmente e economicamente no Brasil, o principal motivo para a emigração foi a busca por qualidade de vida, sem as preocupações com segurança que tinham lá. No relato abaixo, Carla expressa como atingiram esse objetivo vivendo no Canadá:

As crianças, depois de seis meses que estavam morando aqui, que eles pegam ônibus para a escola, eles têm uma vida mais independente, eles disseram que aqui eles se sentem livres... Porque assim, no Brasil era todo um esquema de segurança na porta da escola, mesmo morando em cidade pequena (Santa Maria, RS), era sempre alguém da família, que parava na porta da escola, e o guarda me entregava, não é? O porteiro me entregava eles, sempre ele tinha que ter identificação, senão fosse em, quem ia buscar a criança. Aqui eles saem da escola, eles voltam caminhando, eu moro a dez minutos

aqui do colégio. Eles vão de bicicleta, eles voltam, ou eles vão a pé, e, quando a gente morava em outro lugar em que precisavam pegar ônibus, eles pegavam o ônibus na porta de casa, desciam ... eles são muito mais independentes aqui. Quando querem sair, eles só me diziam: a gente "tá" indo... Aí eles saem aqui por perto, voltam, vão para o parque, voltam.. Eu não preciso ficar nervosa e me preocupando com o que vai acontecer... Essa foi a principal razão (para sair do Brasil).. a qualidade de vida.

Apenas para ilustrar, colocamos a seguir os dados sobre a economia do Brasil em 2018, consultados no Portal Ig Economia¹⁵

A economia brasileira cresceu 1,1% em 2018, de acordo com dados divulgados nesta terça-feira (19) pelo Monitor do PIB (Produto Interno Bruto), da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Essa é praticamente a mesma taxa de expansão apresentada em 2017, quando o PIB do País cresceu 1%.

De acordo com Claudio Considera, coordenador do Monitor do PIB-FGV, o resultado ficou muito abaixo do esperado. Ele também afirmou que esse foi um "ano perdido" para a economia brasileira .

"Este resultado é decepcionante quando se leva em consideração que ocorreu após dois anos consecutivos de forte retração econômica e de um crescimento com trajetória ascendente em 2017. A economia não apresentou o mesmo fôlego de retomada em 2018 que teve em 2017, ficando praticamente estagnada no decorrer do ano. A forte incerteza que permeou a economia, com destaque para a greve dos caminhoneiros e para o período eleitoral , influenciou muito nesse resultado. Foi um ano perdido", explicou.

É importante observar que nem sempre o ano que nossos entrevistados emigraram é o mesmo que eles tomaram a decisão, uma vez que o processo emigratório, em alguns casos, demorou muito para concluir, por diversas razões, como as pontuações atingidas, conforme detalharemos mais adiante.

Não foi identificado um fator relevante em comum, em cada ano de emigração de nossos entrevistados, que pudesse ser atribuído como um fator de expulsão daquele período, provavelmente pelo tamanho pequeno de nossa amostra, porém, alguns fatores se repetiram nos relatos de muitos entrevistados, independente do ano em que emigraram.

Ressaltando que em nossas entrevistas não oferecemos alternativas para serem escolhidas, e, de maneira espontânea, ao falarem sobre as motivações para a emigração, identificamos sete fatores que mais apareceram nas narrativas de nossos entrevistados, e que podem ser conferidos no Gráfico 6.

¹⁵ <https://economia.ig.com.br/2019-02-19/pib-2018-fgv.html> acessado em 13 maio 2021.

Gráfico 6 – Motivação / expulsão



Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas nas entrevistas.

Em primeiro lugar, citado por nove pessoas, ou seja, 60% do total, aparece o *desejo de morar fora*, geralmente por aqueles que já tiveram a oportunidade de conhecer outros países, conhecer outras realidades. Em segundo lugar, a *instabilidade econômica* do Brasil, ou seja, a insegurança de não saber se terão emprego ou se serão demitidos, foi citada por oito pessoas, 53,33% do total da amostra. A *segurança*, ou melhor, a falta de segurança, o medo constante de ser assaltado no Brasil, a preocupação com os filhos quando não estão em casa, foi mencionada por sete entrevistados, que representam 46,66% do total.

A seguir, verbalizada por quatro pessoas, 26,66%, foi a busca por *qualidade de vida* expressa como o sentimento de segurança para andar nas ruas, ir a parques bem tratados e seguros, com lazer de baixo custo, poder trabalhar menos e ficar mais tempo com a família. Duas pessoas, 13,33%, citaram que os *baixos salários* no Brasil fazem com que precisem trabalhar muito, não se sentem reconhecidas profissionalmente e que os custos são muito altos, como escolas, transporte escolar, saúde etc. Dois fatores, *melhorar o idioma* e *corrupção* foram citados por uma pessoa cada, ou seja, 6,6% do total.

3.3 O processo imigratório dos entrevistados

No capítulo 2 pudemos ver que o processo de imigração no Canadá já sofreu muitas mudanças e continua tendo alterações de acordo com as necessidades, apresentando diferenças entre a parte inglesa e a francesa, e até em algumas províncias. Nossos respondentes enfrentaram processos diferentes, de acordo com os anos que emigraram, mas, como são qualificados, muitos fatores são bem parecidos e vamos compartilhar as experiências que nos relataram.

Os três entrevistados que chegaram ao Canadá em 2008 fizeram todo o processo imigratório no Brasil e, após aprovados, já emigraram com o visto de residência permanente, o *PR Card*, que oferece todos os direitos de um cidadão canadense, exceto o de votar e ser votado. Isto era possível pelo antigo Programa Federal de Trabalhador Qualificado que exigia do candidato uma soma de 67 pontos ou mais, de um total de 100 pontos.

O Cláudio, que nasceu no Rio de Janeiro, tem 66 anos, casado, mora em Winnipeg, capital de Manitoba, uma província do lado anglófono do Canadá, com a esposa e tinha 53 anos na época da emigração. Ele fez faculdade nos Estados Unidos, morou em São Paulo e Teresópolis foi a última antes de mudarem do Brasil. Começou o processo no Brasil e como estava demorando mais do que esperava, foi sozinho para o Canadá para agilizar e conseguiu a aprovação com a consultoria de um advogado. O processo demorou dois anos, e, após a aprovação, a esposa e o filho foram se juntar a ele. O relato do Cláudio ilustra como o processo era feito treze anos atrás:

Naquela época, dei entrada no Brasil e esperava que dessem o retorno para você vir. E como você fazia? Você dá sua documentação toda e, antes disso, para eles aceitarem sua documentação, você tinha que fazer um formulário em que tinha várias perguntas sobre o que você fez, em inglês etc., etc., você tinha que atingir pelo menos 75 pontos de 100. Se você obtivesse 75 pontos de 100, eles te davam a chance para você dar entrada para conseguir o que eles chamam de PR aqui.. *Permanent Resident*. Então, no Brasil eu fiz... o teste visa saber a idade, se tem filho, a sua educação, coisas desse gênero... se você tem inglês, se você não tem. Isso tudo, combinado, eu passei, fiz mais que 75 pontos e eles me deram o direito de dar entrada no PR. E assim começou... era para demorar uns 6 meses. Eu passei um ano e meio no Brasil e... o que está acontecendo? Aí você tenta via computador, não conseguia falar muito, eu falei, olha, tive a oportunidade de ir ao Canadá, por causa de um festival chamado Folclorama...são vários países que apresentam souvenirs para vender...Como eu ia saber se deu tudo certo? Fica esperando... aí eu fui falar com um advogado que foi indicado pelo pessoal do Folclorama que disse: no seu caso, você

tem duas opções: ou você volta para o Brasil e espera, ou você fica aqui e eu te ajudo. Aí, negociamos o preço, que eu achei razoável... imaginei uma fortuna, e não era. O advogado aconselhou a ficar, porque, a gente conhece todo o processo, conhece as pessoas e, se houver algum problema, você sabe o que vai acontecer, porque, o que acontece é o seguinte... se você faz a papelada e tem alguma coisa errada, eles esperam que você esteja errado, você vai para o final da fila e te mandam uma carta, dizendo que você está no final da fila. Mas eu não recebi essa carta... e tinha coisa errada, e eu não soube disso. Eu entrei nesse processo e tive sorte porque, como eu tinha trabalho, tinha casa, era engenheiro, mas falei, vamos tocando o barco e, por sorte, encontrei esse advogado e ele conseguiu fazer com que o processo não voltasse para trás. Aí ele pegou e fez o que tinha que ser feito e deu continuidade, senão, eu ia ter que esperar mais seis meses ou um ano. A coisa demorou dois anos, o processo... hoje em dia, pelo que estou sabendo, está demorando um pouco mais.

O Cláudio acrescentou que atualmente, quando o casal emigra junto, um tem que ir estudando e outro trabalhando e que isso não tinha em sua época, mas disse que mesmo assim, não é fácil. O Cláudio já foi com a ideia de mudança definitiva, enquanto a Paula, que emigrou no mesmo período, porém, no lado francófono do Canadá, disse que imaginou ficar apenas uns dois anos, mas conforme o tempo foi passando, não quis mais voltar, inclusive por dizer que não reconhece o Brasil do jeito que encontrou nas últimas vezes que esteve aqui.

A Paula é de Rio Claro, formada em Geografia, tinha 26 quando emigrou e foi atraída, junto com o namorado, por uma palestra do governo de Quebec que assistiram em Campinas. Ficaram encantados com os conteúdos expostos e consideraram os preços bem acessíveis, souberam dos benefícios, da mão de obra que procuravam, não exigiam domínio do idioma francês (já era fluente no inglês), e, se fossem selecionados, aplicando do Brasil, já entrariam com visto de residente permanente, com direitos iguais aos canadenses, exceto o de votar, conforme explica no relato a seguir:

Você está no Brasil, você aplica do Brasil, se você for escolhido, você entra, né, é assim. O nosso processo foi muito rápido, em 9 meses a gente já estava com a, com o visto aprovado.. de residência permanente. Com o residência permanente (visto), você vem, chega com o passaporte para o visto e quando você entra, que você faz a validação para sua residência. O seu pedido de residência foi aceito... você tem seis meses para validá-lo. Então foi uma correria de arrumar as coisas.

Realmente podemos ver que o processo da Paula saiu bem mais rápido que o do Cláudio, não sabemos os motivos, mas algumas diferenças são notadas. Os lugares escolhidos, ele Winnipeg, ela Montreal, as idades, ela bem

mais nova, mas, quanto às profissões, a própria Paula comentou que a profissão do companheiro é que ajudou bastante, por ser da área de TI. Ela disse que a dela, Geografia, não tinha demanda, e, se fosse tentar emigrar sozinha, talvez fosse mais difícil.

A Sílvia, que está há 12 anos e 3 meses no Canadá, tem 47 anos, nasceu em Boqueirão do Leão, Rio Grande do Sul, mas morou por muitos anos em Porto Alegre, tinha, portanto, 35 anos na época da emigração. Formada em Ciências Econômicas, o último emprego no Brasil foi como secretária executiva. O marido que tomou a iniciativa da emigração por querer ter uma experiência diferente, mas também não foram com a ideia de ficarem definitivamente, apenas passar um tempo e acabaram gostando, não querendo mais voltar ao Brasil. Emigraram por Montreal e conseguiram a residência permanente após três anos de terem iniciado o processo no Brasil. Ela já estava grávida quando emigraram e soube após começar a passar mal enquanto procuravam apartamento para morar. O relato sobre o processo de imigração:

Então foi um processo que a gente fez no Brasil, não é? Foram três anos de processo, e durante esses três anos, a gente estudou francês, porque para ir para Montreal, a gente tinha que passar por uma entrevista em francês. Aí a gente fez aulas de francês e quando completou o processo, a gente decidiu vir, foi maio de 2008...nós dois estávamos empregados no Brasil e pediram demissão para vir para cá, sem nenhuma garantia. O Quebec tem um processo específico de imigração “pro” Quebec, não é? Mas, no momento que tu entra no país, ... o Quebec faz uma seleção inicial, que a gente fala, que é um processo provincial a tua documentação é encaminhada para o federal, para ser aprovada a nível federal. Nas demais províncias, você não tem isso... você já aplica “pro” federal direto. Hoje já é bem diferente, mas não sei exatamente como é.

Sílvia e o marido mudaram em maio de 2008 e escolheram Montreal porque um contato do marido que é do Rio de Janeiro, falou sobre uma empresa de alumínio, mesma área de trabalho dele como engenheiro mecânico, à qual encaminhou seu currículo e conseguiu o primeiro emprego depois de 4 meses da mudança. Explicou que o marido não assinava como engenheiro responsável porque não fez a equivalência do diploma, mas a atividade era equivalente à que exercia no Brasil e ele viajava pelo mundo todo a trabalho. Após um escândalo de corrupção envolvendo a empresa, que era gigantesca, e precisaram dispensar muitos funcionários, o marido ficou dois anos desempregado.

Em 2015, Sílvia e a família decidiram mudar para Coquitland, uma cidade pequena na região de Vancouver, pois queriam ter a experiência de viver no lado inglês e aprender o idioma. O marido fez um curso na área de TI e conseguiu ser empregado ao sair de curso. A impressão que teve é que são dois países diferentes, o lado francês e o inglês do Canadá. Em Vancouver, o clima não é tão frio quanto Montreal, onde tinham que usar muitas roupas, era muito rigoroso, e acha que são muito fechados e colocam mais barreiras aos imigrantes. Nunca sentiu discriminação, mas já presenciou com outros imigrantes e não se relacionam com eles (canadenses). Ela também observou que o perfil de imigrantes na região de Montreal é diferente, com bem menos asiáticos. Sílvia nos compartilhou suas impressões sobre os dois lados do Canadá, francês e inglês:

São dois países diferentes, praticamente... O processo de imigração é diferente, ou seja... não que seja diferente. Mas tem que ser aprovado pela província e pelo federal.

As diferenças: primeiro, a questão da língua, do clima e a questão cultural, também. Decidimos mudar para ter a experiência de viver também na parte inglesa, aprender a falar inglês... (aprenderam quando mudaram). Tem a questão do clima também, que lá (Montreal), é muito frio... são seis meses de inverno bem rigoroso e isso, assim, nos deixava bem.. tipo, você olha “pra” rua, está um dia lindo de sol, mas você não consegue ficar na rua, porque é muito frio. É demais, sabe? E aí tem toda aquela rotina...(das roupas que precisam usar) nós não somos pessoas de inverno, tipo, a gente não ia para a montanha esquiar, então, o inverno era muito chato para nós, muito rigoroso.

Aí depois tinha a questão cultural, os *québécois* são muito fechados. Eles sempre vão se proteger a eles, tipo, se você vai indicar uma pessoa para um emprego, tu vai indicar alguém da tua... não é? E eles, assim... eu nunca sofri nenhum tipo de discriminação, mas, eu vi, eu presenciei situações de discriminação, então, assim, eu sei que eles não... apesar de precisarem, de viverem pedindo imigrantes, a população em si, não... não gosta muito de imigrantes. Então, há... dificilmente alguém vem falar comigo no parquinho, parquinho de crianças, sabe? A gente tinha uma relação de bom dia, boa tarde, trocava duas ou três palavras, mas não passava disso, sabe? A gente não conseguia fazer amizade.

Lá (Montreal) tem bastante imigrantes, mas o perfil é diferente, não são os mesmos imigrantes daqui (Vancouver). São outras culturas, que vão mais para aquela região de Montreal, né? Tem bem menos asiáticos que em Vancouver.

A Marcélia, 44 anos, biomédica, com mestrado e doutorado, de Aracaju, Sergipe, emigrou com o marido e dois filhos em 2013, para Vancouver. Ao não ver como crescer mais na carreira, conversou com o marido sobre ter chegado o momento de ir embora do Brasil, um sonho antigo que tinham. Os dois pediram licença não remunerada do serviço (os dois eram funcionários públicos),

venderam o apartamento que moravam e montaram um plano para emigrarem e, se não desse certo, voltariam para os antigos empregos. Conversaram com um amigo que já morava no Canadá e começaram a visitar feiras em São Paulo, onde assistiam palestras sobre o processo imigratório no Canadá. Em 2013, só podiam ir através de estudos, então, decidiram que o marido, que tinha um inglês melhor, iria estudar, e ela com visto de trabalho, poderia trabalhar 40 horas semanais. O marido poderia, com visto de estudante, trabalhar 20 horas semanais, porém, por desconhecimento, matriculou-se em um curso que tinha aulas o dia todo, ou seja, não teria tempo para trabalhar. Ela teria que cuidar da casa e dos filhos, pois o menor não tinha idade para escola pública e ela não teria com quem deixar se trabalhasse.

A gente saía de Aracaju, ia para São Paulo para conhecer, o consulado (do Canadá) estava dando umas palestras e, naquela época, em 2013, o governo daqui, do Canadá, era um governo muito conservador. Então, tinha fechado a imigração, então, meu amigo tinha emigrado, mas tinha fechado. Você só conseguiria vir para cá através de estudos, entendeu? E daí, eu disse: vai ser esse caminho. Meu marido, eu disse: você estuda, porque ele tinha mais inglês que eu até... então você estuda e a gente vai. A gente pode pedir licença dos nossos empregos...

A gente se programou financeiramente, vendemos nosso apartamento, para poder ter o valor e a gente veio, aqui, “pra” Vancouver. Foi coisa de menos de um ano, a gente conseguiu o visto etc. A gente aplicou.. a gente chama de aplicação... a gente aplicou para a faculdade, e aí eles demoraram umas seis semanas para dar a resposta, aí deu a resposta, ele foi aceito, a gente deu a entrada no visto... ele fez um curso que dá um diploma, como fosse de tecnólogo, não é uma pós, é um curso bem completo na área de *business*. Ele queria entender a abordagem de *business* aqui no Canadá... o diploma é bem voltado para o mercado de trabalho.

Então, quando você vem para o Canadá estudando, um estuda e ganha o direito de trabalhar por 20 horas semanais e, o cônjuge tem o direito ao *Work Permit*, a permissão de trabalho, sem limite de hora e os filhos, tem gratuidade escolar... só entra na escola com 5 anos e o filho menor tinha 4 e o maior 10. Então, eu fiquei meio presa... foi bem desafiador, porque eu era tudo, mas não sabia ser mãe... eu cheguei no topo da minha carreira, mas não sabia cuidar de uma casa...(risos).

O depoimento da Marcelia nos mostra uma sensível mudança no sistema imigratório no Canadá e veremos que esse formato passa a ser utilizado por todos os outros entrevistados, com exceção da Fernanda, que não emigrou com a família e não precisou estudar, pois já foi contratada por uma empresa canadense, com visto de trabalho. Também verificamos que o tempo que demorou o processo foi inferior aos dos relatos anteriores.

O João, 42 anos, advogado, mudou de Curitiba para a Holanda com a esposa e a filha, em 2014 e passaram o ano todo lá, enquanto fez um mestrado em Direito. A enteada estava no Canadá, em um intercâmbio, nesse mesmo ano e foi aceita na faculdade, motivando a família toda a se juntar a ela. Entrou com o processo enquanto estava na Holanda (tem cidadania italiana) e, mudaram em julho de 2015 para o Canadá, em Vancouver e conseguiram os vistos em praticamente um ano. Como ele é advogado, fez o processo deles e relatou que teve alguns errinhos, mas acabou dando certo. A esposa, que era empresária no Brasil e já tinha uma boa noção de inglês, foi estudar para aperfeiçoar o idioma, e utilizaram a estratégia imigratória de ela estudar e ele trabalhar.

A Daniele, 45 anos, do Rio de Janeiro, publicitária, mudou no final de 2015 para Vancouver com o marido e os dois filhos, após ele perder um ótimo emprego no Brasil e não conseguir recolocação no mesmo patamar que tinha. Entrou em contato com uma amiga de infância que morava em Vancouver há muito tempo para conhecer qual o caminho para emigrar para o Canadá. Percebeu que a partir de determinada idade (acima dos 40 anos), não tendo diploma canadense, você não atinge pontos suficientes para uma boa colocação no mercado de trabalho e, o melhor caminho seria através de visto de estudante, em que uma pessoa do casal teria que se matricular em um curso. Decidiram que o marido iria estudar porque ela tinha um inglês melhor e teria mais chances de arrumar emprego, além de ganhar permissão para trabalhar por 40 horas semanais. Pensaram em fazer uma experiência de dois anos para decidirem o que fariam depois.

O marido da Daniele conseguiu a pontuação para fazer uma pós-graduação, ganhou um visto de estudo e ela ganhou um visto de trabalho, assim tomaram a decisão em julho e, em 22 de novembro de 2015, pousaram no Canadá, ou seja, o processo deles levou apenas quatro meses. O visto de estudante do marido era de dois anos, então, se conseguissem dentro deste tempo pontuar para o visto de residência permanente, ficariam, ou voltariam para o Brasil com uma experiência internacional, sem gastar suas reservas financeiras. A Daniele relata a estratégia que adotaram para realizar o processo imigratório:

Qual é o caminho que a maioria dos brasileiros toma para imigrar para o Canadá? É o estudo... o pessoal vem estudando, quando você adquire um diploma canadense, você ganha uma quantidade extra de pontos para você pontuar nesse processo seletivo, nesse processo de residente permanente, mas você ainda perde na pontuação da idade, por exemplo, então, enfim tem outros aspectos da imigração que ajudariam a ganhar ponto, mas o principal caminho para imigração, para pessoas principalmente que já tenham acima dos 40 anos, 35-40 anos, é estudando. Com isso, a gente acabou concluindo que a melhor forma de vir para cá era através do estudo. A melhor opção era que o meu marido estudasse e eu trabalhasse, porque eu sempre tive um inglês muito mais avançado do que o dele, por ter trabalhado por 10 anos para o governo britânico, por ter trabalhado em multinacional, enfim... ele batia a cabeça um pouco com o inglês e, o mínimo que ele precisava para ser aceito na universidade, no curso que ele ia fazer de Pós-graduação e, automaticamente, por eu ser cônjuge de quem tem um visto de estudo, eu ganhei um visto de trabalho. Então, nós, mais ou menos decidimos tudo em julho e, em novembro de 2015, dia 22 de novembro de 2015, pousamos no Canadá, de mala e cuia com, a Manuela tinha 7 anos, o Pedro tinha 1 ano e 9 meses e, o objetivo do meu marido era estudar, por dois anos e a gente ia ver no que ia dar. Assim, se a gente conseguisse nesses dois anos uma forma de pontuar “pro” processo de imigração para a gente receber a residência permanente e ficar, maravilha. Se a gente não conseguir, a gente volta para o Brasil, porque a gente já está no lucro, não é?

Tanto a Daniele quanto o marido tinham mais que uma pós-graduação, atingiram posições bem elevadas em suas carreiras, mas ela disse que isso “não valia nada” para o Canadá. As impressões dela sobre o sistema de imigração de profissionais qualificados no Canadá, são muito interessantes:

Isso não significa nada (suas qualificações) (risos)... é muito pouco perto do que “vende-se” e perto do que as pessoas pensam que vão conseguir... é, a pontuação.. por que, o que que acontece? Você pontua se você tem diploma de pós-graduação, mas você pontua mais, se o seu diploma de pós-graduação é canadense. Você pontua mais, dependendo do nível do seu inglês. Meu marido, por exemplo, pontuava menos e eu pontuava mais. Você pontua se você tem uma experiência de trabalho canadense, mas depende de que tipo de trabalho, qual é o nível do trabalho, não é? Um trabalho menos qualificado, pontua menos. Um trabalho mais qualificado, pontua mais. O problema, é que, para você conseguir um trabalho mais qualificado, até às vezes, para você conseguir um menos qualificado, você precisa comprovar experiência...é....e que você não tem. Então, é o que vem primeiro, o ovo ou a galinha... e isso é o “truque”... o que confunde as pessoas. O que acontece muito é que as pessoas pegam a economia da vida delas, empregam essa economia nesses dois anos de curso, achando que isso é suficiente para que elas fiquem aqui e, no final das contas, não é assim, porque você começa a perder pontos com a idade, se você não tiver um inglês superbom, o que não é o caso da maioria... você não consegue pontuar bem na prova de inglês, você já não tem a experiência de trabalho canadense para te ajudar. Só o diploma não serve para praticamente nada. A não ser que você esteja jovem, com no máximo seus 30, 35 anos, aí, você consegue pontuar com suas qualificações brasileiras. Mas você perde muito ponto, conforme você vai aumentando a sua idade.

O discurso da Daniela veio confirmar o que a literatura consultada nos mostrou nesta pesquisa, ou seja, a dificuldade encontrada pelos imigrantes qualificados em conseguir uma colocação dentro de sua especialidade. Mais adiante, nos aprofundaremos neste tema, ao falar da jornada profissional de nossos entrevistados.

A Daniele conseguiu algo que muitas entrevistadas disseram não ter conseguido, ou seja, creche pública para seu filho menor, de quase dois anos de idade. Ela disse que conseguiu por muita persistência, dizendo que algumas pessoas chegam a esperar um ano e, ela conseguiu pouco depois de terem chegado. Isso ajudou a se inserir no mercado de trabalho. O *Day Care*, uma modalidade de creche para crianças abaixo de 5 anos, costuma ser particular e o preço é muito alto, acima do que o imigrante poderia ganhar em um trabalho inicial no país, fazendo com que muitas vezes, um dos cônjuges fique em casa com o(s) filho(s) até que se atinja a idade escolar e poderem estudar em escola pública.

A nutricionista Danielle S., de São Paulo, 38 anos, mudou para o Canadá em 2015 com o marido, que estava desempregado e os dois filhos. Moram em uma cidade na grande Vancouver, Coquitland, depois de terem morado em outra cidade na mesma região, onde ficava a faculdade que o marido fez o curso. O marido foi com visto de estudante e ela, com visto de trabalho, conforme nos conta abaixo:

A gente começou a pensar que... a gente tem filhos pequenos, a gente não sabe o que pode acontecer, ele (marido) ficou quase um ano desempregado, a gente falou... a gente precisa mudar nossa vida e aí, que a gente começou a pensar que nós tínhamos um casal que estava no processo para vir, de amigos, e a gente começou a pesquisar também, para procurar vir para cá. Começamos o processo em 2014, foi muito rápido... 2015 já mudamos. O marido, a princípio veio fazer um curso em uma faculdade e a gente morou na cidade onde era a faculdade, na grande Vancouver, 30 km do centro. Moramos na rua da faculdade, hoje moramos em outra, também bem próxima. Viemos com o visto de estudante dele e o meu de trabalho. Eu não poderia trabalhar como nutricionista aqui, porque precisa de registro... precisa fazer prova, é bem difícil, então, eu comecei a trabalhar em loja.

O ano de 2017 foi o ano que mais emigraram na nossa amostra. Tivemos a Heloísa e seu marido, Eduardo, a Rachel, a Luciana e a Ariadne.

A Heloísa, 41 anos, casada, mudou para o Canadá com o marido, Eduardo e dois filhos, em 2017, formada em Letras, Português- Inglês e

especialização em Psicopedagogia Clínica. O Eduardo, 44 anos, formado em Ciências da Computação e estava cursando mestrado na área, na época da entrevista. Eles moravam em Florianópolis, onde a Heloísa trabalhava na área escolar e o Eduardo tinha uma empresa. Tinham tentado um intercâmbio em 2005, mas foi negado, e deixaram a ideia de lado, retomando quando surgiu uma boa oportunidade de venda da empresa de TI do Eduardo.

O marido vendeu a empresa e perguntamos: o que faremos agora? E de brincadeira, eu juro, de brincadeira eu disse... vamos para o Canadá! Aí o meu marido levou a sério. Começamos a pesquisar sobre o Canadá, na verdade, acho que foi em 2014. Aí ele veio na frente, passou um mês e aí a gente já tinha uma bagagem de saber o porquê o Canadá e a gente se apaixonou, não é? Meu marido veio e falou: quero ir no inverno para ver como vai ser, se você vai gostar, se não vai. Aí ele ficou dois meses aqui, conhecendo, estudando inglês, aí ele ficou em Vancouver, e foi para Toronto...

Então, eu fui por estudo...o meu marido, ele é da área de tecnologia. A área de tecnologia aqui, eles pedem muito. Aí, o que aconteceu? O meu marido falou: você vai ter que ir estudando. Eu falei: eu? Ele falou: é. Então, eu comecei a estudar inglês, para fazer a prova, para conseguir um *college* aqui. Na época a minha nota não foi suficiente, porque eu estava estudando, trabalhando no Brasil, com duas crianças pequenas, com todo aquele processo de mudança, não é? Aí eu não consegui a nota. E até por isso, ... a minha nota decidia qual a cidade que a gente iria. Porque, assim, se eu fosse para Toronto, eu precisava de uma nota maior para conseguir...

Um consultor de estudos falou assim: nós temos um *college* aqui em Vancouver, na área de *business*, que nem era a minha área, eu preferiria na área, da educação, mas ele falou que tem *business*, que seria uma administração básica, então você pode vir e aí você faz um inglês escrito, tipo uma redaçãozinha, aqui, e um *speaking* básico, e você pode conseguir. E era um *college* privado, não era um *college* público... só abrindo uns parênteses, aqui tanto os *college* público ou privado, eles são pagos, mesmo para quem é local (canadenses). A diferença, é que se eu fosse em um *college* privado, como eu fui, eu não teria direito de estender o meu visto. Por exemplo, como o meu visto foi de um ano de estudo, eu não poderia ampliar. E, seu fosse, por exemplo, passar em um *college* público, se eu estudasse um ano, eu poderia ganhar mais dois anos de visto, ou seja, três anos. E outra coisa que poderia acontecer, que na hora que eu chegasse no aeroporto para fazer a imigração, apresentar a carta da universidade, tudo, poderia ser que o agente não desse o visto de trabalho para o meu marido.

Aí, chegando no aeroporto, eu tinha um visto de estudo e meu marido, um visto de trabalho. A gente chegou no aeroporto, tudo incerto se a gente ia conseguir o visto. Porque ia depender do agente, no aeroporto de Toronto, porque, como era um *college* privado, ia depender muito da benevolência do agente. Mas deu tudo certo.

Chegamos em Toronto no dia 13 de fevereiro de 2017 e chegamos em Vancouver em 18 de fevereiro de 2017.

Chama a atenção esse fato que a Heloísa falou sobre o *college* que ela foi aceita não ser público e não dar o direito de estender o visto quando concluído os estudos e nem de escola pública para o filho maior. Como o marido conseguiu

um emprego no mês seguinte, na área de computação e começou a pagar impostos, aí tiveram o direito de colocar o filho na escola pública.

A Rachel, 42 anos, de Recife, veterinária, mas passou a trabalhar como fotógrafa até mudar com o marido e os dois filhos para o Canadá, em 2017. A escolha pelo Canadá foi pela maior facilidade no processo de imigração e queria algo legal porque estavam com família. Foram para Vancouver, e a imigração exigia que um membro do casal teria que estudar, no caso o marido faria uma pós-graduação em *business* e, quando terminou, conseguiu emprego na área financeira de uma lavanderia industrial, conquistando autorização para residência permanente o que poderia levar, no futuro, a cidadania. A Rachel explica que, apesar de ter visto de trabalho, não tinha com quem deixar o filho menor que não tinha o direito a creche pública, então precisou ficar em casa, até que ele atingisse cinco anos e pudesse frequentar escola pública:

O processo de imigração para o Canadá funciona assim: um membro do casal vem estudando e o outro recebe o visto de trabalho. Então decidimos que ele (marido) vinha estudando, ia fazer uma pós-graduação em *business* e eu fiquei sem trabalhar em casa com as crianças, porque uma das crianças não tinha idade escolar na época. Aqui para entrar na escola tem que ter cinco anos e o filho menor tinha três anos e meio, então eu fiquei em casa com ele, porque, creche é muito cara. Se eu fosse trabalhar, o que eu ia ganhar era para pagar essas despesas, então fiquei em casa. O meu marido se formou, na pós-graduação, e aí ele conseguiu um emprego na parte financeira de uma lavanderia industrial.

A Luciana, de São Paulo, 47 anos, casada, dois filhos, formada em Tecnologia e Processamento de Dados, mudou com a família para o Canadá em 2017. Os negócios da família não estavam indo bem e acharam que a experiência de morar em um outro país seria benéfico para o futuro dos filhos. Começou a providenciar seu processo de emigração no final de 2015 e mudaram em 2017. Ela explica como foi o processo imigratório:

Eu vim com visto de estudo, porque a gente tinha duas formas para vir. Uma era trabalhando e a outra, estudando, não é? Trabalhando, é muito difícil, não é impossível, mas é muito difícil conseguir um empregador, estando em outro país. Primeiro, que você tem a concorrência local e, segundo, porque o empregador não te conhece, ele não está disposto... na sua grande maioria, a gastar um dinheiro trazendo uma pessoa de fora, porque o risco é muito grande, não é? Ele não te conhece. Então, como eu tinha o inglês, eu fiz a prova de proficiência, não é? Era obrigatória para fazer uma inscrição em uma faculdade e aí eu me inscrevi em uma faculdade aqui para fazer Ciência da Computação, porque... eu estava até pensando em trocar

de área e tal, mas essa área tem uma demanda muito grande. Foi uma outra faculdade, mas com grau de diploma, não grau de bacharel.... Eu vim com a intenção de estudar, para poder vir para cá mesmo. A gente veio e o Marco, meu marido ganha o visto de trabalho, que é diferente dos Estados Unidos, então, essa já é uma vantagem no Canadá e os meus meninos ganham o direito de estudar na escola pública, gratuita. Aí eu fiz esses dois anos de diploma de Ciências da Computação e, aí depois desses dois anos, o governo te dá um visto de trabalho válido por até três anos, para você poder trabalhar.

A Luciana é mais um exemplo do uso da estratégia do estudo para emigrar e conseguir visto de trabalho para o marido, bem como, escola pública para os filhos. A visão que ela passa sobre o risco que um empresário corre contratando um estrangeiro, mostra a consciência que ela tem da condição do imigrante e a capacidade de se colocar no lugar de quem contrata, muito provavelmente, pelo histórico dela como empresária no Brasil.

A advogada Ariadne, 35 anos, de Indaiatuba, interior de São Paulo, mudou para o Canadá com o marido e a filha em junho 2017, sendo que fez o processo de imigração pelo Quebec, por considerar mais fácil, de acordo com o perfil deles. Deram início nos procedimentos entre 2011 e 2012, disse que demorou 5 anos para ser aprovado e ganharem o visto de residente permanente. Quando chegaram, ficaram apenas 15 dias em Quebec e foram para Vancouver, porque o marido foi aprovado para trabalhar em uma empresa, ainda quando estavam no Brasil. Sobre o processo imigratório, ela nos conta o seguinte:

Eu fiz meu processo de imigração pelo Quebec, só que daí o meu marido recebeu uma proposta de trabalho em British Columbia, na cidade de Vancouver. Na época que a gente iniciou o processo de imigração, a gente escolheu um que seria, entre aspas, o mais fácil, não é? Que na época foi no Quebec... isso foi entre 2011 e 2012. Nós estávamos no Brasil e aí a gente viu que Quebec seria uma porta de entrada de imigração para nós, pelo nosso perfil. E aí nós fizemos, aplicamos, ficamos quase cinco anos nesse processo no Brasil, até sair o visto de residência permanente para a gente poder vir. Então, muita gente passa por isso aqui no Canadá, vem estudando, o marido trabalhando... esse é o perfil mais comum que você vai ver por aqui. No meu caso, foi diferente, a gente fez do Brasil, todo o processo, esperando no Brasil, para vir para cá.

Este foi um caso diferente, ou seja, como a própria Ariadne comenta e como pudemos conferir com os outros relatos, é mais comum vermos os casais emigrarem para o Canadá, um cônjuge com visto de estudante e outro de trabalho, e, depois de um tempo vivendo e trabalhando, solicitam o visto de residente permanente. A Ariadne e o marido preferiram fazer o processo no Brasil e mudarem apenas após terem o visto de residente permanente, porém,

ela confessou que, quando foi aprovado, já tinham a filha e ela já não estava mais tão motivada como quando entraram com o processo. Foi a única entrevistada a afirmar que, “se pudesse, voltaria hoje para o Brasil”, mesmo reconhecendo os benefícios da vida no Canadá.

Outro fato curioso relatado pela Ariadne foi o fato de o processo ter sido aprovado pelo Quebec, mas o marido foi contratado por uma empresa em Vancouver e resolveram omitir esse fato do agente da imigração no aeroporto, porque, segundo ela, ficaria “chato” não terem a intenção de morar lá. A partir do momento que foi permitida a entrada no Canadá, ela explicou, poderiam morar em qualquer província, sem problemas.

E, por último, três entrevistados chegaram no Canadá em 2018: a Fernanda, a Erica e a Carla.

A Fernanda, de São Paulo, capital, 29 anos, gradou-se em Relações Internacionais em 2014 e concluiu mestrado em Ciências Sociais na PUC-SP em 2019, sendo que já morava no Canadá e veio ao Brasil para a defesa. Participou de um treinamento em Paris, onde conheceu o namorado canadense e decidiu emigrar sozinha, em 2018, após ser aprovada para trabalhar em uma empresa em Montreal, tendo feito o processo seletivo e de imigração, estando no Brasil. Atualmente mora com o namorado, mas quando chegou, morou sozinha em um apartamento.

Eu cheguei na sexta-feira (no Canadá) e na segunda já ia começar a trabalhar, já tinha um contrato, que foi fechado no Brasil. O cargo era um cargo que tinha bastante responsabilidade.....

Eu cheguei, eu mal desfiz minhas malas, como eu cheguei na sexta, eu peguei meu apartamento só no sábado ou domingo e já comecei a trabalhar. Não tinha amigos, só conhecia meu namorado, tudo era difícil, até a questão da comida.... não tinha acesso fácil a supermercados. Foi muito difícil, eu me senti muito sozinha, as pessoas do trabalho não têm o hábito de fazer amizades, tomar cafezinho....

A Fernanda mostrou que é possível para os solteiros imigrarem e ela conseguiu isso através de um emprego. Ela já era fluente no francês e trabalhava com empresas francesas, então, pesquisou e conseguiu fechar um contrato de trabalho e, por consequência, ganhou um visto de trabalho. Para ela, a maior dificuldade foi na parte social, de fazer amizades, pois no trabalho, as pessoas não costumavam fazer atividades sociais fora da empresa.

A Erica, 43 anos, do Rio de Janeiro, mas morava em São Paulo, casada, dois filhos, administradora de empresas, com MBA em Marketing, mudou com a família para o Canadá em 2018. A ideia de emigrar partiu do marido, inspirado no chefe que estava mudando. As condições eram que um teria que ir estudando e outro trabalhando, ou seja, ela iria com a condição de estudante e o marido, como trabalho. Não foram com a ideia de ficar definitivamente e sim de passar uns 2 anos como uma aventura, e depois voltar, mas agora não pensam mais em voltar ao Brasil. Seu processo saiu relativamente rápido, conforme conta a seguir:

Ele (marido) falou assim: eu não vou estudando...(risos). “Tá” bom, eu vou... porque o programa de imigração aqui, você tem que vir através dos estudos. Acho que não existe outro formato de processo imigratório que não seja através do estudo... Acho que tem através de investimentos, *business*, se for o caso, não é? Quem vai estudando tem o direito de trabalhar 20 horas por semana e daí o cônjuge tem direito a trabalhar 40 horas por semana, e os filhos têm direito a escola pública. Eu não vim com a ideia de imigrar... eu vim com a ideia de passar dois anos em uma aventura. Eu fiz o processo no Brasil, eu tive que fazer a prova do meu mestrado, eu fiz mestrado de *Global Leadership*...

Em cinco meses eu apliquei para a escola, eu fui aprovada na escola, eu fui aprovada na prova de inglês, eu apliquei no visto, e saiu o meu visto... foi tipo assim, foi relâmpago. Saiu antes do chefe do meu marido... (risos).

O processo foi feito no Brasil, mas o marido foi sem emprego, para procurar em Vancouver, onde foram morar. A Erica e o marido decidiram alugar os três apartamentos que tinham em São Paulo e, com o dinheiro, pagam o aluguel do apartamento em que moram. Ela disse que o aluguel é muito caro, paga cerca de três mil dólares canadense por mês. Uma agente ajudou na emigração, aconselhou a universidade que fez e indicou o apartamento de uma amiga que estava se mudando e ia ficar vago.

A Carla, 46 anos, fisioterapeuta, do Rio Grande do Sul, casada, dois filhos, mudou para o Canadá em 2018 e mora em Montreal. Ela explica que tinham o desejo de morar em outro país, sempre gostaram de viajar, pensaram em emigrar três anos antes, mas como o filho tinha problemas respiratórios, decidiram adiar. Em janeiro de 2017 alugaram um apartamento em Vancouver e ficaram um mês para verificar se a adaptação seria fácil e concluíram que sim. Então, chegando ao Brasil começaram a preparar o processo imigratório. Ela disse que o processo dela teve uma resposta negativa e, depois, com a consulta a uma profissional, saiu muito rápido, conforme relatou abaixo:

Na primeira vez que pensamos em mudar, eu tinha 43 anos, meu marido tem a mesma idade que eu. Com 43 anos, a gente não entra mais em qualquer processo de imigração, a gente não era conhecedor da língua francesa, isso ia interferir na pontuação, o meu inglês não era bom o suficiente, do meu marido, então eu já não tinha muita pontuação, além da idade. Então a gente optou (em 2017) por meu marido vir estudar aqui, eu com visto de trabalho e ele com visto de estudo. E aí a gente começou a estudar como a gente faria isso, quando a gente chegou em casa e fizemos todo esse processo e, em abril a gente já aplicou... já enviamos toda a documentação. Aí a gente ficou esperando as respostas e tal, e aí a primeira resposta veio negativa. Eu inclusive... a gente estava esperando para vir para cá em agosto de 2017, só que a resposta veio negativa porque o governo não tinha entendido por que o meu marido tinha várias graduações e queria vir para cá para ser estudante. Tipo, não tinha sentido. Aí decidimos pegar uma consultora de imigração, porque até agora estávamos fazendo tudo sozinhos, para saber onde tinha sido nosso erro. Ela organizou a documentação, quando chegou em setembro a gente reenviou, em dezembro já veio a resposta e, em 18 de janeiro (2018) a gente já chegou aqui (Montreal).

Os relatos dos entrevistados ilustraram as mudanças nas políticas imigratórias, principalmente entre os que emigraram em 2008 e os outros, a partir de 2013. Também pudemos perceber que a estratégia mais utilizada pelos casais que emigram para o Canadá e são qualificados, é um ir com visto de estudante e outro com visto de trabalho, para depois solicitarem o visto de residente permanente, o último antes da cidadania.

A Paula, por trabalhar em uma ONG que atua com imigrantes, nos mostrou sua visão crítica sobre o processo imigratório no Canadá, ao comparar como era o procedimento em sua época de emigração, 2008 e os atuais. Em sua época, eram passadas informações bem claras sobre as profissões que interessavam ao país, por sua demanda, e, que atualmente, isso não é feito. Segue seu breve relato:

Hoje em dia eles (governo) meio que falam: vai, tenta e.... Porque eu senti que a mudança, sei lá.... senti que a imigração é uma resposta econômica, não é? Ela é uma resposta econômica dos países... então somos abertos à emigração porque estamos precisando de gente, e tal, mas, o jeito que eles estão fazendo hoje em dia, de aceitar só estudante, para virar aqui dentro residente, é muito elitista, porque é muito caro vir para cá como estudante...

O pessoal que está vindo, está vindo para fazer um estudo, nível técnico, mas de... é... ensino médio, por quê? Eles acharam a porta de entrada "pro" Canadá...

A pessoa tem que ter uns R\$ 100.000,00 (custos do curso, seguro e outras despesas, em sua opinião).... então, virou um processo elitista, que eu sou super contra... porque tem pessoas de outros países, que estão esperando, que aplicaram o mesmo processo que eu, e estão esperando há cinco anos...

3.4 Tipo de visto, cidade em que moram e desejo (ou não) de retorno

Nove dos nossos entrevistados, ou seja, 60% da nossa amostra, possuía visto de Residência Permanente quando participaram da pesquisa. Três entrevistados, 20%, já tinham a cidadania e são aqueles que chegaram em 2008, portanto, há mais tempo morando no Canadá, em torno de 13 anos. Os outros três participantes têm visto de trabalho, que representa também 20%, sendo que dois destes, têm o visto de trabalho para imigrantes pós-graduados no Canadá, o PGWP. Na Tabela 5 podemos conferir esses dados, assim como as cidades em que vivem e se manifestaram ou não, planos ou desejos de retornarem ao Brasil.

Tabela 5 - Tipo de visto, cidade em que moram e intenção de retorno

Nome	Visto	Cidade	Retorno
Claudio	Cidadania	Winnipeg	Não
Paula	Cidadania	Montreal	Não
Sílvia	Cidadania	Vancouver	Não
Marcelia	Residência Permanente	Vancouver	Não
Daniele	Residência Permanente	Vancouver	Não
João	Residência Permanente	Vancouver	Não
Danielle	Residência Permanente	Vancouver	Não
Heloísa	Residência Permanente	Vancouver	Não
Eduardo	Residência Permanente	Vancouver	Não
Rachel	Residência Permanente	Kitchener	Não
Luciana	PGWP(*)	Vancouver	Não
Ariadne	Residência Permanente	Kitchener	Sim
Carla	Trabalho	Montreal	Não
Fernanda	Residência Permanente	Montreal	Não
Erica	PGWP(*)	Vancouver	Não

Fonte: elaborada pela pesquisadora, a partir das respostas nas entrevistas realizadas.

(*) PGWP = Post-Graduation Work Permit = permissão de trabalho para pós-graduados em faculdades no Canadá.

Como vimos, ao emigrarem, na maioria dos casos, um cônjuge entrou com visto de estudante, que permite trabalhar até 20 horas semanais, e outro com o visto de trabalho, *Work permit*. Após a conclusão dos estudos, a pessoa adquire o visto de trabalho, geralmente o mesmo período que durou os estudos, ou um pouco mais. O PGWP é uma permissão de trabalho para quem se fez curso de pós-graduação no Canadá e costuma valer o mesmo tempo que durou o curso, conforme o caso, até um pouco mais.

Quando o visto de trabalho vai expirando, nossos entrevistados revelaram que iam providenciando os documentos necessários para adquirirem a residência permanente, como comprovantes de trabalho, por exemplo, que é o último visto antes da sonhada cidadania. A diferença entre o visto de residente permanente e da cidadania é muito pouca, ou seja, a última oferece o passaporte canadense e o direito de votar e ser votado. A Marcelia fez um divertido relato sobre os passos para a conquista da cidadania canadense:

Para ele (marido) conseguir o emprego qualificado sem conhecer (referência), eles (empregadores) não colocam, você tem que começar lá do zero, do básico, para ir para o emprego qualificado. A gente teve que pedir extensão de visto, e tudo o mais, para dar tempo para a gente emigrar...

Hoje a gente já emigrou, já somos residentes permanentes no Canadá...

Depois que você está há dois anos como residente permanente... a gente vai completar dois anos esse ano, aí a gente faz uma prova de História e Geografia e uma prova de Inglês, mas a nota é baixa, não precisa ser uma nota alta e, pronto. Aí passando, você vai, marca a cerimônia e canta o hino, é isso...(risos) ah, e faz um juramento à rainha... estou doida para fazer esse juramento para a rainha.

A maioria dos nossos entrevistados escolheu o lado anglófono para viver, ou seja, 80% da nossa amostra. Em Vancouver, uma cidade que não tem inverno muito rigoroso, um dos motivos alegados para a escolha, mora 60% do total de respondentes, ou seja, nove pessoas; é uma cidade portuária localizada na costa oeste da Colúmbia Britânica. Apenas o Cláudio mora em Winnipeg, a capital e maior cidade da província de Manitoba. Duas pessoas, 13,3% da amostra, moram em Kitchener, na província de Ontário, distante 85 quilômetros de Vancouver. Três pessoas, 20% moram em Montreal, cidade da província de Quebec, no lado francófono, sendo o segundo município mais populoso do Canadá. No Mapa 1 podemos localizar as províncias onde vivem os nossos entrevistados.

Mapa 1 – Mapa do Canadá com províncias e territórios



Fonte: Ontheworldmap.com Acesso em 23 maio 2021

No Mapa 2 podemos visualizar as capitais das províncias e territórios e os países ao redor do Canadá.

Mapa 2 – Mapa canadense detalhado



Fonte: [Knight's Canadian Info Collection](#) Acesso em 23 maio 2021.

A pergunta feita sobre a intenção de retornar ao Brasil recebeu 93% de “Não”, ou seja, não tinham planos nem desejos de retornarem a morar no país de origem de nossos entrevistados. Alguns relataram que, quando mudaram, a intenção não era para ser definitivo, porém, depois de um determinado tempo, viram que NÃO desejavam mais retornar, apesar de gostarem do Brasil, sentirem saudades da família e amigos, os benefícios encontrados compensavam as desvantagens, confirmando uma de nossas hipóteses. O João foi um dos que não pensavam em ficar definitivamente e mudou de opinião, conforme compartilhou conosco:

...inicialmente foi um projeto de quatro anos, mas... não tem como voltar... é difícil. Eu não tenho plano de voltar, infelizmente a situação no Brasil degrada a cada dia, na minha visão, nos meus valores e, não.. não tenho intenção de voltar. Eu sinto que a vida aqui tem os seus desafios, apesar das minhas raízes... mas ela é mais fácil, no bom sentido. É um país onde a gente tem muita confiança, um no outro, em

todo o sistema. Isso faz a vida ser mais fácil. A gente não fica preocupado se alguém está te passando para trás... se o governo está te passando para trás.

Apenas uma entrevistada, a Ariadne, relatou desejo, não compartilhado pelo marido e pela filha, de voltar a morar no Brasil. Ela disse que não se sentia pertencente ao país. Quando ela e o marido entraram com o processo, eram recém-casados, não tinham a filha, e como demorou muito, quando teve a aprovação para a emigração, já não estava mais animada, e relata seus sentimentos abaixo:

Eu, a Ariadne... assim, porque eu e meu marido, a gente diverge um pouco, porque, por mim, eu voltaria hoje para o Brasil... Porque eu sinto muita falta do Brasil... muita. De tudo...nesses quatro anos que a gente está aqui, eu não me sinto pertencente. Eu não consigo falar, ah, aqui é a minha casa, entende? Para mim, não dá. Acredito que seja também por eu ser de Indaiatuba, uma cidade pequena, minha família inteira é daí, você sai na rua e fala: oi fulano, oi... todo mundo se conhece, enfim... Isso, aqui, não existe... você é só mais um na multidão, e olhe lá, não é? Você acaba se rodeando da comunidade brasileira, antes da pandemia, chamavam para ir em casa, normal, igual ao Brasil. Agora, isso você não consegue ter com outra nacionalidade aqui, quanto mais com canadense, porque, para um canadense te chamar para ir na casa dele, é um evento histórico, entendeu?

3.5 A jornada profissional dos entrevistados no Brasil e no Canadá

Pedimos que nossos entrevistados contassem um pouco sobre sua experiência profissional no Brasil e no Canadá, com o objetivo de analisar como foi a inserção deles no mercado de trabalho canadense, enquanto profissionais qualificados. Convidamos a fazerem uma reflexão sobre o emprego atual no Canadá, se está no mesmo nível do que tinha no Brasil, em termos de atividades exercidas, responsabilidades e retorno financeiro. Relembrando, nossa hipótese, com base na literatura consultada, é que o imigrante qualificado dificilmente consegue um trabalho compatível com sua qualificação no Canadá.

Veremos que realmente nossos entrevistados tiveram que enfrentar muitas barreiras, que foram sendo transpostas, tendo em vista o objetivo maior que era viver no Canadá. Falaremos de cada entrevistado, seguindo a ordem de chegada ao Canadá, daqueles que estão há mais tempo, para os que chegaram mais recentemente.

O Cláudio, Engenheiro Elétrico, fez faculdade de *Electrical Engineering Technology* na Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, onde formou-se em 1982. Voltou ao Brasil, morou em São Paulo, onde trabalhou na empresa da família, na área de petroquímica. Mudou para Teresópolis onde continuou na empresa da família, fez bacharelado em Ciências da Computação, deu aulas de computação e iniciou o mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro mas não chegou a defender, pois mudou-se para o Canadá.

Em Winnipeg, cidade em que mora desde que chegou no Canadá, o Cláudio fez um curso de nível técnico para atuar em uma profissão equivalente à de eletricitista, pois, para atuar como engenheiro, teria que cursar uma nova faculdade, por não aceitarem o diploma da Universidade da Pensilvânia. O curso, com duração de três anos, foi necessário para conhecer os códigos elétricos canadenses, uma vez que a maioria das casas são feitas em madeira e as temperaturas vão do extremo frio ao extremo calor, exigindo especificações que não conhecia. Então, o Cláudio nos explica que atua em uma empresa, dentro da área de sua formação, porém, abaixo da sua qualificação, mas, mesmo assim, acha que tem melhores condições que teria se estivesse no Brasil. Ele acha que, o fato de ser imigrante acaba limitando o acesso aos melhores empregos:

Em geral, é muito baixo, esse preconceito (com imigrante) em Manitoba...entre "vou contratar um canadense ou um estrangeiro"... Você vê o seguinte: os grandes empregos, os grandes executivos que você pode conseguir...Dependendo do que seja, você tem que ser canadense... entendeu? Isso já limita.... aí você vê os subempregos, pessoal de produção.... são tudo estrangeiros...

A professora de Geografia, Paula, deu aulas como professora substituta em Campinas, até retornar para sua cidade, Rio Claro, e dar aulas de História e Geografia em uma casa-escola que atendia menores, equivalente à antiga Febem, durante a parte da manhã e participava de oficinas com os mesmos jovens, na parte da tarde. Relatou que o salário era muito baixo, mas a atividade era muito prazerosa. Emigrou sabendo que sua profissão não tinha demanda no Canadá, mas achou que a experiência seria enriquecedora. Chegando em Quebec, fez um curso de francês oferecido pelo governo e recebia uma pequena ajuda de custo. Durante a realização do curso fez um trabalho voluntário em uma

casa de repouso onde conversava com idosos e aprendeu muito com uma ex-professora de francês, tanto a parte oral, quanto a escrita.

O primeiro emprego da Paula foi em uma casa de idosos onde viviam moradores muito ricos e importantes do Canadá e suas atividades iam desde criar e realizar atividades recreativas, até servir de garçonne em alguns eventos. Todos os empregados eram imigrantes, o salário era baixo, mas ajudava nos custos e achava o lugar muito bom, ficou quase um ano, e ajudou a acumular um certo número de horas de trabalho para poder fazer um *college* custeado pelo governo.

A Paula escolheu um *college* público sobre gestão e educação ambiental e ganhou uma bolsa para ajudar em seus custos. Fez estágio em uma ONG muito tradicional de educação ambiental, que levava estudantes ao Pará para visitar reservas indígenas, unidades de conservação, enfim, conhecer a vida dos ribeirinhos. Como falava português, preparava e providenciava tudo que seria necessário para essa viagem, desde traduzir documentos, comprar os bilhetes, alugar barco, tratar com o capitão sobre roteiro, contatar cozinheiros, mas não viajava com eles.

Concluindo o curso, a Paula trabalhou em um projeto sobre água, na ONG em que estagiou, e viajou bastante visitando diferentes reservas indígenas na província de Quebec. Disse que gostou muito da experiência, mas, como os projetos eram temporários, não lhe davam estabilidade, procurou outro emprego e entrou em uma ONG que atendia adolescentes imigrantes que tinham duas culturas, a dos pais e as deles que eram nascidos no Canadá, ou vindos muito pequenos. Seu trabalho consistia em conversar com os pais e com os adolescentes, fazia muitas atividades lúdicas para explicar os códigos de cultura do Quebec e, o fato de também ser imigrante, a aproximava da população atendida.

A Paula trabalhou em diversas ONGs e atualmente está em uma que acolhe imigrantes e refugiados, mas, declarou que está um pouco cansada, por causa da falta de recursos para pagar melhor os profissionais e está fazendo um curso para poder trabalhar para o governo, que remunera melhor. Ao falar sobre remuneração, pensa que estaria ganhando mais no Brasil se fosse assistente

social, não como professora. Ela explica que está investindo na certificação para poder concorrer a um cargo público na área social em que acumulou bastante experiência:

Uma mesma pessoa que trabalha para o governo e que faça a metade do que eu faço... metade, tá? Porque eu faço muita coisa, ganha muito mais.... muito mais. É fácil para o governo pagar, financiar...porque o funcionário público custa muito para o governo, entendeu? Então, é assim... a ONG em que eu trabalho é a que tem o salário mais alto, a gente tem benefícios, mas, se você comparar com o que poderia fazer, eles ganham mais (funcionários públicos).

A Sílvia, Formada em Ciências Econômicas, começou a trabalhar em um cargo de confiança em um órgão municipal em Boqueirão do Leão, Rio Grande do Sul, ainda quando fazia faculdade, e, depois de formada, foi aprovada em um concurso público e permaneceu 12 anos no departamento de licitações públicas. Tirou uma licença para atuar em licitações na área privada, até mudar para Porto Alegre, onde continuou na mesma atividade, sendo promovida a secretária executiva, e saiu para mudar para o Canadá.

Chegando em Montreal, como estava grávida, demorou um pouco para procurar emprego. Fez alguns serviços temporários para a Loreal, na organização e vendas em eventos que são realizados duas vezes por ano, durante dois anos seguidos. Trabalhou em um café atendendo no balcão e no caixa, e saiu de licença maternidade para ter o segundo filho. Mudaram para Vancouver após o marido perder o emprego.

Em Vancouver, estudou inglês, fez um *college* em contabilidade e um estágio não remunerado de 150 horas. Silvia trabalhou como voluntária até entrar em um programa do governo e ser efetivada na mesma empresa em que estagiou, sendo seu salário subsidiado pelo governo em 50%. Continua desde 2016 na mesma empresa prestadora de serviços de contabilidade que atende empresas pequenas na área de construção, agricultura, transporte e cujos proprietários, em sua maioria, são imigrantes asiáticos, principalmente indianos. Ela revelou que gosta do ambiente de trabalho e das atividades que faz e que a empresa é de pequeno porte, trabalha com uma indiana, com o chefe e uma funcionária eventual.

Comparando com sua atividade do Brasil, a Sílvia diz que o nível de complexidade do atual emprego no Canadá é igual ao trabalho que realizava

antes de ser promovida a secretária executiva, que era mais complexo e envolvia gestão. Quanto aos benefícios financeiros, acha que estaria ganhando mais no Brasil que no Canadá, porque o porte do escritório que trabalha é pequeno, mas está satisfeita por poder fazer o próprio horário, contanto que entregue o que foi proposto.

Talvez no Brasil, o meu nível profissional seria um pouco mais alto do que aqui, porque esse escritório que eu trabalho hoje, é um escritório pequeno, não tem uma super remuneração, pelo fato de já ser pequeno, mas a área de contabilidade é bem remunerada aqui.

A biomédica Marcélia, de Sergipe trabalhou como técnica em laboratório até ser contratada pelo laboratório escola da universidade em que se formou para análise e ensino aos estudantes, onde ficou 4 anos. Passou em um concurso público estadual e trabalhou no hospital de urgência de Sergipe e depois como coordenadora do laboratório de uma maternidade de risco, sendo responsável por toda a área de diagnóstico. Concomitantemente foi contratada pela Universidade Federal como professora substituta na área de análises clínicas onde fez mestrado e doutorado, realizou diversas pesquisas e publicou artigos científicos. Como o salário de biomédica era baixo, sempre teve dois empregos, até três.

O objetivo da Marcélia era prestar concurso para professora efetiva na universidade federal em que era substituta, pois o salário era melhor e poderia deixar os outros empregos, mas ficou decepcionada quando abriu concurso e sua área não foi incluída. Como não via como crescer mais profissionalmente, tirou uma licença para experimentar a mudança para o Canadá, em 2013.

Como o filho mais novo não estava em idade escolar, não teria como trabalhar, a Marcélia fez um curso de inglês em uma escola pública e começou a realizar diversos tipos de trabalhos esporádicos para brasileiros, como por exemplo, mudanças, buscar no aeroporto e fechar pacote de *city tour*. Ajudou muitos brasileiros a pesquisarem escolas e não cometerem o erro do marido que se matriculou em um curso de período integral e não pode trabalhar nem as 20 horas semanais que o visto de estudante permitia. Ela explica o que consideram que foi “uma escolha errada” do marido e que a motivou a auxiliar outros brasileiros a evitarem esse erro:

Meu marido escolheu um curso.. e isso foi um grande erro, ele não teve (trabalho) porque ele estudava... ele tinha oito, nove matérias...então ele tinha aulas das oito da manhã até às cinco e meia da tarde, e tinha as leituras... então, assim... hoje, quando eu trago meus estudantes, principalmente quando vem família, eu procuro colocar em um curso mais light, porque, na verdade, brasileiro não precisa mais de formação aqui, não precisa... são extremamente qualificados. Então hoje eu procuro um curso mais light para que eles tenham a oportunidade de ir logo no mercado de trabalho, porque, além de começar a ganhar em dólar, é importantíssimo para manter o seu projeto (de imigração).

Como a Marcélia ficou conhecida no meio, abriu um escritório com as orientações do marido e hoje tem uma funcionária, além de agentes no Brasil, que indicam seus clientes. Faz parcerias com escolas e faculdades em todo o Canadá, para onde encaminha seus clientes, de acordo com seus perfis, e realiza todo o processo burocrático de matrícula e de visto e, dois meses depois da chegada no Canadá, a escola lhe paga a comissão, sem custos para os imigrantes.

Apesar de realizar uma atividade totalmente diferente de sua especialidade, a Marcélia disse que lhe traz muitas alegrias, pois ajuda as pessoas a realizarem seus sonhos, seus projetos de vida, e pode trabalhar menos que no Brasil, tendo mais tempo para sua família. Não tem intenção de voltar a atuar como biomédica, apesar de gostar da área da saúde porque, além de ser muito complicado e caro revalidar seu diploma, está bastante satisfeita com sua atividade atual, sente-se completamente realizada, pois construiu uma nova carreira, coisa que seria muito difícil de fazer no Brasil.

A Marcelia acha que o retorno financeiro atual é melhor do que tinha no Brasil, pois, além de trabalhar menos horas, seus custos no Canadá são menores, pois, não precisa ter babá, empregada nem motorista. O Canadá oferece boas opções de lazer gratuitas nos muitos parques da cidade e não gastam tanto para se arrumar, como salão de cabeleireiro, roupas, a vida é mais simples.

O advogado paranaense João fazia consultorias jurídicas a empresas em Curitiba, orientando de forma preventiva os caminhos a seguir para evitarem problemas legais e defendendo nos casos de algum problema. Ainda hoje, do Canadá, atende alguns clientes regulares brasileiros.

Nos primeiros meses no Canadá o João acha que não teve sucesso em arrumar emprego porque mantinha uma postura arrogante nas entrevistas, por ser um profissional bem qualificado e por ter dois mestrados na Holanda. Alguns amigos e a esposa conversaram sobre a necessidade de começar do zero por ser imigrante e assim, arrumou um emprego em uma empresa de transportes rodoviário, de cargas congeladas. O João disse que era um trabalho bem duro, tinha um turno de 12 horas, mas ajudou a dar mais valor aos seus planos no Canadá. Permaneceu 4 meses nessa atividade e saiu por ter arrumado outro emprego, e narra como foi essa experiência:

No fundo eu acho que faltava um pouco de experiência da minha parte para buscar trabalho fora do meu país e um pouco também, deve ter faltado, da minha parte, um pouco de humildade... eu bem-sucedido no Brasil, e achava que, enfim, era, eu achava que minha vida era daquela para cima, daquela para frente... talvez até a minha postura, o meu jeito, muito confiante, assim, até no excesso... até que eu senti que estava na hora de vestir o chinelo da humildade e saber que você não está mais no teu país... e não só por mim, mas conversando com amigos e esposa, eu fui alertado a isso: você tem que começar do zero. E aí as coisas começaram a fazer sentido.... Depois de seis meses sem sucesso, eu abri o meu leque e consegui um emprego em uma empresa de transporte rodoviário de cargas congeladas e isso me ajudou também na questão da humildade, porque lá não é subemprego, acho que todo emprego é digno... eu fazia turnos de 12 horas, eu comecei a dar mais valor para que o projeto de permanecer no Canadá desse certo.

Está estudando Direito Canadense e está dando aulas de Direito a alunos do segundo grau e de faculdade, e sentindo-se muito feliz por usar seus conhecimentos. O João começou como professor substituto e, desde agosto de 2020 foi efetivado e considera que o domínio do idioma inglês foi determinante para a vaga e sente-se privilegiado, pois, com exceção de quem trabalha em TI, os profissionais qualificados dificilmente conseguem empregos qualificados.

Ainda não tem o retorno financeiro que tinha no Brasil, mas, acredita que poderá melhorar se conseguir mais aulas, e disse que, se desse o mesmo número de aulas no Brasil, não seria suficiente para cobrir os custos de uma família, como está conseguindo no Canadá. O João ressalta que paga altos impostos, mas o dinheiro que ganha tem poder real de compra. Leciona 15 horas por semana, mas tem contrato de 30 horas, pois consideram as horas para preparo de aula, atendimento ao aluno e outras ações relacionadas à função, e acha que esse modelo é excelente, pois qualquer trabalho integral é de 40 horas semanais, e é uma forma de reconhecimento da função de professor.

A publicitária carioca Daniele, especializada em *E_comerce* e Marketing, cresceu muita na carreira de assessora de imprensa, tendo começado quando estudada, como estagiária na Associação Brasileira de Agências de Viagem – ABAV e foi efetivada após a formatura. Trabalhou na Varig e no escritório da Disney em São Paulo, sendo que, neste último ficou por 3 anos na divulgação dos parques e resorts para empresários brasileiros, jornalistas e celebridades, os quais acompanhava em frequentes viagens para Orlando. O escritório foi fechado após o atentado do 11 de Setembro e voltou ao Rio de Janeiro, e entrou no escritório do governo britânico, *British Council*, onde realizou inúmeras viagens para a Inglaterra, Escócia e Suécia, promovendo escolas, cursos e artistas britânicos. Trabalhou na Paramount Pictures como responsável pela divulgação dos lançamentos de filmes no cinema da Paramount, Universal e Dreams, segundo ela, uma vaga mais “sênior” que pagava o dobro do salário do emprego anterior, porém, disse que foram 10 meses de trabalho com uma chefe do departamento de marketing que era muito difícil de trabalhar e foi demitida repentinamente sem justificativa e nem explicações.

Trabalhou durante três anos como gerente de Relações Públicas no Hotel Sheraton, em atividades de mídia em turismo, mas pediu demissão porque o ritmo de trabalho era muito intenso e já tinha a primeira filha. Ficou cinco anos no consulado do Governo Britânico, primeiro no setor de vistos, ganhando a metade do salário anterior mas com horário mais flexível e, após 2 anos, na intermediação de negócios entre empresas britânicas e empresas brasileiras, na área de óleo e gás, pedindo demissão após a licença maternidade do segundo filho.

A Daniele resolveu ser autônoma e trabalhar de sua casa, pois, mesmo gostando de seu trabalho, perdia muito tempo no trânsito e ficava difícil administrar sua casa, seus filhos, precisando da ajuda de outras pessoas. Fez um curso de tradução e começou a desenvolver atividades em sua própria casa, passou a ser tradutora da Sony, que lhe enviava um conteúdo muito grande de trabalho e, ainda realiza traduções. Conseguia um retorno financeiro equivalente ao que ganhava no consulado britânico.

No Canadá, a Daniela explicou que sua qualificação do Brasil, não garantia uma vaga qualificada no Canadá, assim, o primeiro emprego foi de meio

período em uma clínica de aparelhos auditivos, como recepcionista, onde ficou 8 meses. Ela descreve sua impressão do primeiro emprego:

Em março de 2016, já estava com as crianças mais adaptadas, foi então que eu consegui começar a trabalhar. Então, ok... trabalhar em que? Porque a minha qualificação no Brasil, não me ajudava muito a conseguir um emprego qualificado aqui, assim como um monte de gente que eu conheço, que foi trabalhar no Starbucks, que foi trabalhar como caixa de supermercado, porque, é advogado e o diploma não vale nada aqui, é dentista, e o diploma não vale nada aqui. Então assim, eu, primeiro, fui trabalhar, meio período só, e não trabalhava todos os dias da semana, em uma clínica de aparelhos auditivos, eu era recepcionista da clínica. Uma amiga minha que é audiologista e trabalhava nessa clínica, me indicou para a vaga. E eu ainda pense, não... "tá" ótimo... pelo menos estou em um escritório, estou sentada, não estou o dia inteiro correndo, não é? Porque, em pé, no Starbucks... é difícil... Enfim...

Trabalhou como coordenadora de eventos durante dois anos e meio em uma importadora de vinhos, e depois ingressou em uma Organização Britânica, em que exercia muitas atividades parecidas com as realizadas no Brasil, estando no mesmo nível de qualificação, gostava muito e só saiu, após um ano, para entrar no emprego que está até hoje.

Em diversos momentos da entrevista, a Daniela, mostrou a importância do *networking* para o crescimento de sua carreira, assim, no Canadá, soube por uma amiga do consulado do Rio de Janeiro da existência de uma vaga no consulado de Vancouver, resolveu concorrer, mesmo gostando muito do emprego anterior, na Organização Britânica. Foi aprovada e, desde fevereiro de 2020, trabalha no consulado britânico de Vancouver, fez treinamento em Nova York e no Texas, e, a partir de 16 de março de 2020 tem trabalhado em home office por causa da pandemia.

No cargo atual, *investment officer*, ela ajuda empresas canadenses a abrirem filial no Reino Unido, e diz que a atividade está em um nível de qualificação mais alto do que tinha no Brasil, equivalente ao nível da sua chefe no consulado britânico no Rio de Janeiro. Sobre o retorno financeiro, comparado ao do Brasil, a Daniele disse que pode ser considerado no mesmo nível e disse que o mesmo cargo tem remunerações diferentes, em países diferentes. Foi o único caso, dentro da nossa amostra, de colocação em nível superior ao que tinha no Brasil.

A nutricionista paulista Danielle iniciou sua carreira em uma empresa de cozinha industrial, atuando junto à gerência dos restaurantes, onde ficou durante quatro anos. Trabalhou durante oito anos em uma empresa multinacional que fazia auditoria em restaurantes por toda São Paulo em parceria com a Vigilância Sanitária, acompanhando a qualidade de restaurantes. Saiu para poder acompanhar um tratamento de saúde de seu segundo filho e ficou um ano e meio sem trabalhar. Entrou em uma escola particular, onde trabalhava meio-período na orientação das refeições. Ela disse que não estava satisfeita com sua profissão, achava o retorno financeiro muito baixo pela responsabilidade do cargo e que a profissão de Nutricionista não tinha o devido reconhecimento no Brasil, provavelmente pelo excesso de profissionais. Saiu da escola quando mudaram para o Canadá.

A Danielle não pretende validar seu diploma no Canadá, pois gostaria de começar uma nova carreira, uma nova profissão. Começou trabalhando como atendente em uma loja e saiu depois de um ano, por ter arrumado um emprego na área administrativa em um laboratório dental, que fazia próteses, coroas e aparelhos dentais, onde ficou por 3 anos.

Fez um curso para ser assistente de dentista, que é uma profissão regulamentada, e, depois de ser aprovada em uma prova da Ordem, tem permissão para trabalhar na área. Formou em agosto de 2020 e desde então, trabalha em um consultório, de terça a sexta e, alguns sábados. O consultório é de Peri-odontologia, fazem muitas cirurgias e pretende fazer uma especialização em sedação, para aplicar em pacientes que têm medo do tratamento. Tem autonomia para realizar alguns procedimentos, como por exemplo tirar Raio-x, e está muito satisfeita na atividade. Considera que o retorno financeiro é maior do que tinha como nutricionista no Brasil e vê possibilidades de se desenvolver mais nesta nova carreira. A Danielle expressa como está contente com o rumo que sua carreira está tomando no Canadá:

Quando eu era mais nova, quando fui entrar na faculdade, eu fiquei em dúvida, e as minhas duas opções eram Odontologia ou Nutrição, já era uma coisa que eu gostava, mas eu acabei indo para Nutrição. Estou muito feliz... assim. Eu nunca tive o reconhecimento que eu tenho hoje, no meu trabalho, até na faculdade, como eu nunca tive no Brasil.

A Heloísa, que morou em Florianópolis após o casamento, até a emigração, desenvolveu uma carreira na área educacional, tendo cursado o magistério e faculdade de Letras, Português-inglês e especialização em Psicopedagogia clínica, contando com uma experiência profissional de quase treze anos no Brasil, trabalhando com educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Mora em Vancouver e, fez um *college* que tem um programa similar à Pedagogia, sendo que cada ano de curso, especializava para trabalhar com uma determinada idade de criança. Após um ano de estudo e 500 horas de estágio não remuneradas, recebeu o certificado que a habilitava para trabalhar em educação infantil. Trabalhou como professora substituta até ser contratada por uma *day care*, uma creche para crianças que têm até cinco anos de idade. É responsável por 12 crianças que têm entre 2 e 3 anos, trabalha com uma coreana e uma japonesa na mesma sala, em uma jornada de 7 horas e meia por dia. Seu trabalho atual pode ser equiparado ao que realizava no Brasil em questões de qualificação e remuneração e disse que gosta muito da atividade.

Eu trabalhei em muitos lugares como *sub* (substituta), foi muito legal porque me deu um leque, porque, assim... nesse tempo, meu marido conseguiu emprego e fui contratada em uma *day care*, que é tipo uma educação infantil, que a criança fica até entrar na escola, no ano que faz cinco anos. No início da minha carreira eu trabalhei com educação infantil. Aqui é diferente, o que importa mais é cuidar da segurança das crianças...

O Eduardo, formado em Ciências da Computação, acumulou 26 anos de experiência na área. Ele tinha uma empresa em Florianópolis, onde era gestor e atuava em diversas funções, dependendo da demanda dos clientes. No Canadá trabalha em uma empresa desde março de 2017, ou seja, um mês e meio após chegarem ao país. É uma empresa de software de comunicações e atua como desenvolvedor ou programador de software. Ele disse que existe algumas diferenças quanto à atividade similar no Brasil, e acha que o trabalho no Canadá é mais fácil, pois o mercado no Brasil é muito criterioso, o profissional tem que estar sempre qualificado. Já no Canadá, se a pessoa desejar pode estar sempre estudando, mas é por sua conta, não por exigência do mercado e, como estão mais próximos do centro de tecnologias, as “novidades” chegam rápido, assim, já fez diversos cursos.

No momento o Eduardo faz mestrado com a intenção de dar aulas após a aposentadoria. Não pretende largar o emprego, mas tem planos de ter um

negócio próprio e já faz consultoria para algumas empresas que querem se desenvolver. Por não ser proprietário da empresa, como era no Brasil, a complexidade de seu trabalho atual é mais simples e, com relação ao retorno financeiro, ele explica que paga em torno de 30 a 35% de imposto sobre o salário, mas não tem gastos com educação para as crianças, com saúde e nem preocupação com segurança. A cidade tem muitos parques bem cuidados, em todas as regiões, permitindo lazer com baixos custos, ou seja, seu dinheiro rende mais no Canadá. A seguir ele compartilha os planos que tem para sua carreira:

Eu tenho plano de começar um negócio próprio nos próximos anos, não necessariamente eu vou largar o emprego, mas vou empreender e levar alguma coisa em paralelo e aí depois, se virar alguma coisa mais sério, eu posso ir para lá, ou, caso apareça outra coisa, ou outra empresa, porque eu também presto consultorias para empresas, para empreendedores que querem lançar negócios na área digital... eu ainda estou estudando o que fazer...

A veterinária pernambucana Rachel, atendia animais silvestres, que é um campo bem restrito e, por isso, atuou pouco na profissão, ao descobrir sua vocação como fotógrafa. Como gostava de fotografar eventos de amigos, passou a ser procurada por conhecidos e acabou atuando profissionalmente por 6 a 7 anos, até mudar para o Canadá. Se quisesse trabalhar como veterinária no Canadá, teria que estudar mais, ou trabalhar como assistente, mas não tinha interesse. Tentou trabalhar como fotógrafa em Vancouver, mas cada grupo de imigrantes escolhe profissionais de sua nacionalidade e os brasileiros não valorizam a mão de obra, concluindo que não era viável. Quando o filho menor pode estudar, trabalhou como voluntária na escola dele e depois, foi convidada a trabalhar como assistente da professora. Fez os cursos necessários, de assistente e primeiros socorros e foi contratada por outra escola como substituta por 4 meses, depois foi efetivada e ficou 1 ano e 9 meses. Apesar de gostar muito, precisou sair porque o marido foi transferido para a província de Ontário, em dezembro de 2020. Arrumou um emprego em uma escola em março de 2021.

Comparando o trabalho atual ao que exercia como fotógrafa no Brasil, a Rachel explica que precisa trabalhar 7 horas e meia por dia na escola e, como fotógrafa autônoma, seu horário era mais tranquilo. Quanto ao salário de professora, considera que no Canadá o reconhecimento é maior que no Brasil, mas não compatível pela responsabilidade da atividade e pelo preço que as escolas cobram dos pais. Acrescenta que tem necessidade de estar sempre

enriquecendo o currículo porque a concorrência no mercado de trabalho é muito grande. Apesar de tudo, está otimista e vendo possibilidades de crescer, conforme expõe na declaração a seguir:

Estava conversando ontem com meu marido... no Brasil a gente ganhava muito mais, mas quantos anos de carreira? Aqui a gente está meio que recomeçando de novo. Então, é isso, não é? A sua experiência canadense também está crescendo. Se eu não tivesse a experiência que eu tive em Vancouver, eu não tinha conseguido esse emprego (atual escola). Então, é assim.... você vai.... subindo os degraus, não é? E aí, o que acontece? Em Vancouver eu comecei como substituta... aí depois de um mês, a mulher veio e disse: você faz um trabalho bonito... e aí já ofereceu uma vaga permanente, e nisso, eu fiquei um ano e meio. Tem um reconhecimento....

A paulistana Luciana, que morava em Santana de Parnaíba até mudar para o Canadá, formada em Tecnologia e Processamento de Dados e pós-graduada em Análise de Sistema, foi muito bem-sucedida em sua carreira no Brasil, começando com um estágio em data center na antiga TVA, sendo efetivada após se formar. Fazia a programação junto com outros analistas do sistema de assinantes da TVA, até ser transferida para a DirecTV, do mesmo grupo, onde foi analista, supervisora e gerente. Após um treinamento de 3 meses em Israel, trabalhou como desenvolvedora de software em uma empresa israelense de telecomunicações e como supervisora de desenvolvimento no módulo de contas a receber, no sistema de assinantes para telefonia celular. Aceitou o convite para voltar na DirecTV para desenvolver um projeto de controle dos decodificadores digitais e foi gerente até nascer seu segundo filho, quando pediu demissão e mudou para Aldeia da Serra em Santana de Parnaíba. Deu suporte na empresa do pai na parte de sistemas e banco de dados e ajudava o marido em empresas da família e, como os negócios não iam bem, decidiram emigrar.

Em Vancouver, enquanto cursava faculdade de Ciência da Computação, a Luciana trabalhou como caixa e atendimento a clientes no mercado de alimentos Rom Foods durante 8 meses, e só saiu para buscar um emprego qualificado, que necessitava para aplicar para o visto de residência permanente. Parou de estudar durante 4 meses e para trabalhar em uma empresa como analista de negócios na área de TI, e quando precisou retornou a estudar, a empresa a manteve trabalhando por meio período. Esse cargo qualificado era mais simples do que o último que teve no Brasil, por ser uma empresa bem

menor e a responsabilidade era apenas técnica, ou seja, não tinha uma equipe que precisava mostrar resultados. Considera o benefício financeiro, comparado ao do Brasil, interessante e diz que sua área é bem valorizada, dá uma estabilidade financeira boa. Concluiu o curso em dezembro de 2019 e saiu desta empresa um pouco antes da pandemia. Trabalhou em um projeto de uma construtora, mas, como não entraram projetos novos e estava trabalhando apenas 4 horas por semana, pediu a conta em fevereiro e, em março de 2020 “estourou a pandemia”, conseguindo um novo emprego em junho, como gerente técnica de projetos em uma empresa pequena que representava a Google no oeste do Canadá e que estava desenvolvendo um software, mas, foi demitida em setembro porque foi encerrada a parceria com a Google.

Há seis meses a Luciana começou a trabalhar em uma clínica que oferece atendimentos de diversas especialidades para jovens autistas ou com outros comprometimentos mentais e emocionais. Atua no desenvolvimento do sistema que faz a gestão da clínica, da parte financeira e dos agendamentos das aulas e sessões. Diz que faz o que sempre gostou, que é codificar, dentro de sua qualificação e está satisfeita por não ser um trabalho estressante como os que teve no Brasil, em que precisava lidar com expectativas de diretores e ser responsável por uma equipe. Na narrativa a seguir ela expõe seus sentimentos sobre o emprego atual e as diferenças com o trabalho no Brasil:

Eu estou amando! Eu voltei a fazer uma coisa que eu sempre gostei, que era decodificar, porque, quando eu comecei ir para essa vertente mais gerencial, você sai um pouco, não é? Desse dia a dia. E, então eu voltei a fazer isso. Eu tinha um propósito de não ser mais gerente, embora o meu último cargo, antes deste, era de gerente, mas eu não queria mais aquele estresse... você ficar lidando com expectativa de diretores, de pessoas que não pensam mesmo como você... isso me consumia muito...

No Brasil, meu último cargo foi como gerente de desenvolvimento e era uma multinacional... a responsabilidade que eu tinha era infinitamente maior (comparando com o emprego no Canadá), além de eu ser responsável por um time, eu também era responsável por resultados da empresa, porque a área de TI é uma prestadora de serviços para a empresa inteira... toda semana eu tinha que prestar contas para o diretor da empresa...

A advogada Ariadne trabalhou por dez anos em Indaiatuba e disse que estava um pouco desmotivada com a profissão e pensando em fazer outra coisa, até que veio a mudança para o Canadá e não quis investir em trabalhar na área. Como só mudaram após conseguirem o visto de residente permanente, ela não

tinha obrigação de estudar ou trabalhar para pontuar, então, no início, chegou a fazer faxina em casa de brasileiras até melhorar o inglês e ser aprovada em um concurso no consulado brasileiro em Vancouver, onde trabalhou como agente consular e ficou responsável pelo setor de passaporte. A experiência como advogada ajudou nesta atividade, mas a vaga exigia menos responsabilidade, pois fazia os processos e encaminhava para um superior assinar. Em termos financeiros, equiparava com o que recebia como autônoma no Brasil, pois suas retiradas eram instáveis. Gostava muito da atividade, mas precisou sair porque mudaram para a região de Ontário, porque o marido foi trabalhar lá. Seguem as impressões sobre suas atividades no consulado:

A vaga era de agente consular... no começo eu fazia os passaportes, emitia passaportes, depois eu fiquei responsável por todo o setor notarial do consulado... emissão de procurações, certidão de nascimento, certidão de casamento.... minha experiência e conhecimentos como advogada ajudaram muitíssimo. A rotina era menor... eu era agente, mas eu dependia de um superior para assinar, que eram os concursados de Brasília que assinavam. Eu só fazia os processos... Se eu quisesse regulamentar a profissão, teria que fazer um mestrado e o nível de inglês tem que ser altíssimo, é caro, e sinceramente, eu não tenho mais vontade de advogar.... eu amei trabalhar no consulado... amei. Fiquei quase dois anos. Foi uma tristeza sair. Me dei muito bem com minha chefe, com o embaixador...trabalhava com brasileiros.

A Ariadne pesquisou, mas, como não tinha vaga aberta no consulado de Toronto, arrumou um emprego de analista financeira em uma empresa americana e ia começar no dia 17 de março de 2021. Ela soube da vaga por uma brasileira que trabalha lá e explicou que o trabalho envolverá muito números, será bem diferente do que estava acostumada e, por conta da pandemia, irá começar trabalhando de sua casa. Ela explicou que no Canadá a diferença de salário do gerente com os subordinados não é tão grande como no Brasil e que os salários costumam ser razoáveis, todos conseguem viver adequadamente com eles e está gostando de ter salário fixo, pois, como advogada autônoma no Brasil, suas retiradas eram bem instáveis.

A paulistana Fernanda, formada em Relações Internacionais e mestre em Ciências Sociais, construiu uma sólida carreira no Brasil com exportações e logística, em que precisava identificar e prospectar empresas francesas na área aeroespacial, ferroviária, logística e construção no mercado brasileiro.

A Fernanda mudou para o Canadá contratada por uma empresa de Montreal, na mesma área de atuação, tendo liderado uma equipe de 30 funcionários, entrevistava candidatos e participava de todo o processo seletivo, onde ficou durante um ano e quatro meses. Trabalhou oito meses em uma empresa onde realizava diversas atividades relacionadas com desenvolvimento de negócios e captação de clientes, gestão de equipe de consultores, gerenciamento e estruturação de recursos humanos. Trabalha desde novembro de 2019 em uma Ong que acolhe e integra imigrantes, participa do processo de acolhida, orientação, processo de visto permanente, interação econômica, social e profissional. O cargo está dentro de sua qualificação, porém, ainda não é o que considera “ideal”, pois acha que não recebe o mesmo que um canadense receberia na mesma função, acha que mais por ignorância dos canadenses de não reconhecer os valores dos imigrantes. Está desenvolvendo um trabalho autônomo de consultoria para pessoas que desejam imigrar no Canadá, e desenvolveu uma página no Instagram direcionada para brasileiros. A seguir ela compartilha um pouco de seu momento profissional:

O trabalho na Ong está totalmente compatível (com sua qualificação), eu trabalho na minha área, eu adoro o meu trabalho, agora, em termos financeiros, eu não estou feliz, infelizmente, apesar de ser no Canadá, isso pega, porque eu tenho uma qualificação, eu tenho um valor e merecia ganhar mais. Estou começando fazer um trabalho de consultoria de imigração... assim que sair meu visto de residência permanente, que está para sair, eu vou fazer um treinamento que dura um ano e vou fazer a prova, aí poderei atuar e melhorar o retorno financeiro.

A administradora de empresas carioca Erica iniciou a carreira no Rio de Janeiro assim que terminou a faculdade, sendo aprovada em três programas de *trainee*, mas escolheu a Brahma por ser em São Paulo, onde acreditava que desenvolveria melhor sua carreira. Fez MBA em Marketing pela ESPM. Ficou 4 anos na Brahma que se transformou em Ambev, e disse que teve uma carreira cometa, de *trainee*, analista de marketing, gerente de produto cuidando de uma marca de cerveja e gerente de marketing do Brasil todo, para trabalhar ponto de venda. Saiu em um programa de demissão voluntária por estar namorando um funcionário da empresa e foi contratada pela empresa argentina Arcor, ficou 2 anos como gerente de marketing de chocolate. Em 2004 entrou em uma agência de publicidade, onde foi gerente de planejamento e, como gerente de

atendimento cuidava da conta da TAM na época do acidente¹⁶ e foi promovida a diretora de conta em reconhecimento à sua atuação nesta crise, passando a ser responsável por outras contas. Saiu em 2008 para acompanhar o marido que foi transferido para Londres, onde morou por um ano e nove meses, teve o primeiro filho, e não conseguiu em emprego por causa da crise em que a Europa passava.

Erica relatou que foi difícil recuperar sua carreira quando voltou ao Brasil, e precisou dar um passo atrás, assumindo cargos de diretoria em empresas menores, com retorno financeiro menor. Atuou como *free lancer* e em 2012 entrou como diretora de negócios do Banco de Eventos do empresário José Victor Oliva e foi diretora de duas agências do conglomerado, uma de negócios e outra de marketing. Saiu para entrar em uma agência de publicidade, FCB que atendia a Nívea, Sky, entre outras empresas. A agência era bem maior, mas o cargo inicial foi um pouco abaixo dos anteriores, sendo gerente de novos negócios durante 3 anos até ser promovida, em 2017 a diretora de atendimento, recuperando o nível de cargo que tinha em 2008, antes da mudança para a Inglaterra. Após uma semana estando no novo cargo, o marido da Erica fez a proposta de mudança para o Canadá, mas relutou em princípio e depois decidiu enfrentar o desafio.

Com visto de estudante, durante dois anos fez um mestrado de *Global Leadership* (liderança global) e, enquanto estudava, trabalhou servindo café em uma padaria durante um ano e meio. Fez 4 meses de um estágio, selecionada por intermédio da faculdade, em uma agência de design sendo efetivada após se formar, em 1º de junho de 2020 e continuava trabalhando até o momento da realização da entrevista. Trabalha como gerente de projetos, foi contratada durante a pandemia, e atua na linha de frente, diretamente com os clientes e acha que teve reconhecimento da proprietária em confiar no seu trabalho, mas acha o ambiente tóxico, tem muito volume de trabalho, e sente a barreira da língua, mesmo sendo tão fluente, pensa rápido demais e não consegue falar na mesma velocidade. O salário é considerado inicial para o Canadá, desempenha

¹⁶ Um trágico acidente envolvendo um avião da TAM, o Airbus A320 que chegava de Porto Alegre no voo 3054 não conseguiu frear na pista, tentou arremeter e colidiu com o prédio da TAM Express. Morreram na tragédia 199 pessoas --187 a bordo e 12 no solo. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/10/31/apos-20-anos-do-acidente-da-tam-congonhas-e-um-aeroporto-seguro.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em 22 maio 2021.

as funções que fazia nos trabalhos no Brasil, porém, como a empresa é bem menor, não tem o mesmo nível de responsabilidade e de relevância e ganha menos do que ganhava no Brasil. Explica que Vancouver é uma cidade parecida com Florianópolis, mas com empresas locais, pequenas e médias, bem diferente de São Paulo e que as maiores empresas ficam em Toronto. A seguir ela explica por que, mesmo não estando totalmente satisfeita com o trabalho atual, como decidiram permanecer no país, precisa estar empregada:

Eu preciso estar empregada nesta empresa para eu conseguir o meu processo imigratório [...] demos entrada no processo de residência permanente. Eu preciso ter um emprego qualificado, e esse meu emprego é qualificado segundo o governo canadense. Já foi aprovado pelo Federal, estamos aguardando chegar a carteirinha. [...] Para alguns empregos, eles só aceitam se você tiver a residência permanente. [...] se você tem o visto de permissão de trabalho, ele tem uma data de expirar, por exemplo, ele vai expirar daqui a dois anos, daqui a um ano e 11 meses [...] a sua estadia aqui não é garantida. Com a residência permanente é mais fácil de você arrumar empregos mais qualificados, porque a empresa apostando que você vai ficar no país

A Erica acredita que a felicidade de trabalho no Brasil era associada a cargo, status, salário e quando você muda para um país onde ninguém te conhece, isso fica secundário, assim, sente-se feliz por não ter tanta responsabilidade no trabalho como tinha no Brasil e explica que criou uma personalidade mais subordinada. Só acha maçante trabalhar fechada das 9 às 5 da tarde, em frente a um computador, mas acha válido até conseguir o visto de residente permanente, para procurar alternativas.

A fisioterapeuta gaúcha Carla, especialista em traumatologia e ortopedia e mestre em bioquímica toxicológica com ênfase em dor, realizava atendimentos clínicos até começar a carreira como professora universitária, em que além de aulas, fazia atendimentos clínicos através de estágios supervisionados com os alunos, acumulando onze anos de experiência, e só saiu para emigrar para o Canadá.

Carla imigrou com visto de trabalho, fez um curso de francês durante 4 meses para se preparar ao mercado de trabalho e disse que encontrou dificuldades ao tentar uma vaga de atendente de farmácia, por ter muitas qualificações, porém, não tinha condições de atuar como professora e nem como fisioterapeuta por causa das regulamentações e pelo idioma insuficiente. Usando

os conhecimentos de fisioterapia, começou a fazer massagens em algumas amigas brasileiras. Como os seguros de saúde canadenses reembolsam esse tipo de atendimento, fez um curso de 400 horas e, desde o início de 2019, se associou na Ordem dos Massoterapeutas e começou a trabalhar regularizada como massoterapeuta que utiliza técnicas equivalentes às da fisioterapia. Fez também um curso de *Personal Trainer* para atuar como instrutora de Pilates, que já era habilitada no Brasil, assim, dá aulas online e realiza atendimentos individualizados nas residências das clientes, tanto de massagem quanto de Pilates. Atende duas vezes por semana em uma clínica de neurologia, e nos outros dias, faz muito atendimento domiciliar, que é uma modalidade que não tinha no Canadá, e as pessoas gostaram muito por causa das restrições da pandemia. Disse que 80% de seus clientes são brasileiros, que a comunidade é muito próxima e as pessoas gostam de falar português e poder “dar um tempo na cabeça, sem ter que pensar o tempo todo sobre o que precisa falar”.

Neste momento a Carla relatou que está realizada profissionalmente, pois faz coisas muito parecidas com as que fazia no Brasil, usando seus conhecimentos, embora um pouco abaixo da qualificação que possui. Ela pretende validar seu diploma de Fisioterapia assim que tiver o visto de residente permanente, pois o curso exige visto de estudo e, seu visto é de trabalho.

Então, aqui eu trabalho com Pilates, Personal e Massoterapia. A validação do diploma (Fisioterapia) é um pouco demorada, um pouco sistemático, mas, como o meu marido veio com esse visto de estudante e eu com visto de trabalho, a gente começou a aplicar para residência, eu não posso mudar de *status* nesse momento e, para eu poder estudar para fisioterapia, eu teria que ter um visto de estudo e o meu *status* aqui é visto de trabalho. Então eu tenho que esperar minha residência primeiro, para que daí eu possa começar o meu processo de validação da fisioterapia, que é o que eu pretendo fazer.

Diante dos relatos dos entrevistados, pudemos conferir que a grande maioria encontrou dificuldades para conseguir empregos compatíveis com suas qualificações profissionais, principalmente no início da carreira no Canadá. Antes de conseguir empregos qualificados eles tinham que executar funções não qualificadas, pois estas forneciam experiências e referências para poderem concorrer em cargos mais qualificados e para trocarem o tipo de visto, como o de trabalho para residente permanente. Muitos entrevistados demonstraram que tinham consciência que isso fazia parte da condição de imigrantes, outros ficaram desapontados por terem que se submeter a empregos sem

qualificações, outros foram recusados em cargos simples porque eram considerados qualificados demais. O idioma, mesmo para aqueles que se consideravam fluentes, também foi apontado como um dificultador para conseguir trabalhos melhores.

Algumas pessoas conseguiram desenvolver novas carreiras ou mesmo, dentro da própria área de formação, exercer atividades diferentes das que estavam acostumados, e a maioria se mostrou satisfeita com as funções que exercem, pela oportunidade de desenvolver uma nova carreira, até mesmo de empreender em um novo negócio, como o caso da Marcélia, por exemplo.

Na Tabela 6 e no Gráfico 7 podemos visualizar esses dados e ter um panorama geral das atividades profissionais que nossa amostra está desenvolvendo no Canadá, se estão dentro da área de sua formação acadêmica, em uma posição equivalente à sua qualificação profissional, abaixo ou acima, em termos de complexidade e responsabilidade que costumavam exercer no Brasil. Também podemos ver aqueles que estão atuando em áreas diferentes de suas formações acadêmicas, em posições abaixo ou equivalente das qualificações profissionais deles.

Conforme a Tabela 6 nos mostra, temos seis entrevistados que declararam estar atuando dentro de sua área de qualificação, mas em posição abaixo, em termos de complexidade e responsabilidade, da que exerciam no Brasil, o que representa 40% do total. Cinco pessoas disseram atuar em área diferente da sua formação e abaixo de suas qualificações profissionais, ou seja, 33,33% da nossa amostra. A Fernanda e a Heloísa declararam trabalhar dentro de sua qualificação, em posições que consideram equiparadas às que tinham no Brasil, sendo 13,33% dos profissionais entrevistados.

Tabela 6 – Trabalho dos entrevistados no Canadá, em relação à sua qualificação profissional

Nome	Na área, Abaixo	Na área, Equivalente	Na área, Acima	Área diferente, Abaixo	Área diferente, Equivalente
Claudio	X				
Paula					X
Sílvia				X	
Marcelia				X	
Daniele			X		
João	X				
Danielle				X	
Heloísa		X			
Eduardo	X				
Rachel				X	
Luciana	X				
Ariadne				X	
Carla	X				
Fernanda		X			
Erica	X				
Total	6	2	1	5	1

Fonte: elaborado pela pesquisadora, a partir de dados relatados nas entrevistas.

Uma entrevistada, a Paula, que representa 6,66% da amostra, atua em uma área diferente de sua formação, mas desenvolveu uma carreira que considera estar em um nível equivalente ao que possuía no Brasil e está estudando para se qualificar na atividade que é voltada mais para a área social.

Apenas a Daniele que trabalha no consulado britânico em Vancouver, declarou estar em uma posição acima da que tinha no Brasil, que equivale à exercida por sua chefe no último emprego brasileiro, mas explica que o retorno financeiro do seu cargo varia de acordo com o país que é exercido, dando como exemplo, uma pessoa que faça o que faz hoje, mas nos Estados Unidos, ganha mais que ela.

O caso da Daniele é bastante raro, ela desenvolveu uma carreira internacional no Brasil e, durante sua entrevista, sempre ressaltou a importância do *networking*, ou seja, de desenvolver bons relacionamentos nos empregos que teve, pois sempre a ajudaram a saber de colocações interessantes no mercado de trabalho.

A partir da Tabela 5, elaboramos o Gráfico 7 para facilitar a visualização das atividades exercidas no Canadá pelos participantes da nossa pesquisa e como estão posicionados em relação ao grau de qualificação que já tinham

desenvolvido em suas carreiras no Brasil. Podemos perceber que a grande maioria deles, no momento da realização das entrevistas, trabalhavam em atividades abaixo das suas qualificações, ou seja, 73% do total.

Por outro lado, os dados revelam que nove pesquisados relataram estarem trabalhando dentro de sua área de formação, considerando todos, ou seja, os que estão abaixo, equivalente ou acima da qualificação, e que representam 60% do total. Seis entrevistados, 40% do total, estão trabalhando fora de sua área, mas relataram que já estavam descontentes com suas profissões, ainda quando estavam no Brasil e não demonstraram interesse em tentar validar seus diplomas nem futuramente.

Gráfico 7 – Trabalho dos entrevistados no Canadá, em relação à sua qualificação profissional



Fonte: elaborado pela pesquisadora, a partir de dados levantados nas entrevistas.

3.6 Dificuldades e barreiras relatadas pelos entrevistados

As maiores dificuldades e barreiras apontadas por nossos entrevistados, sem dúvida, estão relacionadas ao idioma, tanto aqueles que vivem no lado anglófono quanto no lado francófono. Muitos já emigraram com fluência no idioma, mas, mesmo assim, dizem que sentem dificuldades para se expressarem

na velocidade com que pensam, ou da maneira que realmente gostariam de ser compreendidos. Um caso bastante ilustrativo é o da Erica que revelou sobre a dificuldade que enfrenta na agência de design em que é gerente de projetos, onde só trabalham canadenses e ela negocia diretamente com os clientes:

Porque é assim, Ana... para trabalhar, até hoje eu peno... peno no inglês, porque é assim: eu entendo quase tudo, eu entendo 90%, só que às vezes é assim, tipo, os 10% que eu perdi era fundamental, entendeu?

Outro fator citado foi que os imigrantes das inúmeras nacionalidades que vivem no Canadá carregam sotaques que dificultam a compreensão da língua. E aqueles que não eram fluentes, precisaram estudar mais e ficar mais tempo em trabalhos menos qualificados até melhorar a prática. O idioma foi apontado tanto para as atividades do dia a dia, quanto às profissionais e nove pessoas indicaram como uma dificuldade encontrada, representando 60% do total da amostra, lembrando que alguns apontaram mais de uma dificuldade.

A Carla precisou aprender o francês antes de procurar empregos em Montreal e atualmente faz atendimento domiciliar de Pilates e massagens, sendo que a maioria de seus clientes são brasileiros, que costumam narrar a satisfação de poderem ter um tempo para conversar em português:

As pessoas gostam, porque elas dizem assim, olha: ai, como é bom dar um tempo na cabeça e rir em português, que é diferente, sabe? A nossa cabeça não fica o tempo todo pensando nas traduções que a gente precisa saber.

Logo a seguir, a dificuldade em conseguir uma colocação profissional compatível com suas qualificações, ou para validar seus diplomas, ou mesmo a exigência que alguns empregadores colocam de ter experiência em empresas canadenses, foram relatados por quatro entrevistados, 26% do total dos entrevistados. A Luciana que tinha visto de estudante e permissão para trabalhar apenas 20 horas semanais, explica que essa condição limita as opções para trabalhar em sua área e, ao mesmo tempo, precisa ir acumulando experiência em empresas canadenses para conseguir um trabalho qualificado no futuro:

Eu só podia trabalhar 20 horas semanais, eu trabalhei sim... porque aqui no Canadá é importante, o empregador gosta muito... claro que a experiência no Brasil é válida, mas ele dá muito mais importância para quem tem experiência em empresas aqui no Canadá, porque é mais fácil para a pessoa se adaptar.... enfim, eu comecei trabalhando ... 20 horas semanais na área de TI é muito difícil conseguir. Então eu fui trabalhar de caixa em um supermercado.

A dificuldade em fazer amigos, principalmente com canadenses, foram apontados por duas pessoas, sendo 13,33%, mas a grande maioria disse que os amigos são da comunidade brasileira, que têm hábitos parecidos, principalmente sociais, de gostar de reuniões, de se visitarem ou fazerem programas juntos. Nenhum entrevistado disse que foi discriminado por ser imigrante, ressaltam que o Canadá é muito aberto aos imigrantes e os recebem muito bem, porém, o fato de não terem amigos canadenses, eles atribuem à cultura, que são mais introvertido e menos sociais que os brasileiros. A Fernanda relatou a dificuldade enfrentada por não ter amigos e ser difícil de fazer amizades no Canadá, mesmo com quem trabalha junto:

Eu tinha acabado de chegar aqui e só conhecia meu namorado, então, é bem difícil, a empresa em que eu trabalhava era pequena, as pessoas são bem fechadas, é difícil fazer amizades, eles não tem o hábito de tomar cafezinho...

Sobre o clima, uma pessoa, a Fernanda, que vive em Montreal, onde o inverno é mais rígido, apontou que incomoda um pouco, e, a maioria que mora em Vancouver, escolhe essa cidade para morar por ter um clima um pouco mais próximo ao brasileiro, como foi o caso da Erica ao responder porque escolheu Vancouver para morar:

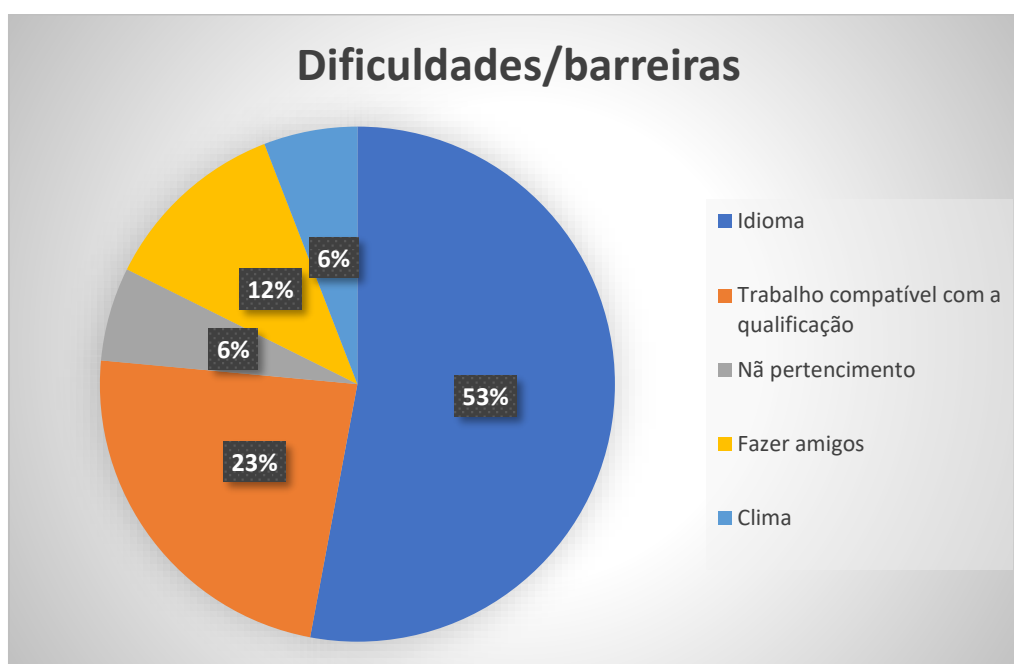
Porque tem o melhor clima do Canadá... (risos).. de não ser aquele frio congelante de menos 40 graus. Tipo assim, o frio mais frio que eu peguei aqui foi menos 2, entendeu? É administrável....

Apenas uma pessoa, a Ariadne reclamou de um sentimento de não pertencimento, que reconhece os benefícios de morar no Canadá, mas, se pudesse, voltaria ao Brasil, porém, o marido e a filha estão muito adaptados e ela se esforça para superar esse sentimento. Ela aquecida que o fato de ser de uma cidade pequena, estava acostumada em andar pelas ruas e encontrar pessoas conhecidas, conversar com todos, o que não encontra onde mora. Seu depoimento é impactante sobre esse sentimento em relação a morar no Canadá:

Nesses quatro anos da gente aqui, eu não me sinto pertencente aqui, eu não consigo falar que aqui é a minha casa, entende, para mim, não dá.

O Gráfico 8 apresenta a distribuição das dificuldades e barreiras apontadas por nossos entrevistados, desde o momento em que chegaram no Canadá, até os dias atuais.

Gráfico 8 – Dificuldades e barreiras enfrentadas



Fonte: elaborado pela pesquisadora, a partir dos dados levantados nas entrevistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pellegrino (2001), entre outros autores, apontou que países receptores de imigrantes direcionam suas políticas migratórias à contratação de profissionais altamente qualificados, selecionando de acordo com o perfil educacional e profissional que atendem às suas demandas. A autora atribui a carência de formação de profissionais, uma das consequências do envelhecimento da população nesses países, é responsável pelo não atendimento da demanda dos setores altamente especializados, que buscam nos imigrantes qualificados o preenchimento desta lacuna. Essa dissertação nos mostrou que o Canadá se enquadra neste contexto e tem se valido de estratégias para atração de imigrantes qualificados, com divulgações nos países de origem deles, inclusive no Brasil, como alguns de nossos entrevistados relataram terem conseguido as primeiras informações sobre as condições para a emigração.

Desta maneira, essa dissertação buscou ampliar a compreensão do fenômeno migratório, em especial, da migração qualificada, através de um levantamento bibliográfico e de um trabalho de campo que analisou a trajetória de 15 emigrantes brasileiros qualificados no Canadá. Através de entrevistas foram discutidas a importância do contexto migratório na inserção no mercado de trabalho destes indivíduos, nas oportunidades de atuação dentro ou fora da área de formação, se foram relatadas experiências de rebaixamento profissional e como elas impactaram a vida deles, fatores que são frequentemente relatados na literatura.

Os relatos obtidos nas entrevistas nos permitiram traçar o perfil dos participantes com critérios de idade, sexo, formação escolar, estado civil, além de analisar a trajetória profissional desenvolvida no Brasil enquanto profissionais qualificados, conhecer os procedimentos realizados para atender às exigências da política migratória e os caminhos percorridos no país para a inserção no mercado de trabalho, bem como, as dificuldades e benefícios encontrados e suas apreciações sobre as condições em que vivem e sobre os planos futuros, cumprindo os objetivos propostos na introdução desta dissertação.

A maioria de nossos entrevistados era composta por mulheres (80%), assim como a maioria (86%) era casada e 93% tinham filhos. A faixa etária

predominante encontra-se entre 35 e 47 anos, com 87% do total entrevistados. A grande maioria (60%) é proveniente de capitais estaduais e 66% já tinha realizado migrações internas para atender às necessidades de crescimento profissional. Os entrevistados possuem excelente nível educacional, uma vez que 73% relataram terem cursado algum tipo de curso de pós-graduação.

A mudança para o Canadá realizada por nossos entrevistados ocorreu entre os anos de 2008 e 2018, sendo 73% entre 2015 e 2018. Do total de nossa amostra, 86% emigraram junto com a família e 66% utilizaram a estratégia de um membro do casal ir estudando para obter um visto de estudante, o que autoriza o outro a ter um visto de trabalho, além de permitir que os filhos acima de cinco anos de idade estudem em escola pública. Quem estudava poderia trabalhar até 20 horas semanais e, o outro, 48 horas, dessa maneira, iam acumulando pontos para conseguirem o visto de residente permanente, o último antes da cidadania.

Pudemos conferir que, entre os motivos apontados como tendo influenciado na decisão de emigrar, destacaram-se o desejo de viver e trabalhar em outro país (60%), a instabilidade econômica e política do Brasil (53%), a falta de segurança (47%) e o desejo de conquistar uma melhor qualidade de vida (27%). Quanto ao significado do termo qualidade de vida, descreveram como sendo a possibilidade de trabalhar menos e ter mais horas com a família, ter mais tempo para lazer a um custo mais baixo do que tinham no Brasil, de poder oferecer melhores oportunidades para os filhos e que eles possam andar nas ruas sem o medo constante de serem assaltados, entre outros fatores. Esses dados ajudam-nos a compreender o peso que as questões vividas no Brasil, como instabilidades econômicas e políticas, e falta de segurança, são cruciais para expulsar a mão-de-obra qualificada.

Os nossos entrevistados relataram muitas dificuldades e barreiras que precisaram enfrentar no Canadá, sendo que a grande maioria, ou seja, 60% do total, citou o idioma, mesmo por aqueles que já eram fluentes. A dificuldade de se expressar adequadamente no idioma foi um fator considerado determinante que limitou as possibilidades de conseguirem um emprego qualificado, além de impossibilitar a expressão dos seus sentimentos e pensamentos e para

compreender a língua falada por uma diversidade de nacionalidades diferentes que vivem no país, cada qual carregando seus sotaques em suas falas.

A dificuldade de conseguir uma colocação profissional compatível com suas qualificações foi mencionada por 26% dos entrevistados e se relaciona diretamente com o foco principal desta dissertação. Alguns revelaram já terem consciência desta dificuldade e já mudaram com a intenção de construir uma nova carreira, mas outros se mostraram desapontados e relataram que a limitação de poder trabalhar apenas 20 horas semanais para quem tem o visto de estudante, é a que mais pesa. Em outros casos, é a falta de experiência em empresas canadenses que levam a aceitarem empregos sem qualificações até conseguirem referências para outros melhores. A validação do diploma e cursos exigidos para regulamentar a atuação dentro da qualificação do profissional, entram nesta categoria, pois os custos, segundo relataram, são muito altos.

O desejo de viver no país muniu alguns entrevistados de forças para superar as dificuldades de atuar na própria profissão, a investirem em uma carreira diferente da construída no país de origem e a descobrirem uma nova vocação, possibilidade considerada rara de ser realizada no Brasil, a partir dos quarenta anos. A nossa amostra comprovou a afirmação de Cavalcanti (2015) segundo a qual, a incorporação laboral dos imigrantes qualificados nos países que têm tradição em ser receptores, ocorre frequentemente em posições inferiores ao seu grau de especialização, à sua formação acadêmica e à experiência profissional, tendo rebaixado não apenas seu *status* laboral, como também, o social, comparando com o que ocupava no país de origem.

Os relatos obtidos nas entrevistas nos remeteram às palavras de Sayad (2001) sobre os imigrantes, que, mesmo possuindo formação técnica, são considerados socialmente como profissionais sem qualificação, pois, para o país receptor, suas existências começam no dia em que pisam em suas terras, não sendo reconhecidas a bagagem cultural e experiência profissional trazidas do país de origem. Ao justificar que iniciaram suas buscas por empregos não qualificados, muitos participantes da pesquisa relataram que as qualificações e experiências conquistadas no Brasil não eram consideradas, principalmente para os primeiros empregos no Canadá, fazendo com que eles comessem do

“zero”, precisando provar seus talentos novamente, assim como fizeram no início de suas carreiras no Brasil.

Assim sendo, essa dissertação comprovou a hipótese que norteou essa pesquisa, ou seja, que os emigrantes brasileiros qualificados no Canadá encontram dificuldades para se colocarem profissionalmente em um trabalho compatível com sua qualificação. Os resultados levantados nas entrevistas apontaram que 73% do total dos entrevistados realiza trabalhos que se encontram abaixo de suas qualificações profissionais. Daqueles que conseguiram atuar dentro de sua área de formação acadêmica, apenas uma entrevistada conseguiu uma posição superior à que exercia no Brasil, uma conquista atingida após cinco anos de trabalho em empresas canadenses. Duas pessoas declararam trabalhar em atividades equivalentes à sua qualificação, ou seja, 13% da nossa amostra.

Um número considerável de profissionais, 40%, estava atuando em áreas diferentes de sua formação no momento da realização da entrevista, sendo 33% abaixo da posição que assumiam no Brasil e apenas uma pessoa (6,67%) considera a atual posição equivalente à brasileira, embora em área diferente.

Foi possível igualmente comprovar a hipótese que os profissionais qualificados, antes de decidirem morar no exterior, costumam realizar migrações internas em seu próprio país, em busca de oportunidades não ofertadas em suas cidades, assim como já tinham viajado para outros países, o que se revelou como fundamental para despertar o desejo de se estabelecer e trabalhar em um país que lhes ofereçam maiores oportunidades profissionais e de qualidade de vida.

No entanto, apesar das dificuldades narradas, esses brasileiros encontraram no Canadá melhores condições de qualidade de vida e de retorno financeiro do que tinham no Brasil, confirmando outra hipótese levantada por essa pesquisa. As insatisfações mencionadas pelos entrevistados sobre as situações no Brasil, apesar de, em muitos casos, estarem bem empregados, empurraram esses brasileiros para o Canadá, onde encontraram outros motivos para lá permanecerem. A instabilidade econômica do Brasil e a violência urbana pesaram muito na decisão de partir e na decisão de ficar no Canadá. O

conhecimento de outros fatores que geram qualidade de vida, como educação gratuita para os filhos, saúde pública, oportunidade de trabalhar menos e poder ficar mais perto da família, de ter uma vida mais simples, podem ser apontados como os principais fatores que retêm os emigrantes brasileiros qualificados no Canadá.

Um dos limites encontrados para a realização desta dissertação foi a carência de dados sobre a comunidade brasileira no Canadá, sobre os fluxos no decorrer dos anos, necessitando nos amparar nas estatísticas do governo canadense sobre a concessão de visto de residente permanente que ocorre, na maioria das vezes, depois de alguns anos vivendo em terras canadenses, apesar de ser uma importante medida da intenção destes indivíduos em permanecer no país.

Como sugestão para investigações futuras, penso que a realização de uma ampla pesquisa quantitativa, que abrangesse um número expressivo de emigrantes brasileiros qualificados no Canadá forneceria dados mais precisos sobre este fluxo migratório, além de aumentar a compreensão de questões brasileiras que geram a expulsão de mão-de-obra qualificada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. M. R.; BAENINGER, R. Modalidades migratórias internacionais: da diversidade dos fluxos às novas exigências conceituais. **Coleção Por dentro do Estado de São Paulo**, v. 9, 2013. p. 23-34.
- AZEVEDO, E. M. S. Os imigrantes e as ressignificações identitárias: ambivalência da brasilidade. **Ponto e Vírgula**. N. 20, seg. sem. 2016, p. 06-22.
- AYDOS, M. R. **Migração forçada**: uma abordagem conceitual a partir da imigração de angolanos para os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, Brasil (1970-2006). 2010. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2010.
- BAENINGER, R. Notas acerca das migrações internacionais no século 21. *In*: BAENINGER, R. (org.). **Por dentro do Estado de São Paulo**. v. 9, Migração internacional. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2013. p. 9-22.
- BAENINGER, R.; BÓGUS, L. M. M. Emigração brasileira no Mercosul. *In*: BAENINGER, R.; BÓGUS, L. M. M. **A nova face da emigração internacional no Brasil**. São Paulo: EDUC, 2018, p. 109-127.
- BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BIZZO, F. **A política multicultural de imigração no Quebec: os desafios de integração e de identidade**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.
- BÓGUS, L. M. M.; FABIANO, M. L. A. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. **Ponto e Vírgula**, PUC-SP, n. 18, p. 126-145, 2015.
- CAMPOS, M. B. Estimativas de migração internacional no Brasil: os velhos e os novos desafios. *In*: OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R. (Orgs.) **Reflexos sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011, p. 71-83.
- CAVALCANTI, L. Imigração e mercado de trabalho no Brasil: características e tendências. *In*: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; TONHATI, T. (Orgs.) A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. **Cadernos OBMigra, Ed. Especial**, Brasília, 2015, p. 35-47.
- COENTRO, L. U. **Políticas públicas e gestão das migrações internacionais no Brasil: uma reflexão sobre os migrantes qualificados**. 2011. Dissertação

(Mestrado em Administração Pública e Governo) – Escola de Administração de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2011.

DOMENICONI, J.O.S; BAENINGER, R. A dinâmica da migração internacional qualificada para o Estado de São Paulo no século XXI: os espaços da migração dos “trabalhadores do conhecimento”. **Cadernos Metr  pole**, vol. 19, n. 40, p. 749-775, set./dez. 2017.

DOMENICONI, J.; BAENINGER, R. A imigração qualificada venezuelana do século XXI: um estudo a partir dos espaços da migração de trabalhadores do conhecimento da Venezuela no Brasil. *In*: BAENINGER, R.; SILVA, J. C. J. (coos.). **Migrações Venezuelanas**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2018. p. 333-346.

FRAGA, M. V. **O Canadá na rota das migrações internacionais: brasileiros em Quebec**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

FRAGA, M. V. Política de imigração do Canadá: diversificação étnica e integração econ  mica. *In*: BAENINGER, R.; BÓGUS, L. M. M. **A nova face da emigração internacional no Brasil**. São Paulo: EDUC, 2018, p. 179-203.

FRAGA, M. V.; BÓGUS, L. M. M. A política de imigração de Quebec e a atração de trabalhadores qualificados. *In*: VIII **Congresso Português de Sociologia**: 40 anos de democracia(s): progressos, contradições e perspectivas,   vora, 2014.

GAGNON, A.G; IACOVINO, R. Canadian Federalism and Multinational Democracy: ‘Pressures’ from Quebec on the Federation. *In*: BAKVIS, H.; SKOGSTAD, G. (Eds.). **Canadian Federalism: Performance, Effectiveness and Legitimacy**. Toronto: Oxford University Press, 2007, p. 334-353.

GIDDENS, A.; SUTTON, P.W. **Conceitos essenciais da sociologia**. Trad. Claudia Freire. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. Ed. – São Paulo: Atlas, 2019.

GOZA, F. Brazilian Immigration to Ontario. **International Migration**, v. 37, n. 4, p. 765-789, dez. 1999.

GUEDES, A. L.; ACCIOLY, T. A.; DUARTE, P. C.; SANCHES, D.; CALIL, L.; RUEDIGER, T.; OLIVEIRA, W. Migrações internacionais: impactos dos novos fluxos migratórios no Brasil em perspectiva multidisciplinar. *In*: 42   Encontro Anual da ANPOCS, 2018.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KÖU, A.; WISSEN, L.; DIJK, J. & BAILEY, A. A Life Course Approach to High-skilled Migration: Lived Experiences of Indians in the Netherlands. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 41, p. 1644-1663, 2015.

LEVEL, B. P. L.; SILVA, J. C. J.; MAGALHÃES, L. F. A. Migração, trabalho e Estado: três aspectos da contemporaneidade do pensamento de Sayad. *In*: DIAS, G.; BÓGUS, L. M. M.; PEREIRA, J. C. A.; BAPTISTA, D. (orgs.). **A contemporaneidade do pensamento de Abdelmaleck Sayad**. São Paulo: EDUC, 2020. p. 115-132.

LÓPEZ-CIFUENTES, J. Os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e sua relevância para migrantes e refugiados. *In*: **Caderno de Debates Refúgio, Migração e Cidadania**. v. 3, n.3, nov. 2008. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos. Anual – ISSN 1984-2014.

MARGOLIS, M. L. **Goodbye Brazil: emigrantes brasileiros no mundo**. Tradução: Aurora M. S. Neiva. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTINE, G. A globalização inacabada - migrações internacionais e pobreza no século 21. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n.3, 2005.

MOMO, G. A. C. **Estrangeiros qualificados: a nova face da imigração no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

PATARRA, N. L. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo – volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 3, p. 23-33, 2005.

PATARRA, N. L.; BAENINGER, R. **Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil**. Montevideo: Programa de Población. Faculdade de Ciencia Sociales de Universidade de La Republica, Ediciones Trilee, p.78-87, 1995.

PATARRA, N. L.; FERNANDES, D. Brasil: país de imigração? **Revista Internacional em Língua Portuguesa**. v.3, n. 24, p. 65-94, 2011.

PEIXOTO, J. **As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas**. Socius Working Papers, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, n. 11, 2004.

PELLEGRINO, A. Éxodo, movilidad y circulación: nuevas modalidades de la migración calificada. **Notas de Población**. Año XXVIII, nº 73, p. 129-162. Santiago de Chile, sep., 2001.

PELLEGRINO, A.; PIZARRO, J. M. **Uma aproximación al diseño de políticas sobre la migración internacional calificada em América Latina**. Santiago do Chile: Comisión Económica para América Latina - CEPAL – SERIE Población y desarrollo, n. 23, dez. 2001.

PIZARRO, J. M. **Globalizados, pero restringidos: uma visão latino-americana del mercado mundial de recursos humanos calificados**. CELADE: Santiago, 2005.

PIORE, M. M. **Notes for a theory of labor Market stratification**. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, oct. 1972.

QUINTANILHA, K.; SEGURADO, R. Migração forçada no capitalismo contemporâneo: uma análise dos fluxos e da nova Lei da Migração do Brasil em crise. In: BAPTISTA, D. M. T.; MAGALHÃES, L. F. A. (orgs.). **Migrações em expansão no mundo em crise**. São Paulo: EDUC: PIPEq, 2020. p. 85-122.

RAMOS, T. V. Imigrante, estrangeiro, expatriado - entre o desejo da hospitalidade e o encontro com a hostilidade. **Revista Conexão Letras**. Porto Alegre, V. 12, n. 18, p. 95-114, 2017.

SANTOS, M. A.; BARBIERI, A. F.; CARVALHO, J. A. M.; MACHADO, C. J. **Migração**: uma revisão sobre algumas das principais teorias. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, ago. 2010 (texto para discussão; 398).

SANTOS, R. C.; COSTA, L. D. A. A representação da luta nacionalista e dos efeitos da Grande Fome em “Black 47”. **Revista dos Estudantes de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia**. Salvador, n. 26, p. 266-380, dez. 2020.

SASAKI, E.; ASSIS, G. Teoria das migrações internacionais. In: XII Encontro Nacional da ABEP, out., 2000, Caxambu, **Anais...**

SASSEN, S. Será este o caminho? Como lidar com a imigração na era da globalização. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 64, p. 41-54, dez. 2002.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia – Revista do Migrante**, ano XIII (número especial), 2000, p. 7-32.

SCHWARTZMAN, L. F.; SCHWARTZMAN, S. Migração de pessoas altamente qualificadas no Brasil: do isolamento à integração internacional? Trad. Marlène Monterio. **Openedition Journals**. N. 7, 2015, p. 147-172.

SEGA, R. F. **Projeto Canadá: seletividades e redes de imigrantes brasileiros qualificados em Toronto**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

SEGA, R. F. **Produções ciborgues: imigrantes brasileiras & mídias sociais no Canadá**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

SENNETT, R. **A Cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2006

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2008.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. *In*: SINGER, P. **Economia Política da Urbanização**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 29-62.

STATISTIQUE CANADA. **Enquête nationale auprès des ménages de 2011**: tableaux de données. Disponível em: : <https://www150.statcan.gc.ca/n1/pub/11-630-x/11-630-x2016006-eng.htm>> Acesso em 27 fev. 2021.

TILLY, C. Migration in Modern European History. **Center for Research on Social Organization**. University of Michigan, Michigan, 1976.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social, revista de sociologia da Usp**, v.20, n.1, p.199-218, 2008.

VÉRAS, M. P. B. Contingências da moradia de imigrantes na sociedade de recepção: uma análise dos territórios da alteridade de latino-americanos em São Paulo. *In*: BAPTISTA, D. M. T.; MAGALHÃES, L. F. A. (orgs.). **Migrações em expansão no mundo em crise**. São Paulo: EDUC: PIPEq, 2020. p. 275-298.

VÉRAS, M. P. B. A provisoriade definitiva como ótica analítica do trabalho e da moradia para imigrantes. *In*: DIAS, G.; BÓGUS, L. M. M.; PEREIRA, J. C. A.; BAPTISTA, D. (orgs.). **A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad**. São Paulo: EDUC, 2020. p. 133-156.

VETTORASSI, A.; DIAS, G. Estudos migratórios e os desafios da pesquisa de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 7-28, jul./dez. 2017.

VIDEIRA, P. A mobilidade internacional dos cientistas: construções teóricas e respostas políticas. *In*: ARAÚJO, E.; FONTES, M.; BENTO, S. (eds.). **Para um debate sobre mobilidade e fuga de cérebros**. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2013. p. 138-162.

VILLEN, P. Crise e imigração no Brasil contemporâneo. **Revista Fontié ki Kwaze – Fronteiras Cruzadas**, São Paulo, n. 1, ano 1, p. 43-47, nov. 2018.

ANEXO 1 – Roteiro das Entrevistas

- Dados gerais do entrevistado: nome, naturalidade, idade, estado civil, se tem filhos.
- Qual o(s) curso(s) de graduação(s) e pós-graduação (quando houver), realizados no Brasil
- Qual a sua experiência profissional no Brasil?
- Já tinha mudado de cidade no Brasil para objetivos profissionais, antes da emigração para o Canadá?
- Já conhecia o Canadá ou outro país, além do Brasil?
- Já morou em outro país antes do Canadá?
- Quando mudou e em que cidade do Canadá mora atualmente?
- Qual o tipo de visto canadense que possui no momento?
- Emigrou sozinho?
- Se não emigrou sozinho, com quem emigrou e com quem mora atualmente?
- Qual a sua experiência profissional no Canadá?
- Qual sua posição ocupacional atual e período de atuação, e, é compatível com a qualificação adquirida no Brasil?
- Qual (quais) motivação (motivações) para a emigração?
- Quais os fatores de expulsão para a emigração?
- O que esperava conseguir no Canadá e que não teria no Brasil?
- Possui amigos/familiares no Canadá e que deram informações sobre o país/processo imigratório?
- Como foi ou está sendo a adaptação no Canadá? (dificuldades e barreiras encontradas).
- Pretende retornar ao Brasil ou mudar-se para outro país?